

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

JAYME SANTOS NEVES
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Memória da tuberculose no Brasil

Entrevistado - Jayme Santos Neves (JS)

Entrevistadoras - Anna Beatriz de Sá Almeida (AB) e Dilene Raimundo do Nascimento (DR)

Data – 12/11/1990 e 14/11/1990

Local – Vitória/ES

Duração – 3h58min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

NEVES, Jayme Santos. *Jayme Santos Neves. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória da tuberculose no Brasil*, 1990. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 105p.

Data: 12/11/1990

Fita 1 – Lado A

AB - Entrevista com o Dr. Jayme Santos Neves, para o Acervo de Memória da Tuberculose no Brasil da Casa de Oswaldo Cruz, entrevistado por Dilene Raimundo e Ana Beatriz de Sá Almeida

DR - É... Dr. Jayme, a gente sabe que o senhor nasceu em 1909, 24 de agosto de 1909, é... e seria aqui em Vitória mesmo, o local. E a sua família... é dr. Jayme, o senhor poderia falar um pouco pra gente.

JS - Bem minha família por parte de pai, é originária do norte do estado, por parte de mãe, minha mãe nasceu em Matozinho, portuguesa, seis anos mais velha que meu pai, e minha família Silva Rios, Lima Silva Rios, daí, é o que eu tenho sobre minha ascendência judaica, longe, mas não deixa de ter.

DR - O seu pai fazia o quê?

JS - Meu pai era médico, meu pai como médico, que foi um grande médico aqui de Vitória, Dr. Jayme dos Santos Neves, ele então falou eu me formei no ginásio do Espírito Santo em 1927, vinte e seis, ele me chamou e disse assim: "Bem, agora você terminou o ginásio, o que é que você vai fazer? O mais velho, ele quis que fosse médico (?), depois teve uma moça passou logo em farmácia, pra se formar mais cedo e casou-se, e outra foi ser professora, depois foi ser folclórica, foi pro folclórico e saiu da trilha e... você é o último". Eu disse: "Bem eu vou estudar câmbio, vou me encher de câmbio."

DR - Estudar?

JS - Câmbio (risos). (?) isso é em origem judaica, do lado da minha mãe, naquele tempo se falava câmbio; num jogo de pernas eu me encho de estudos. Ele aí disse: "Não, você é meu filho, e eu queria um filho médico, um dia então, você não resolve ser médico". "Também dá, posso fazer medicina também, acho um jeito pra isso".

DR - A escolha por medicina então foi bem influência dele, do seu pai?

JS - Influência dele, justamente. Então fui fazer o exame de vestibular em 1927 e me formei em 32.

DR - E porque o senhor cursou lá no Rio de Janeiro?

JS - Porque aqui não tinha.

DR - Aqui não tinha faculdade de medicina.

JS - No Rio, era Bahia, não é? Em São Paulo e Porto Alegre, talvez Porto Alegre e então, fui fazer o exame vestibular, passei mais ou menos bem, nesse tempo reprovava muito, era pouca faculdade, muita gente, muito candidato e fui, passei bem, fiz o primeiro, segundo, terceiro e o quinto ano de medicina, e me formei, mas fiquei lá mais um ano e me especializei. Isso como eu disse foi em 1927, fiz o primeiro ano. Naquele tempo era muito difícil, medicina reprovava, eram muitos candidatos e pouca faculdade, de maneira, que era preciso muito cuidado, e os exames eram rigorosíssimos, a gente passava matéria as vezes por três professores, e me lembro que era o professor, professor Werneck, que era de química, era o mais rigoroso de todos, por isso eu guardei o nome.

DR - E, era difícil ser aprovado de um ano pro outro?

JS - (?) primeiro o vestibular.

DR - Ah, tinha o vestibular pra entrar na faculdade.

JS - Porque eles reprovavam muito, porque eram poucas faculdades e muitos candidatos... e o índice de reprovação era muito grande. Então eles faziam prova escrita, prática e oral. E passava então, por três professores, cada um dava nota, depois somava, o índice de reprovação era muito grande. Mas graças a Deus, eu sempre tive muita sorte, estudei bastante, de maneira, que fiz os exames e passei perfeitamente bem, perfeitamente bem, eu digo no seguinte: naquele tempo tinha 400 alunos pra entrar, e eu fui o quadragésimo primeiro...

DR - Foi bem (risos).

JS - então sou 10% daqueles alunos (risos).

DR - É... (risos).

JS - E aí então, daí pra frente fiz o primeiro ano, segundo, terceiro, quarto e quinto, sexto, seis anos de medicina. Mas estudei mais, mais um ano lá no Rio só pra fazer especialidade de tuberculose.

DR - Agora ainda na universidade, como é que era o ensino universitário nessa época?

JS - O ensino era, era muito teórico, e muito teórico.

DR - Sim.

JS - ... é ... sobretudo muito teórico, o professor dava sua aula, nem conhecia os alunos nem nada e saia. Eu peguei um professor, não vou dizer o nome, (?) eu assisti a primeira aula, muito bem falada etc. e nada, e nem interesse nenhum com... com aluno.

DR - Com aluno.

JS - Vai fazendo um negócio quase que automático, ia lá, dava aquela aula e saía, não era pra mim. Então eu procurei outro, e se podia procurar outro, eles não tomavam nem frequência. Então eu procurei outro, esse da Santa Casa (?)

DR - As aulas sendo dadas na Santa Casa, não tinham partes práticas, nas, nas enfermarias?

JS - Com aquele professor não tinha parte prática.

DR - Ah, com aquele professor.

JS - Eu então, procurei outro, não tomavam frequência... (risos)

DR - (risos). Então será possível...

JS - Eu então procurei a Santa Casa e chequei na décima enfermaria, décima enfermaria, se não me engano, e estava lá o professor Irineu Malagueda, (?) mas ele era um homem absolutamente excepcional, então eu fiquei assistindo as aulas dele, que eram sobretudo práticas, com doentes presentes, e se discutia caso por caso, desde o exame até o diagnóstico final, e eu fiquei assim, vi as perguntas dele, tomava nota de tudo. Já no terceiro dia ele disse: "O senhor aí, quem é? (risos) "Jayme Santos Neves". É meu aluno?" "Bem, eu frequento as suas aulas (risos), a outra era muito teórica, o senhor é prática, gostei muito". "Então vem pra cá, porque medicina se aprende na cabeceira do doente". E nunca mais me soltou, porque ele chegava assim: "Santos Neves, cadê? Pra cá. Não é ouvindo que se aprende medicina, é praticando". E eu fiquei com ele (?) (?) e até o ponto que ele dava aula na Santa Casa, mas ia depois pro São Sebastião, lá longe né?

DR - No Caju.

JS - Exatamente, então ele me levava de automóvel, e eu ia com ele até lá, tomava conta da enfermaria e ele, e ele é que me fez médico, de todos os professores que me ensinaram eu tive muitos professores, mas o que me entendeu mesmo, e que me fez médico foi o professor Irineu Malagueda e, depois tive a satisfação quando me formei, e me despedi dele, pegou um livro que eu tenho, e botou a dedicatória: "Ao Jayme Santos Neves sagrando cavalheiro na medicina. Irineu Malagueda". (risos). Só pra lembrar, tenho o livrinho até hoje e não me esqueço nada. Infelizmente esses professores e sobretudo, esse que gravei bastante, os outros já morreram.

DR - Ele era professor de que? Que cadeira?

JS - Clínica médica.

DR - De clínica médica.

AB - No quarto ano.

JS - Mas eu saía com ele de lá, ia pro Caju, de automóvel, pra baixo e pra cima, ele simpatizou comigo e viu meu interesse nesse caso(?) diagnóstico que eu fiz (?) que eu não sabia nem muito

o nome da doença, pra ver como era o método dele, e olha chegava para fazer o diagnóstico, e ele chega no final e diz pro assistente dele: "Existe uma doença (?) que aqui não existe, porque se existisse era ela". E era (risos). Quando ele chegou e disse o diagnóstico, eu olhei pro auxiliar dele, como quem diz; diz pra ele que eu já tinha feito (risos).

DR - Que já tinha feito esse diagnóstico?

JS - (?) era meu (?) era tão perfeito que a gente fazia um diagnóstico de uma coisa que assim não parecia existir, né. Mas pra ele sobretudo, (?) e ele tinha também uma enfermaria de tuberculose, era um hospitalzinho, Afonso Pena, lá no São Sebastião.

AB - No pavilhão Afonso Pena, era sobre supervisão dele?

JS - ... supervisão dele, ainda existe?

AB - O pavilhão está com outros rumos.

JS - Mas isso é outra coisa porque naquele tempo era tuberculose...

AB - Foi o pavilhão cedido pra localizar o Instituto de Fisiologia, pneumologia.

JS - É, tá ótimo, ótimo, e lá que eu...

DR - E na faculdade, quer dizer, fora da disciplina do professor Edmundo Malagueda, existia espaço pra esse, pra ensino dessa loucura da higiene?

JS - Não.

DR - Não.

JS - Nada.

DR - Era clínica médica?

JS - Clínica médica, sobretudo patologia essas coisas todas. Naquele tempo não tinha, e como eu disse, tinha uma série de professores que era só teórico, chegava recitava o seu, sua aula, agora tinha como ele.

DR - Quer dizer, com isso o senhor desde o quarto ano, o senhor foi se conduzindo pra áreas de infecciosas?

JS - Área de... sobretudo de tuberculose, que era doença terrível, naquele tempo, como matava, não tinha tratamento absolutamente nenhum, a estreptomicina nasceu muito depois de eu formado (?)

DR - O senhor não saiu daqui de Vitória pra fazer a faculdade pensando em tuberculose?

JS - Não, não.

DR - Pensava em medicina, não tinha ainda área específica?

JS - Não, eu pensava como eu disse em estudar câmbio, não é(?)

DR - Sim, mas aí, ao aceitar fazer medicina...

JS - Ao aceitar fazer papai eu pensei tuberculose porque era a doença mais grave, que tinha aqui que matava aqui em Vitória bastante.

AB - Então o senhor já saiu daqui com a tuberculose em vista?

JS - Não, devia estar no subconsciente, pra depois eu fazer isto, porque naquela ocasião, quando eu me formei, pra você fazer uma idéia, foi em 1932, a mortalidade da tuberculose em Vitória era de 500 por 100 mil habitantes, 500 óbitos de tuberculose, por 100 mil habitantes, uma das maiores do mundo, mas também, como eu estudei bem o caso, ela era uma tuberculose de empréstimo, quer dizer, no Estado todo não tinha nada pra tuberculose, então vinha todo mundo, gente pra burro.

DR - Pra Vitória?

JS - ... e então, aqui era... e então ficava aqui tinha a Santa Casa, que tinha uma enfermaria lá e vinha aqui e morria aqui, então até eu chegar, porque aí morriam muitos (risos).

DR - Quer dizer, durante a faculdade o senhor fez estágio, foi só, foi só na clínica do professor Edmundo Malagueda...

JS - Estágio mesmo sim, o resto era só aula teórica.

DR - O senhor conheceu a clínica do professor Hélio (?) durante a universidade?

JS - Hélio (?) não, não só nome.

DR. - As turmas na faculdade eram muito grandes, na sua época?

JS - Muito grandes, muito grandes, porque eram, eram poucas faculdades, clínico era o que tinha, faculdade da Bahia (?) onde estudou meu pai, e se formou, Porto Alegre (?) Rio, São Paulo, Recife...

DR - Recife acho que já tinha.

JS - Nessa época, vamos dizer assim talvez uns 100, o resto não tinha. Mas é bom você passar essa vida toda e, depois ter exclusividade.

DR - É, dentre, dentre esses os seus colegas de turma, alguém mais se sobressaiu como médico, como o senhor?

JS - Bem, eu não sei se me sobressaiu como médico, as turmas eram enormes.

DR - Olha, a gente veio do Rio aqui fazer entrevista (risos).

JS - Eu tenho, quem pode responder muito bem sobre isso é o (?) se precisar depois eu dou o endereço, que dessas pessoas que tomam conta da turma e ficam vendo, ficam vendo como é que está, extremamente útil isso, e ele levou aquilo com caráter, não era ligado a mim naquela ocasião, mas procurava os médicos todos pra ver o endereço tudo antes, então ele me disse o seguinte, vou contar, ele escreveu e disse assim: "Bem da nossa turma já morreram 250" (risos) (?) é... agora meus colegas de lá (?) todos (?) Francisco Plata Mendes, que era irmão dele e Expedito de Oliveira Gomes, que não era parente dele, eram os três paulistas que...

DR - Que o senhor se dava mais?

JS - (?) Não sei se estão vivos, não sei se estão vivos, tomara que estejam (risos) e eram muito inteligente, Expedito, Werneck, o Chico, Francisco muito inteligente (?) estou sem notícias dele, ou se você souber me dê notícias dele, ou dá notícias minhas... (risos)

DR - (?) É.... doutor Jayme, quer dizer, a opção pela tuberculose a gente já percebeu que foi influência do professor Malagueda né... é... em (?) uma pessoa ligada a sua formação universitária, agora é, o senhor se lembra como é que o senhor viu, nesse momento dessa escolha, no momento que o senhor começou a se colidir pra tuberculose, o significado dessa escolha, nessa época em termos de, o conhecimento que se tinha até que ponto se tinha um conhecimento da tuberculose, a... possibilidade de intervenção sobre a doença, a magnitude da doença nessa época.

JS - Bem...

DR - ... e perspectivas, né para um médico que faz essa opção, cuidar a tuberculose?

JS - As perspectivas não eram muito boas, as perspectivas não eram muito boas não tinha aparecido ainda (?) que cura 100% dos casos, então o tratamento como eu disse era através de pneumotórax, injeção de ar na pleura, quando havia (?) e, a tuberculose no início era generalizada e aquele estado que não tinha absolutamente nenhum médico especializado ainda, tanto na capital e no interior, o pessoal do interior todo vinha pra cá e, e era tratada aqui. Aqueles que podiam ficar, porque pneumotórax demorava muito, as vezes um ano, dois anos (?) (?)

DR - Eram clínicos gerais que atendiam a tuberculose?

JS - Eram clínicos gerais que atendiam a tuberculose pra fazer quase nada, né. Geralmente não dava tempo. E quando eu me formei cheguei aqui em Vitória, em 1933, me formei em 32, cheguei aqui, abri o jornal, e estava lá assim: "o senhor interventor" (naquele tempo era

interventor) era o (?) foi um grande interventor, (?) acho que já morreu, não tenho certeza; "Vai dado o elevado índice de tuberculose no estado, vai construir um sanatório (?), Eu digo: poxa parece de propósito, eu chego aqui com a especialidade toda, então eu vou procurá-lo. (?) acho que está vivo.(?) Então, fui procurá-lo, era um homem extraordinário. Então eu fui lá e disse: "Olha eu li isso no jornal, mandaram eu vir conversar, eu vir conversar com o senhor, porque não existe mais essa história de (?), existe um tratamento muito agressivo contra a tuberculose, não cura 100%, mas ajuda bastante, de maneira (?) começa a tratar de (?)". "Vamos ver o seguinte, vamos botar um hospital (?) ele disse: "Mas aqui em Vitória dá? Aonde?" (?) o hospital.

DR - (?) é centro, não um bairro.

JS - Não, um bairro, e naquele tempo lá tinha uns morrozinhos, então ele disse: "Vamos lá".

DR - Ele estava disposto?

JS - Saímos, chegamos lá em (?), depois subimos um morrozinho (?) e tudo; eu disse: "Olha, aqui está ótimo, podemos construir um hospital aqui, aqui na frente, virado pro nascente, naquele tempo era banhos de sol, tudo isso né, e ele olhou e disse: "Mas aqui é o horto". Onde faz as plantações e vende as coisas todas. Eu disse: "Ótimo, eles ficam trabalhando", e ele disse: "E quem compra?" (risos)

AB - Quem vai comer (risos).

JS - Aí ele me disse assim: "Aí está certo, embora a tuberculose não pegue através disso", mas vamos adiante, vamos construir o hospital (?)

DR - Mas o senhor não tentou convencer não, não seria possível ninguém compraria mesmo.

JS - Não ele disse assim (?) ele me mostrou como é que estava o sanatório. Conhece o sanatório?

DR - Não, de vaga.

AB - Não, não conheço também não.

JS - Então, era um morro formidável, eucalipto etc. e tal (?) e ele que me mostrou, ele disse assim: "Pôxa, esse (?) você me dá tudo isso?" Dou. "E me dá aquele morrinho, do outro lado também?" (risos) Dou. "Você se compromete a construir (?) hospital". Eu digo: "Tá certo, o senhor me dá isso aqui que eu já tenho argumentos pra ir ao Rio pleitear o hospital". E procurei no rio o professor Samuel (?) que era, era de uma grande inteligência, mas era um homem muito sério, e sobretudo muito bom, então conversei com, com ele, falei sobre dar (?) a minha ajuda; "Bem, com ajuda o estado pode dar também alguma coisa, não o estado dá, talvez o município, pensei que... nós faremos um hospital lá, ele disse assim: "Mas não é por aqui, e eu faço plano (?). Então vim pra cá e instalei o hospital, era o hospital Getúlio Vargas, naquele momento. Viram o hospital de clínico? Primeiro hospital de clínicos lá?

AB e DR - Não, não.

JS - (?) esse sentimento que era um bom hospital, então fui pra lá. E ele disse: "Bom você se compromete a fazer..."

DR - Ele era do estado.?

JS - Do estado. "Você se compromete a fazer" "Perfeitamente". Fui pra lá, procurei um arquiteto, quer dizer, tive muita sorte de encontrar Olímpio Brasiliense, que era um arquiteto de mão cheia. Expliquei a ele como que eu queria, e ele e eu fizemos o projeto daquele hospital, então veio o seguinte, um milagre por assim dizer, ele tem varandas grandes, que era pro banho de sol. (risos)

DR - As varandas de cura?

JS - De cura (risos), e eu ficava... primeiro hospital de clínicos, (?) bem era outro que tinha problema, e agora dinheiro pra construir (?) se prontificou, foi lá verificar (?) era lá na...

AB - Na rua do Resende?

JS - Na rua do Resende mesmo, era lá. Conversei com o diretor, mostrei a carta, e ver se ele arranjava alguns recursos (?) e ele leu, e ele deu algum dinheiro, algum dinheiro, que é pra começar, o estado deu outro mucadinho da prefeitura, acabamos fazendo o hospital, e ele veio à inauguração, que foi em 49 se não me engano, lembro até o dia (?) ele veio tem as fotografias todas da vinda dele aqui, e isso tem as fotografias todas da vinda dele, e ele inaugurou o hospital que ficou com o nome de Hospital Getúlio Vargas, então arranjamos um pouco de dinheiro.

DR - Esse nome foi por que?

JS - Getúlio Vargas?

DR - Sim.

JS - Porque ele era o dono do tutu.

DR - Getúlio Vargas?

JS - Era o presidente, se não era presidente, o que ele era?

DR. - Presidente.

JS - Ditador, mas era um homem muito importante, muito correto, se falava muito o nome dele (?) suicidou-se, era um homem excepcional em todos os sentidos, meu irmão conhecia muito bem ele né, e ele sempre bem intencionado, até chegar a situação do partido (?). Bem, o Samuel veio então, não sei se era secretário ou ministro da saúde do governo, acho que era ministro da saúde, fizemos um (?) com o nome dele, veio um mucadinho de verba de lá daquele estado (?) então fizemos uma porção de festas, festas coletivas com moças da sociedade todas (?) porque tinha muita tuberculose, naquele tempo não era só pobre coitado, (?)em plena sociedade (?) que

nós fazíamos, criamos um comitezinho de senhoras, e nesse comitê tinha uma senhora chamada Edite Gomes Prado.

DR - Como?

JS - Edite Gomes Prado, que tinha um filho tuberculose que eu tratei dele, então fazia festas, e as festas eram dadas a nível de (?) e a (?) construir, arranjou mais dinheiro federal, o hospital tá lá, e o primeiro hospital geral, não existe mais tuberculose.

DR - Quer dizer, que o caráter de hospital público...

JS - Sim, sempre foi um hospital... um hospital pra atender tuberculosos, e o grosso dos tuberculosos eram pobres, e ninguém pagava nada e viviam com contribuições federais e estaduais.

DR - De doações.

JS - ... e doações e festinhas etc. (?) depois então, não tinha cirurgia naquela ocasião, não é, depois então nós conseguimos um médico, que fez estágio no Rio chamado (?) e o (?) começou a cirurgia torácicas no estado, primeira cirurgia do tórax.

DR - E ele começou no sanatório.

JS - No sanatório fez no estado do Rio, depois então veio pra cá.

DR - Isso começou quando, o senhor lembra?

JS - Bem, em 49, começou no hospital, 1949, vamos dizer assim, foi na década de 50.

DR - Tá.

JS - E já está a coisa bem, bem aproximada. E o que mais. Bem depois foram surgindo as outras, as drogas todas.

DR - A gente estava falando ainda é... a gente estava falando ainda da universidade, talvez fosse o caso da gente voltar, a ela, porque o senhor entrou no sanatório, porque foi uma, uma atividade que o senhor logo...

JS - Exatamente.

DR - ... se comprometeu né, assumiu, assim que voltou como médico pro Espírito Santo, mas a gente estava ainda no momento dessa escolha, quer dizer, na saída da, da universidade, né, quer dizer, já como médico já tendo optado pela tuberculose, como que era essa escolha nesse momento, foi quando o senhor começou a falar do sanatório Getúlio Vargas.

JS - Sim, justamente.

DR - E a gente queria sabe um pouco mais, exatamente desse momento né, que o senhor se formou, como que era, como é que as pessoas viam a tuberculose, o senhor disse que a tuberculose atingia todo mundo.

JS - Vima com terror, viam com terror, mas antes do sanatório mesmo que foi em 49, como eu disse, eu cheguei aqui logo em 32, fundei a liga em 34, e me apresentei, e, né especialista, então arranjamos umas salas aqui (?) e criamos o dispensário, foi o primeiro dispensário de tuberculose, aqui no estado chamado dispensário Antônio Fontes, em homenagem a Antônio Cardoso Fontes, o homem que trouxe o BCG pra cá, né, e o Fontes veio...

DR - Esse, esse dispensário então não era do estado?

JS - Era do estado.

DR - Era do estado.

JS - ... da secretaria.

DR - Então tá.

JS - Quer dizer, eu cumprindo tudo aquilo que eu tinha prometido ao interventor, que dizia aplicar recursos etc. e a liga e festas etc., fizemos... justamente ali em frente a faculdade de odontologia. Do lado de cá dispensário Antônio Fontes, era o dispensário Antônio Cardoso Fontes, Antônio Cardoso Fontes, que (?) etc. a gente falava nisso. Aqui então, é que eu vim conhecer o professor (?) (?)

Fita 1 – Lado B

JS - Tem o seguinte... Mas o que mais?...

DR - O senhor estava falando de dispensário, que o senhor foi pra Vitória e fundou, quer dizer, criou um dispensário também.

JS - O dispensário, pus o nome de Dispensário Antonio Fontes... Antonio Cardoso Fontes, né?

DR - Isso, o senhor disse isso cumprindo o combinado com o interventor...

JS - Justamente.

DR - ... do Espírito Santo, que daria conta, daria conta da tuberculose no estado.

JS - E o dispensário, e o hospital aqui só tinha nesse auditório de tuberculose, (?) naquele tempo era (?) bem...

DR - Agora nessa, nessa época doutor Jayme, por que o senhor acha que as pessoas adoeciam, por quê que adoeciam tanto de tuberculose.

JS - Não... porque tuberculose era e é uma doença altamente contagiosa, dava sobretudo em, em focos, então dava na família e pegava a família toda, aqui tinha uma, uma família por exemplo, morava ali adiante, não preciso dizer o nome, mas era família Ribeiro de Souza, que o pai era, coitado dele, uma porção de filhos, era todo ano (?) mas era um atrás do outro, mas um deles, o mais velho, que tinha recursos estudou, estudou na Alemanha e lá pegou tuberculose e veio pra cá...

DR - Pegou na Alemanha?

JS - Alemanha, pegou tuberculose, veio pra cá, contagiou a família toda, namorava a minha irmã (risos), contagiou a família toda (?)

DR - O senhor mesmo não teve tuberculose?

JS - Não, não, e isso eu era bem pequenininho ainda, então (?) e os outros forma morrendo (?) sobrou o velho, José Ribeiro de Souza, então morria, e ia fazer outro? Vamos botar o mesmo nome (risos)

DR - Pra substituir, mesmo integralmente.

JS - (Risos) e, e então eu comecei a tratar de alguns deles, eu comecei a tratar, quase não tinha nada, o tratamento era pneumotórax.

DR - E... e tinha diferença de tratamento assim para as pessoas, digamos assim mais pobres, e as pessoas que tinham melhor situação naquela época?

JS - Nenhuma, era só o mesmo, era só o mesmo, porque era injeção de ar, injeção de ar na pleura.

DR - Mas aí no local de fazer esse atendimento era diferente?

JS - Bem, era nos dispensários, mas ...

DR - Todos se dirigiam ao dispensário?

JS - Ao dispensário ou ao posto de saúde, o posto de saúde encaminhava pra Vitória, porque só Vitória tinha então, e pneumotórax era perigoso, uma vez que podia matar, tinha que ter um cuidado enorme... então por causa disso eu fazia radioscopia (?) pra fazer radioscopia pra ver se me pegava, porque podia matar, então graças a Deus, continuei nos casos.

DR - Só introduzia.

JS - ... de contração muscular, e inúmeras vezes era pequeno, botava, abaixava a cabeça dele, e graças a Deus não perdi nenhum; um colega meu que se especializou comigo perdeu dois casos no consultório.

DR - O senhor introduzia a agulha e aí fazia a radioscopia?

JS - A agulha entre as duas pleuras.

DR - Sim, e aí introduzia a agulha lá pra fazer a radioscopia, pra ver se estava no lugar?

JS - Não, não entrava e via aquela pressão do aparelho (?) depois então, quando ele vinha, uma outra vez, eu espiava a radioscopia pra ver se o pulmão estava bom, e poder enfiar a agulha tranqüilo ou não.

DR - Ah, sim, já na volta.

JS - Já na volta.

DR - Por que aí já na, na segunda vez não teria pressão no aparelho, o aparelho não, não denunciaria a pressão?

JS - Não, denunciava, mas a pressão era é que um vácuo ali dentro, o que não se sabia é se estava a agulha próxima do pulmão ou não...

DR - Sim...

JS - ...a questão era se podia enfiar a agulha tranqüila, ou se ia com muito cuidado pra não ferir a pleura, era um horror. Mas eu, eu... naquela ocasião eu curava aproximadamente 45% dos meus casos de tuberculose, que eram de 20 a 50 milhões (?)

DR - Só como o atendimento no dispensário?

JS - Atendimento no dispensário e pneumotórax...

DR - Pneumotórax.

JS - ... foi então, nos anos de 50, se não me engano que apareceu a estreptomicina, foi a...

DR - Foi sim na década de 50 que começaram a aparecer.

AB - E professor era, era um tratamento bem longo né...

JS - Bem longo, geralmente de dois anos.

AB - ... que dependia muito da assiduidade das pessoas, e isso complicava muito?

JS - Complicava muito, sobretudo o pessoal do interior que vinha pra cá né.

AB - ... muito abandono.

JS - Tinha muito abandono, por isso também que eu (?) indivíduos... realmente a classe mais baixa lutava muito; "Ah, eu estou bom"

DR - E aí não voltava.

JS - E não voltava, então a perda era grande nesse sentido, mas o percentual de 45% era muito bom, com toda... as dificuldades todas. Depois apareceu a estreptomicina em 1950, 52, depois a perenzina mesmo só apareceu bem recentemente, estreptomicina (?) até chegar (?) hoje em dia, é o que eu digo, hoje em dia, a tuberculose é uma doença que se pode ter pra escolher, porque trata perfeitamente, porque pode comprar, piranzina nas farmácias (?) trata e cura, seis meses cura e não volta mais, pode voltar (?) então você teve, fez o tratamento certo, fez um receitão (?) vai ver que teve um diabete, porque diabete reprime a imunidade completamente (?) então se ele curava normalmente (?) a não ser que pegasse diabete.

DR - Pegasse uma outra tuberculose?

JS - ... uma outra doença, diabete, pra ele então pegar o contágio de novo. Quer dizer, essa é uma história bem velha (risos)

DR - Sim, mas a gente quer isso aí mesmo.

JS - ... estamos nas origens... (risos)

DR - É... porque a gente quer saber toda sua experiência, sobre a tuberculose, lá gente vai tentar assim, tirar o máximo do senhor, se preserve porque o senhor vai se cansar muito ainda. Olha só, ainda nessa época, quer dizer, da formatura, a gente estava querendo ver a questão da tuberculose nesse momento, e aí já entrando no curso de tuberculose que o senhor fez, no curso do professor Clementino Fraga né?

JS - Foi o primeiro curso (?)

DR - É a gente queria que o senhor falasse um pouco desse curso, porque o curso como é que é esse curso.

JS - Foi o primeiro curso que houve no Brasil de tuberculose, foi o professor Clementino Fraga, pai do Hélio Fraga, que foi o diretor depois do hospital de tuberculose, foi exatamente antes de mim (?)

DR - Era do professor Hélio Fraga, não era do Clementino Ferreira?

AB - Não ele era pai do Clementino, Clementino pai do Hélio Fraga.

JS - O Clementino era pai do Hélio Fraga.

AB - ... dando referência...

DR - Ah, tá.

AB - Isso.

JS - Então...

AB - Porque a opção pelo curso, o senhor...

JS - Na dele... (?) e foi exatamente na hora da formatura que estava querendo cuidar disso, então, Deus ajudou e fiz o primeiro curso, um pouco teórico também, não existia quase tratamento nenhum, era pneumotórax, mas (?)

DR - Pra fazer o curso tinha prova pra entrar, não?

JS - Não, não porque pouca gente ia, de maneira que o curso era de poucas pessoas.

AB - Era isso que a gente queria saber, eram poucas pessoas que faziam o curso.

DR - Era curso pra médicos, né?

JS - Médicos.

DR - ... médicos depois de formado faziam, faziam especialização em fisiologia.

JS - Justamente, logo, logo no final, logo no final da formatura, quer dizer, de janeiro possivelmente de janeiro a março...

DR - Sim.

JS - ... não tenho bem certeza, mas possivelmente era de janeiro a março esse curso.

DR - O senhor lembra quantos tinham na sua turma, pra gente fazer?

JS - Da minha turma toda?

DR - Não, na sua turma do curso do Clementino Fraga.

JS - Ah, do curso eu acho que tinha uns 18 mais ou menos.

DR - 18.

JS - Acredito que seja mais ou menos isso, uns 18 só. E o curso era muito teórico.

DR - E durava um ano, não?

JS - Não, não se não me engano era de seis meses.

DR - Seis meses.

JS - E a coincidência de ter, logo, logo me formar e logo após fazer o curso (?)

AB - E o curso era todo...

DR - O senhor estava todo puxado para ele.

AB - E o curso todo dado pelo Instituto Clementino, ou tinha participação de...

JS - (?) tinha participação o curso Clementino era tão grande que eu esqueci dos outros (risos).

AB - E a parte prática do curso era dada no São Sebastião?

JS - São Sebastião.

DR - Agora o senhor fez também um curso já em 44 né, 1944, um curso nos Estados Unidos?

JS - Bem eu não fiz propriamente um curso nos Estados Unidos. Eu nos Estados Unidos, eu fui numa ocasião (?).

DR - Isso.

JS - ... mas eu (?) mas depois, depois não sei porque razão, surgiu um problema grave na fronteira México e Estados Unidos (?) eu também não sei porque razão me acharam e, me convidaram pra ir (?) então eu fui pra lá e trabalhei na fronteira, acho que uns seis meses. E, e interessante pra ver o espírito americano, e está provado, eles não acreditam muito no latino-americano, têm suas razões pra não acreditar, mas pensam que são os tais, então na minha conversa com ele eu fui mal, e ele foi muito franco comigo, e eu fui dizer a ele que deve estar, estão próximos (?) vocês devem ter casos de tuberculosos demais (?) "Isso nós não temos", e pela lógica devem ter formas graves. "Por que?" Porque a mão-de-obra doméstica (?) o americano não tem, vocês importam. "É isso importamos". Então essa forma vocês devem ter, então ao contrário vocês devem ter forma primária de tuberculose pulmonar. "Não temos". É uma surpresa pra a ciência (risos). Eu não sei se ele se impressionou com isso, porque antes de ir, ele me chamou e disse: "O senhor me desculpa, o senhor tem toda razão, mas eu não o conheço... (risos)

DR - Ele disse que não conhecia o senhor?

JS - Não conhecia.

Dr. Pra confiar assim alguma coisa que o senhor pudesse dizer.

JS - ... "Mas pela sua conversa de certo deve ter refletido muito, o senhor tem razão". Então me mostrou as chapas, não tinha abreugrafia, eram chapas grandes (?) (?) "de fato o senhor tem razão, então me desculpe". Não tem importância, o senhor está sendo franco, mas eu fico satisfeito, quer dizer, o meu raciocínio aqui epidemiológico estava absolutamente certo. (risos)

DR - Sim.

JS - ... por isso que eu fico satisfeito (risos)

DR - O conhecimento da doença também está correto (risos), quer dizer, esse (?) não foi um curso, fui um...

JS - Não, não foi mais uma visita.

DR - Era um instituto especializado em tuberculose lá?

JS - Tuberculose, justamente. Mais pro norte dos Estados Unidos.

DR - Dos Estados Unidos e foi quando o senhor estava aí e que foi convidado a ir na fronteira...

JS - Não, não, depois eu vim pra Vitória, tudo isso eu não sei porque surgiu o meu nome pra ir pra lá, talvez estivesse ouvido especialistas, doutor Barros Barreto que era meu fã...

DR - Hã... E ele tinha *lobby*, né?

JS - O melhor diretor de saúde pública que o Brasil já teve em todos os tempos uma espécie de guia(?) (?)

DR - Agora tem uma informação no seu curriculum, de um outro curso, um curso especial de extensão universitária também nos Estados Unidos.

JS - É...

AB - Na Columbia University.

JS - É... foi a maneira de ir pra lá e fazer um curso, nos Estados Unidos, então fiz um curso naturalmente ligeiro, não foi muito tempo não, mas eu fiz um curso.

DR - Foi antes de ir no instituto...

JS - Foi antes.

DR - Ah, tá. O senhor fez prova pra esse curso?

JS - Não, não.

DR - Quer dizer, o interesse não era exatamente...

JS - Felizmente, não porque se eu fizesse...

DR - O senhor foi indicado...

JS - ... talvez eu fosse reprovado porque meu inglês naquela ocasião era muito fraco (risos), ainda é, ainda não é bom, mas em todo caso dá pro gasto.

DR - O senhor foi indicado pra fazer o curso?

JS - É, eu estava no Rio eu não tenho bem certeza disso, mas acho que é, a indicação deve ter vindo do Rio, porque eu estudava lá. (?)

DR - Mas o curso mesmo não teve mesmo muita importância, ainda é.

JS - Não, muita importância não...

DR - ... a idéia era ir aos Estados Unidos.

JS - Porque de fato nós sabíamos mais tuberculose do que ele, porque tínhamos os tuberculosos suficientes.

DR - E eles não tinham poucos tuberculosos.

JS - Isso é um frequência um título, um diploma...

AB - E tiveram outros brasileiros participando desse curso com o senhor, ou o senhor foi... nesse momento?

JS - Nesse curso, nesse curso acho que tinham três brasileiros, eu não me lembro o nome, não tenho certeza...(?) tenho impressão que eles fizeram também esse curso e fizeram a especialidade toda de uma vez. Isso eu não posso saber.

DR - Agora ainda sobre o curso de especialização, de aperfeiçoamento, mais adiante, em 42 o Ministério de Educação e Saúde também é... promoveu um curso de fisiologia né, o senhor lembra disso?

JS - Em 42?

DR - É, começou.

AB - Um curso dado pelo, pelo DNES, Departamento Nacional de Saúde.

DR - Que depois a Campanha Nacional contra a tuberculose absorveu esse curso e passou a dar esse mesmo curso, como é que o senhor via esse curso nessa época, foi mais ou menos em 42?

JS - Em 42, eu estava aqui.

AB - Já estava em Vitória.

JS - Estava tratando de tuberculose, eu me formei, isso em 32, mas nesse curso eu não compareci, (?) esse primeiro curso (?).

AB - E, e era num momento onde se estava tentando um maior espaço para especialização.

JS - Justamente.

AB - ... como o senhor disse, o seu curso em 32.

JS - (?) mas como eu disse, as drogas, o progresso estava voltando(?).

AB - E pra concluir o curso do Clementino Fraga, voltando um pouquinho, o senhor considera que aquele curso formava especialista em tuberculose e saiam de lá.

JS - Formavam especialista e saiam como especialista dentro dos conhecimentos da época.

AB - Sei.

JS - ... Sim.

AB - Era um espaço para forma especialista em tuberculose...

JS - Justamente...

AB - ... no Rio não tinha outro espaço, na Bahia também não trabalhava...

JS - Na Bahia tinha um bom curso de saúde, um dos melhores naquela ocasião, Cadante, onde estudou meu pai, meu pai se formou na Bahia e foi um grande especialista em tuberculose, ele nem queria saber que eu fosse (risos) (final da fita número 1)

Data: 14/11/1990

Fita 2 – Lado A

AB - Continuação da entrevista com o Dr. Jayme Santos Neves, Vitória dia 14 de novembro de 1990. Dr. Jayme, a gente continuaria a entrevista agora. Do que a gente já conversou, a gente gostaria que o senhor falasse um pouco mais, é...

JS - Sobre?

DR - ...sobre a doença tuberculose, na época que o senhor se encaminhou pra essa especialidade da... da doença, qual o significado que a tuberculose tinha nessa época. O senhor já nos falou que - quando a gente perguntou o que significava a tuberculose --, as pessoas tinham pânico da tuberculose. O que mais? Como é que era o comportamento dos grupos sociais da época, em relação a tuberculose? Como é que a família se comportava diante de um... de um doente de tuberculose, de um familiar tuberculoso nessa época?

JS - Eu contei uma história da *miss* pra vocês não?

DR - Não.

JS - *Miss* é interessante, porque logo que eu me formei, vim pra Vitória como especialidade, me formei no Rio, e cheguei aqui, um dos primeiros clientes logo que eu fui chamado, foi ali perto do palácio do governo. Fui ver. Era uma moça jovem e... uma moça até bonita, muito jovem, e que estava deitada para eu examinar. Eu fui, escutei, olhei; naquele tempo a escuta funcionava muito mais, e encontrei um processo provavelmente tuberculoso num pulmão. Aí o problema era dizer, mas...

DR - O problema era como falar pra ela?

JS - Como falar pra ela. Então, dei um tempo. "Ah, vou pedir radiografia, pra não dizer logo de saída". E saí, e saí diretamente assim e ouço um barulho atrás de mim ..."O que é isso?". Fui até a porta, quando cheguei à porta olhei pra trás não vi nada, olhei pra baixo; era a mãe dela, a mãe dela que vinha de joelhos, ela se esqueceu de levantar de tal o susto, o pavor de que aquilo fosse tuberculose. E ela disse: "Doutor é tuberculose?". Eu digo: "Bem, não se pode dizer nada por enquanto, porque ela vai bater uma chapa, fazer um escarro, e depois então nós vamos ver se é ou não". Mas isso exprime bem o pavor que era: de joelhos e esquecer de levantar. Bem, era tuberculose. Eu tratei dessa moça. Essa moça era muito bonita, ela foi *miss* Vitória; foi para o concurso de *miss* Brasil, e obteve segundo lugar no concurso de *miss* Brasil (risos). Está muito bem disposta até hoje (risos).

DR - E isso tudo depois de uma tuberculose.

JS - Isso depois de uma tuberculose. Era um drama da época; pra ver o pavor da tuberculose, pra depois ter uma cura até ser *miss*. Chegou em segundo lugar de miss Brasil, não chegou a ser *miss* Brasil, se eu não me engano. Mas define bem o pavor que era, uma pessoa, uma mãe esquecer de levantar e vir de joelhos para perguntar. Porque era um horror, o tratamento era de pneumotórax - eu acho que disse a vocês --, injeção de ar na pleura.

DR - Entre as pleuras.

JS - É... E eu cheguei a fazer, acho que disse a vocês. De um lado e do outro e embaixo, nessa moça não (risos). Mas... e levava quase que um ano fazendo pneumotórax, pneumotórax, pneumotórax até chegar... Eu nessa época, um recurso outro, que se usava, um tratamento com repouso, com clima que se usava na época, e ela curava mais ou menos, uns 30 a 40% dos casos, os outros morriam, os outros morriam, né?

DR - Daí o pavor.

JS - Daí o pavor...

DR - ... porque o tratamento ainda não era...

JS - E o terror. Até aparecer a sinoplesina, ouro primeiro que apareceu, já foi um alívio muito grande e, essas injeções como eu já expliquei, pneumotórax, injeção de ar na pleura.

DR - Esse pavor fazia com que as pessoas tendessem a rejeitar esse paciente, não?

JS - Muito, muito. O tuberculoso era temido "Tem um caso de tuberculoso, ali não vai não". O meu pai, não sei se contei, que era um médico, quando eu terminei o meu ginásio... Ele era médico, e me perguntou: "Escuta, você agora se formou, fez o curso secundário, o que é que você pretende ser?" Eu disse: "Bem pai..." Você vê... isso foi em 26, em 1926, eu acho; então eu digo: "Meu pai, eu vou estudar câmbio, vou atrás das moedas, e vou me encher de (?)". Ele tomou um susto (risos). Eu mesmo me perguntei depois, porque que eu fiz isso. Minha mãe ela era cristã nova, portuguesa e... os cristãos novos, quer dizer, eram judeus, mas tomavam nomes... botavam o sobrenome de Cousas ou era Rios, e era Silva... e tinha esse negócio todo, judaico que tenho até hoje, graças a Deus e... Bem, e é questão de minha mãe e o meu pai depois, que era médico, falou para eu estudar medicina, fez um apelo muito grande, e eu resolvi estudar medicina. Me formei no Rio de 27 a 32. Em 32 eu me formei, me especializei em tuberculose. Voltei pra cá e ele fez de tudo pra eu ser auxiliar dele, imediato, não na minha especialidade, na especialidade dele que era...

DR - A especialidade dele era qual era? Clínica Geral?

JS - Naquele tempo quase todo mundo era clínico geral, não tinha... não tinha propriamente especialidade, a não ser cirurgia ... e clínica.

DR - Sim.

JS - E... ele fez a especialidade desde os primeiros casos de tuberculose começando (?) eu já contei isso a vocês...

DR - Sim.

JS - (?) e tudo isso..., mas graças a Deus, não morreu ninguém (risos). Na aplicação de pneumotórax, só me dei bem, se não me engano o percentual mais ou menos na época foi muito bom para a época foi de 45%, se não me engano, que eu curava, o que já era um grande negócio.

DR - Agora, mais... uma coisa assim em relação a essa escolha, essa definição assim de... de especialidade, por que exatamente a tuberculose, nesse momento?

JS - Não, porque a tuberculose era o pavor da época..., era o pavor da época, porque a doença não tinha cura, não tinha tratamento, o sujeito mandava para aqui, não tinha nada pra fazer, não tinha ouro, não... (?)

DR - Exatamente por isso. Não tinha nada pra fazer, por que o senhor escolhe exatamente esse caminho?

JS - Bem, eu acho justamente pela dificuldade, mas... não sei se é esse sangue judaico de enfrentar as coisas maiores, mais difíceis; e não tinha ninguém pra tratar, e eu via enquanto estudava o que era tuberculose, lá no Rio, trabalhei muito lá no Rio professor Irineu Malagueda... Fui lá no São Sebastião ... nos hospitais e via o drama.

DR - Então...

JS - Eu queria ser médico (risos) e achei...

DR - De repente faz o mais difícil.

JS - ... olhei lá e digo: "Não, é isso que eu vou fazer". Então vim pra cá como primeiro especialista de tuberculose que apareceu no estado, naquele tempo quase não tinha especialista, era tudo médico clínico. Eu vim com especialidade e, comecei a tratar, tratar e com isso curava um percentual de 45% naquela época... até aparecer o ouro... depois houve as drogas e a tuberculose se tornou hoje quase que a mais curável de todas as doenças, porque tratado cura 100%. E mais uma coisa, hoje em dia é tratado completamente nos postos e centros de saúde, não precisa nem o médico tratar, porque eles têm o remédio, então o sujeito cura sempre, e cura de graça. E é uma evolução fantástica. Pra uma pessoa que dedicou a vida a esse problema, isso é uma satisfação formidável (risos). Os egoístas podiam querer que tivesse mais tuberculose pra ter mais tratamento. (risos).

DR - Dava trabalho e ter rendimentos. Dr. Jayme, ainda das coisas que a gente conversou ontem, anteontem é... ficamos com uma questão que foi o curso feito nos Estados Unidos, o senhor nos falou que esse curso da Columbia University... foi mais, quer dizer, não tanto pelo curso...

JS - Não tanto propriamente pelo curso.

DR - ..., mas pela vontade de ir aos Estados Unidos...

JS - Justamente, justamente.

DR - Agora essa vontade era por que? Por que ia aos Estados Unidos?

JS - Não...

DR - ... e nesse momento?

JS - Não, todo médico, sobretudo naquela época, tinha vontade de ir pros Estados Unidos, era outra civilização... Evidentemente o Brasil estava muito atrasado. De maneira que era uma maneira de ver os Estados Unidos e dentro da minha especialidade, alguma coisa, porque nós sabíamos mais muito mais, e em particular sobre tuberculose. (risos)

DR - É, mas o senhor nos falou também que nós sabíamos mais sobre tuberculose do que eles.

JS - Pois é, do que eles, porque nós tínhamos tuberculose e, eles lá quase não tinham e condições econômicas e tudo mais, bom serviço de saúde e tudo, que nós, naquela época, não tínhamos. Hoje em dia temos um bom serviço. Nossa evolução foi muito grande aqui.

DR - Quer dizer, seria mais pela questão dos serviços, da organização dos serviços lá, que eles teriam alguma coisa para....

JS - E foi provavelmente por isso que, depois eu fui convidado a estudar o problema da campanha nos Estados Unidos, e tive, e tive essa ocasião.

DR - Porque ao ir lá pra esse curso, o senhor também ficou conhecido lá, e aí foi convidado pra...

JS - Não, não deu pra conhecer nos Estados Unidos. Eu, eu era meio ignorante (?) estava formado até muito recente.

DR - Mas aí, como é que o senhor foi convidado pra ir ver essa questão da...

JS - Você sabe que essa questão eu não...

DR - ... da fronteira.

JS - Da fronteira, deve ter consultado, naturalmente quando viram o problema de tuberculose, o problema de tuberculose... porque eles não viviam muito o problema, e se assustaram bastante, porque no resto não tinha, era na fronteira que tinha bastante, então consultaram... consultaram o Brasil que tinha tuberculose e tinha especialistas. Quem indicou daqui, não sei, possivelmente... não havia Ministério de Saúde, mas é... Departamento Nacional de Saúde, então alguém que me conhecia, talvez um colega de turma, eu não sei exatamente quem é que me indicou, indicou meu nome. Tenho a impressão que foram uns três... eu não tenho certeza...

indicou meu nome, e então me consultaram se eu aceitaria; eu tinha um inglês terrível (risos) que eu tinha naquele tempo, e ainda tenho até hoje, um mal inglês, mas aceitei a proposta e fui pra lá. Me estabeleci lá, em El Passo, naquele tempo era, era outra civilização completamente diferente, era frio e tudo não tinha esse calor, então como era fronteira, eu passava mais pro lado do México.

DR - Que era mais quente?

JS - Latino, e sobretudo latino. Então eu estudei bastante o problema e fiz um relatório sobre a situação e propositalmente, fiz um relatório sobre a situação qual era. Quando eu me apresentei ao médico responsável, em El Passo, pelo serviço de saúde nos Estados Unidos, ele disse... leu com muita atenção, achou interessante, mas... eu não falei nada a sobre solução. Eu digo: "Ninguém me pediu, pediu pra eu estudar o problema da fronteira no Estados Unidos, e não a solução do problema". "Bem, de fato, mas agora eu estou lhe perguntando". "Bem, eu vou lhe dizer e o senhor não vai gostar". "Por que não vou gostar?" "Porque o senhor tem que fazer é BCG, BCG, BCG, BCG, BCG na fronteira". "Ah, não acredito nisso". "É isso mesmo que eu estava dizendo, que eu não botei, porque sabia que sabia que o senhor não ia aceitar. Então eu lhe pergunto, qual é a outra solução?" (risos). E aí ele parou. Então eu disse a ele que é uma coisa interessante, "O problema também é dos Estados Unidos aqui na fronteira, porque vocês tem muitos recursos, e evidentemente, o que é que fizeram? Puseram um aparelho de abreugrafia na ponte, e não adianta nada, passou ali, passou na ponte e depois cadê o homem? Daqui que revelasse, o sujeito já tinha entrado. Evidentemente o que é que... vocês pagam uma mão-de-obra barata. Mão-de-obra barata qual é? É o México. E as empregadas são mexicanas, e elas vão contaminar as crianças. E pelo meu raciocínio de especialista em tuberculose, vocês devem ter uma coisa muito interessante aqui pra especialistas, deve ter uma porção de casos primo-infecção de tuberculose com gânglios, mediastina que é uma forma primária de tuberculose". "Isso não temos". "Então é quase uma estupefação minha em não ter isso, porque epidemiológica também tem que ter". Ele disse é... "Isso não temos". "Bom, mas nós conversaremos outra vez etc., etc.". Depois me chamou de novo: "Vou ver o que ele vai dizer". Chegou e disse assim: "Bem, doutor, eu pensei muito com meus colegas conversamos sobre o assunto, e, devo confessar que eu não disse toda a verdade a você, de fato nós temos tido uns casos de empregadas". Exatamente o que eu dizia de empregada americana não, empregada mexicana era mais barato -- "Empregados que vinham e contaminavam nossos filhos, as vezes até de maior idade". E aí eu disse: "O senhor não tem radiografia aí". Ele disse: "Temos". "Eu vou usar abreugrafia. Mas olha, coisa que eu não vejo mais. Porque a tuberculose de primo-infecção, é sobretudo de gânglios então, mediastiana cheia de gânglios, e aquilo desenvolve, mas uma coisa incrível, quase me deu vontade... me dá essa documentação... que isso era uma documentação formidável, que eu não trabalho mostrando aquilo. Que quase não vemos mais, nem naquela época, só em criança, mas em adultos forma umas bolas grandes, que é uma coisa... Isso na segunda conversa, porque na primeira ele não sabia quem eu era, falou que conversara com outro, depois então que resolveu me contar a história toda, e pra mim foi uma satisfação enorme, porque eu ... uma imaginação.

DR - Confirmou seu raciocínio...

JS - ... uma imaginação epidemiológica, o raciocínio. Então disse assim: "Eu estou certo".

AB - E, e esse trabalho do senhor, na tuberculose, logo após o curso, que dizer, foi em 1944, 1945.

JS - Não eu me formei em 32.

AB - Não, esse trabalho na fronteira, porque o curso foi em 44, o curso nos Estados Unidos, essa ida, pra esse trabalho na fronteira, deve ter sido logo.

JS - Deve ter sido ali em 48, 50...

AB - Ah, foi mais tarde.

JS - ... eu não sei exatamente, mas isso não tem importância, não tenho data exata.

AB - Não, não tem importância, foi alguns anos após. Não foi na sua própria estada que logo depois o senhor seguiu... o senhor voltou ao Brasil...

JS - Não, não voltei ao Brasil, inclusive eu gostei de viver mais no México do que nos Estados Unidos, Estados Unidos é chato. (risos)

DR - O senhor não gostou então, fez tanto pra conhecer, e não gostou muito.

JS - Não, gostei muito mais do México (risos) ... e ainda contei que essa moça que eu gosto dela...

DR - O senhor conheceu lá, não?

JS - Ah, eu mandei buscar, como é que eu ia ficar lá? Mandei buscar e ela ficou um tempo, passamos...

DR - E ela também gostou mais do México?

JS - (risos) Tem um riozinho assim que passa com barcos etc... é uma coisa, é uma coisa lindíssima (?) puxa, passeávamos de braços. Mas aí denunciaram e... e mandaram minha senhora pra lá, eu já era casado.

DR - Olha, mas como? Quem? Fofoca, fofoca internacional. (risos)

JS - Infelizmente telegrafaram pra lá. Fizeram uma ursada, mas telegrafaram para lá: "Seguia..." E ela veio embora, veio pra cá. E até hoje eu telefono pra ela, telefono todos os dias (risos). Essa vida... A vida, a gente tem que encher essa vida de coisas boas...

DR - Claro.

JS - ... de coisas bonitas, senão perde a razão (?) eu digo: esses indivíduos que passam assim ... que eu chamo horizontais, não vão para cima, não vivem, não vivem. E a vida não é só isso; trabalhar e coisa, a vida é feita por amor, feita por...

DR - E... A gente entraria agora nas suas... nas suas atividades profissionais. E a gente queria saber como é que estavam organizados os serviços de saúde aqui no Espírito Santo em relação a tuberculose?

JS - Bem, em relação a tuberculose não tinha praticamente nada, não tinha praticamente nada, porque não tinha especialista, eram quase todos clínicos gerais, um especialista ou outro, mas na verdade era mais cirurgia e clínica. E, não tinha nem dispensário pra tuberculose, mas também não tinha especialista. Então o meu trabalho foi para que se fundasse um dispensário de tuberculose na saúde pública. Bem, e logo... Conte a minha chegada em Vitória?

DR - Contou, que o senhor leu o jornal.

JS - ... olhei e fui visitar.

DR - Sobre o sanatório?

JS - Sobre o sanatório.

DR - Sobre o sanatório, contou.

AB - E as internações nesse momento, eram feitas na Santa Casa? Era a única que recebia?

JS - Santa Casa, Santa Casa tinha duas enfermarias.

DR - Só pra tuberculosos?

JS - É, só pra tuberculosos. Uma enfermaria de mulheres, uma enfermaria de homens, lógico que eu não vou falar mais da outra, não tem mais sentido. Eu me lembro direitinho... eu então... vim me apresentar na Santa Casa e fiquei tratando de uma maneira geral... (?)

DR - E qual era o tratamento?

JS - ... tratamento, (?), tosse, dor nas costas, etc., porque morria quase todo mundo, não tinha nada, mas foi um impacto terrível, né? Coisa que eu aprendi lá bastante foi atestado de óbito.

AB - Nossa senhora.

DR - Quem introduziu pneumotórax no tratamento da tuberculose aqui no Espírito Santo foi o senhor? Porque antes do senhor não tinha....

JS - Não tinha especialista nenhum.

DR - Quer dizer, na verdade os pacientes quando chegavam...

JS - Eu contei o negócio do meu pai, que não quis comprar?

DR - Que não quis comprar... Quer dizer, na verdade quando os pacientes se internavam na Santa Casa, já era...

JS - Já era pra morrer.

DR - ... pra esperar óbito?

JS - É. Como (?) eu me especializei na Santa Casa, mas no começo só tinha atestado de óbitos (?).

DR - Preenchia o atestado de óbito.

JS - ...(?) enfermaria de mulheres e enfermaria de homens.

AB - E havia... sanatórios não no sentido do Getúlio Vargas, mas casas de repouso e...

JS - Nada, nada. Pra tuberculose não havia absolutamente nada.

AB - Não havia nada. Então as pessoas iam pra outras cidades... dependendo dos recursos...

JS - Iam para as clínicas, iam para as clínicas pra se recuperar da tuberculose, naquele tempo era no interior, no campo; o clima aqui era muito mais quente.

AB - O pessoal daqui...

JS - Aqui em Campinho e Santa Isabel. Mas eu já conhecia Campinho e Santa Isabel porque minha, não sei se contei, minha irmã foi tuberculosa.

DR - Contou. Quer dizer, só disse isso, não entrou mais no assunto.

JS - E então foi pra lá, e de lá...

DR - Foi pra Campinho?

JS - Eu não sei se isso subjetivamente tenha influído pra eu fazer a especialidade, mas vivia um bocado assustado, mas era normal, naquele tempo...

DR - Porque isso ocorreu antes do senhor terminar a faculdade?

JS - Não, nem... de eu terminar o ginásio.

DR - Ah, tá. Foi bem cedo.

JS - Foi bem cedo, eu estava até... eu estava no primário nessa época.

AB - E o senhor tinha conhecimento da doença dela, sabia que ela estava em Campinho porque ela estava doente?

JS - Bem, sabia porque o meu pai era médico e falava... eu não tinha nem... como eu disse nem (?) ...

AB - Não conhecimento sim...

JS - ... eu não ia ser médico...

DR - Quer dizer, na verdade, é... algumas pessoas iam pra Santa Casa...

JS - Sim.

DR - ... e outras iam pra...

JS - E os povos que não tinham pra onde ir e tal.

DR - Iam pra Santa Casa?

JS - Iam pra Santa Casa e morriam na Santa Casa.

DR - E quem podia pagar ia pra Campinho e Santa Isabel. Campinho e Santa Isabel seriam sanatórios particular?

JS - Não, sanatório não, casas que alugavam e ficavam lá..

AB - Estilo pensões...

JS - Não existiam sanatórios nem em Campinho e nem em Santa Isabel.

AB - Eles tinham sanatórios também como aconteciam em Campos do Jordão, tinham pensões?

JS - Tinham algumas pensões.

AB - Pensões com algumas pessoas...

JS - Tinham algumas pensões...

DR - Não era hospital?

JS - Não, não tinha hospital não.

DR - Ficavam hospedados em casas, nesses lugares...

JS - Ficavam em casas, alugavam casas, os que tinham recursos ficavam em casas de pensões e outras (?) de tuberculose. (?)

DR - Então, não, não acontecia do pessoal daqui de Vitória ir pra outro estado?

JS - Muito, Belo Horizonte. Belo Horizonte era exportação, porque aqueles que tinham recursos iam pro sanatório de Belo Horizonte, e lá tratava com clima (risos), mais clima, repouso, altura, que se prescrevia pra isso. No mundo, na Europa quase tudo ia pra Suíça.

DR - Alguns iam pra Suíça?

JS - Tem que ter muitos recursos aqui, mas aqui quase ninguém tinha recurso pra isso...

DR - No máximo iam pra Belo Horizonte?

JS - O grande máximo era ir pra Belo Horizonte (?) sanatório e lá não tinha sanatório, o nosso sanatório foi inaugurado em 1942.

DR - Quarenta e dois, é. Agora Dr. Jayme essa, essas enfermarias da Santa Casa davam conta da demanda de tuberculose?

JS - Estavam sempre entupidas, e só tinha ali.

DR - E sempre sobrava...

JS - ... "Não tem, não tem, não tem vaga, não tem vaga", ficam esperando vaga, vaga... praticamente pra morrer, né? E é uma satisfação enorme, você começar a sua especialidade desse jeito e ver hoje curada 100% dos casos.

DR - É deve ser mesmo. Quer dizer, que na verdade o senhor acompanhou toda a evolução da tuberculose?

JS - Toda evolução e chegar a uma solução feliz.

AB - Isso é muito positivo.

JS - Eu acho que meu pai lá em cima deve estar muito satisfeito (risos).

DR - Ele deve estar dizendo: "Fiz bem em insistir com a formação de médico". (risos) Agora, o dispensário que o senhor, é... foi quem fundou...

JS - Criei o dispensário.

DR - ... era um dispensário do estado.

JS - Dispensário do estado sim, que eu influí na... porque não tinha... porque também não tinha especialista e tal, então eu insisti com o diretor, se não me engano era o doutor Cristiano Fraga, e então, pusemos um nome por indicação minha Dispensário Antonio Fontes, em homenagem a Antonio Cardoso Fontes (risos), que era o dono da BCG. E nessa ocasião veio aqui o diretor que foi o professor Samuel Libâneo, se não me engano, que veio aqui pra inauguração do dispensário, não, eu criei o sanatório.

DR - Sanatório.

JS - Dispensário...

DR - É porque ele ajudou também na criação do sanatório.

JS - Do sanatório.

DR - Agora... ele no dispensário era só pra tuberculose?

JS - Dispensário só pra tuberculose.

DR - Só pra tuberculose.

JS - Era uma espécie de... não era um centro de saúde porque não tinha um centro de saúde, o centro de saúde nosso é bonito, vocês visitaram?

DR - Não, nós passamos na porta.

JS - (?) não tinha um sanatório.

AB - Não tinha esse, essa organização em centro de saúde.

JS - Não, não, tinha uma espécie de centro de saúde, mas era de doenças venéreas e pediatria, eram as duas coisas que tinha; e funcionava, (?) não lembro... o nome era departamento de saúde, que era logo aqui perto. Hoje em dia é a faculdade de farmácia, é ali que eu comecei a trabalhar, ali é... Em 42 depois disso veio o Hélio Fraga. Visitou o sanatório...

DR - Não, mais ainda o dispensário, que foi em 34, foi bem antes do sanatório... Como é que o senhor montou a equipe pra trabalhar no dispensário?

JS - Não, a equipe era o que se dispunha, quer dizer, médico único, era eu. Tinha atendentes comuns, atendentes quem escolhia era eu, escolhia a melhorzinha, que se contratasse, tinha recurso pra contratar, que saúde pública não tinha recurso, e fiz pelo menos uma equipezinha que se formou, e aliás, gente que eu escolhi boa, gente muito competente. Ai então, eu comecei também a conseguir aos poucos visitadoras sanitárias, que iam visitar as casas, etc... as crianças, vacinas, teste tuberculínicos (?)

DR - Essas visitadoras o senhor mesmo preparava?

JS - Eu mesmo preparava, era só eu que sabia... (risos)

DR - O senhor é que fazia tudo (risos). E aí o senhor ficou como médico do dispensário até quando?

JS - Ah, bom. Aí você me enrascou, acho que não lembro...

DR. e AB - Não?

DR - Foi muito tempo?

JS - Foi muito tempo sim, foi muito tempo, porque depois passou pra ser lá... estadual o centro de saúde; primeiro era Faculdade de Farmácia, do outro lado. Eu tive a visita do professor Barros Barreto, foi aí que ele ficou muito amigo meu, porque não viu nada em saúde pública... quando chegou ali viu tudo muito (?) contei tudo, ficou todo entusiasmado, ficou amicíssimo meu, até quis me levar pra lá pro Centro Nacional de Tuberculose.

AB - E em 34 mesmo, no Rio teve todo o trabalho de reforma do Barros Barreto. Como é que foi a influência pro senhor, o senhor teve...

JS - Não, eu só sabia que era, era formidável. E ele visitava... não era de ficar parado o tempo todo, ele visitava quase o Brasil inteiro. E ele quando veio aqui na tuberculose se apaixonou por mim (risos) e, então ficou -- "Tem que ir pra lá, tem que ir pra lá". Até que eu fui.

DR - Aí depois...

JS - Mas este é um grande homem, o Samuel Libâneo era um sujeito muito bom, muito correto, tudo isso, mas não teve o desenvolvimento que teve o Barros Barreto, o grande Barros Barreto, este era uma máquina.

DR - Depois o senhor foi ser inspetor do Serviço de Tuberculose do estado.

JS - Justamente. Inspetor do Serviço de Tuberculose, foi um bom emprego, o Barros Barreto que me botou inspetor. Então tanto que eu, eu sou aposentado por federal, porque eu ia ganhar como federal, mais ou menos... sou médico aposentado pelo serviço federal.

DR - Quer dizer, essa função de inspetor do Serviço de Tuberculose era do nível federal, não era mais do estado do Espírito Santo?

JS - Bem, eu tenho a impressão que ele me pagava alguma coisa, mas, isso embora eu tenha sangue de judeu (risos) não presto muita atenção não, mas eu tenho a impressão que eu ganhava aqui como funcionário estadual e recebia...

DR - Pela inspetoria, era inspetoria federal.

JS - Não, não era inspetoria do daqui, não tinha nada federal.

AB - Do estado.

JS - Mas eu acho que eu ganhava alguma coisa, porque eu me aposentei pelo governo federal, e depois também, eu fui pro governo federal.

DR - Mas aqui o senhor foi pro Ministério da Saúde também, mais tarde.

JS - Ministério da Saúde. E aí então, somou com o do estado e eu me aposentei pelo Ministério da Saúde, pelo o que eu já era, e sou aposentado até hoje; é o que me vale (risos).

DR - Essa função de... na inspetoria, que atividade o senhor fazia?

JS - Bem, primeiro verificava alguns pontos, primeiro estabelecer a gravidade do problema, mas... então eu entendia muito com o serviço do estado (?)

DR - Lidava com o estado todo?

JS - Com o estado todo, então eu entendia muito com o... Armando Rabelo, o Armando Rabelo era, era um estatístico, naquele tempo não tinha especialidade de estatística, mas ele era dedicado a estatística, fazia um negócio muito bem, trabalhava muito bem, fazíamos...

Fita 2 – Lado B

DR - O senhor estava falando de Armando Rabelo.

JS - Armando, Armando Rabelo, que foi um grande estatístico aqui. Fazia estatística lá, e por intermédio dos dados estatísticos que ele me dava, e eu comecei a escrever os trabalhos baseados em dados estatísticos. Felizmente, tinha isto pra saber, não era pra depois verificar o método, realmente vê, a diferença fantástica que são 500% (?) baixou pra dez. Estava acabando, quase acabou, né? Então, de certa maneira, perdeu a graça, porque era um trabalho desesperado (risos), que se tinha pra curar tuberculose.

DR - E hoje não tem quase nada pra fazer.

JS - Não, hoje cura tudo, né? Mas trabalho, pensamentos, preocupações etc... não tem mais.

DR - Nessa inspetoria o senhor estava falando, que o senhor então levantava a magnitude do... do problema...

JS - Do problema, equacionei os dados...

DR - A nível do estado.

JS - A nível do estado.

DR - E, e... pelo interior, como é que estava o atendimento da tuberculose? Todos vinham pra Vitória?

JS - Todos vinham pra Vitória, os que tinha recursos vinham pra Minas Gerais, isso também lá perto da fronteira provavelmente (?)

AB - E a inspetoria criou algum outro órgão, algum outro serviço? Outros dispensários, aumentou a rede de inspetoria?

JS - Não, depois então, eu fui diretor de saúde daqui...

AB - Aí teve aumento?

JS - Então, espalhamos o serviço para o interior, para o pessoal, e foi uma trabalhadeira desesperada. Tanto que eu não tenho dinheiro até hoje porque eu me dediquei completamente à saúde, quase fechei meu consultório. Arranjei um amigo, doutor Pauleana pra ficar aqui no meu lugar.

DR - Quem?

JS - Ovídio Pauleana, o doutor Ovídio Pauleana formou-se comigo em 1930... Formou-se até um ano antes, formou-se em 31. Eu me formei em 32... Bem, o doutor Ovídio era médico itinerante. Eu cheguei aqui, um grande... Cheguei aqui, encontrei com ele... "Então Ovídio, o que você está fazendo?". "Eu sou médico itinerante". "Espera, então você nunca será nada, não tem futuro; porque você anda até aqui, como é que você vai... você por que você não faz tuberculose?" Ele disse: "Tuberculose?" Eu digo "Sim, tenta comigo, eu estou fazendo um obséquio até pro seu futuro, mas também estou pensando em mim". Porque naquele tempo era pneumotórax, mas eu estava preso, eu não podia sair, não podia viajar, não podia fazer coisa nenhuma porque não tinha outro no estado inteiro que fizesse aplicação de pneumotórax. Então foi comigo, e eu pude viajar, e retornei e depois eu disse a ele: "Agora viaje você, vá a congressos (?)". Um homem excepcionalmente puro; e ficamos muito amigos. Ele me serviu muito, eu também servi bastante a ele; depois veio a falecer.

DR - E aí o senhor foi pro departamento de saúde do estado, foi ser diretor do departamento em 40, em 1940. Como é que o senhor chegou a esse cargo?

JS - Não, eu fui convidado pelo, pelo...capitão (?). Era capitão ainda, acho que já morreu, se não me engano, é general.

DR - Quer dizer, o Departamento de Saúde tinha nível de secretaria de saúde?

JS - Departamento de saúde, era só departamento dependente da secretaria.

DR - De educação e saúde?

JS - ... de educação e saúde.

DR - Era generalizado a secretaria?

JS - Secretaria de Educação e Saúde.

DR - Então, existia uma Secretaria de Educação e Saúde...

JS - De saúde é...

DR - ... e tinha o Departamento de Saúde ligado?

JS - Nessa Secretaria de Educação e Saúde que estava esse... esse Fernando Rabelo, que não gostava de mim.

AB - E até nessa hora, que o senhor foi indicado, em 40, ainda era o Fernando Rabelo?

JS - Era o secretário.

DR - Fernando Rabelo era o secretário da Educação e Saúde?

JS - Secretário de Educação e Saúde, que era uma secretaria só.

DR - Mas aí, como é que o senhor foi ser diretor do departamento de saúde?

JS - Depois.

DR - Ah, depois que ele saiu? Quer dizer, que em 40, não era o Fernando Rabelo?

JS - Ele não, ele não gostava de mim, não sei porque.

DR - E quem era o secretário?

JS - O irmão dele, o irmão dele que era diretor de estatística, era muito amigo meu. Ele... não sei porque não ia comigo. Era um homem muito sério, muito honesto e tudo isso, mas muito ríspido; alguém dizia qualquer coisa a ele (?)

DR - E quem era o secretário de educação e saúde quando o senhor foi diretor?

JS - Secretário de educação e saúde...

DR - Não, não tem importância.

JS - Eu acho que era o... era Fernando, acho que foi o Fernando, mas quem me escolheu, que era superior a ele, que foi o interventor (?) governador, não foi nada dele.

DR - Agora, que estruturas, que órgãos estavam subordinados a este departamento de saúde?

JS - Os postos de saúde, os centros de saúde; depois, depois foram centros e postos de saúde.

DR - Estes centros cobriam Vitória toda?

JS - Eram postos... não, não no interior... também no estado.

DR - Tinha no interior também?

JS - Mas era um pavor, era um pavor... E tinha... além de tudo localizado por questão política; a prefeitura mesmo fazia um postozinho. Então se eu não me engano, ele tinha... tinha São Mateus, tinha... tinha em Colatina o Serviço Especial de Saúde Pública, o SESP; no hospital não tinha nada, tinha em Cachoeira do Itapemirim.

DR - Linhares. Era uma cidade grande, Linhares.

JS - Linhares não tinha não.

DR - Não?

JS - E lá no Sul tinha... tinha Itapemirim, que não valia nada (risos). Mas por questões políticas, então tinha um postozinho lá. Em Itapemirim. Em Itapemirim é que tinha um posto grande, um posto assim pra atender, consulta... era um médico que dava consulta, tinha bastante gente. Depois eu que fui pra saúde pública (?) então é que eu inaugurei uma série de postos muito grandes, botei um bom posto lá, e eles ficaram muito satisfeitos e puseram rua Jayme Santos Neves, eu sou rua também (risos).

DR - Ah, é... (risos)

JS - ...lá nesse hospital (risos), nem sei se continua sendo rua Jayme Santos Neves... mas foi e me convidaram lá pra ver a placa. (risos)

DR - Sim, mas aí fala mais sobre essa gestão. Aí o senhor inaugurou vários postos, aumentou os postos que existiam...

JS - E sobretudo... é... dividia o estado em distritos sanitários pra botar um responsável pelo distrito sanitário. Sete distritos sanitários do estado, no Norte, no centro, no Sul e um no Oeste. Mas... e então treinava o pessoal aqui, treinava pra aprender noção de saúde pública(?) que nós fizemos aqui e... Eu contei como foi feito o centro de saúde?

DR - Não, ainda não.

JS - Centro de saúde foi interessante, porque...

DR - O de Vitória?

JS - Centro de Vitória, então quando nos visitou aqui o Barros Barreto, que gostou muito da situação...

DR - No dispensário?

JS - ... eu tinha um certo apoio federal, e eu disse a ele que era minha pretensão fazer um centro de saúde bom em Vitória, que pudesse ser modelo, se possível pra todo país, ia ser uma luta muito grande. Então, por bruta sorte, eu tinha uma reunião de prefeito do estado, onde então eu pedi pra ele, para ir a essa reunião... (?) então eu pedi a ele que eu (?) e houve a reunião toda e eu pedi 5% da renda de cada um deles que eu me encarregava de fazer postos de saúde, levar saúde pro interior e tudo isso. Mas o posto de Vitória... não contei isso não?

DR - Não.

JS - O prefeito de Vitória, era médico; e grande médico aliás, médico clínico, ele quase não tinha especialidade, então ele disse: "Eu não dou". Um médico...

DR - Logo o médico, hein! De Vitória...

JS - ... "Não, porque a prefeitura não tem recursos"... porque... eu queria dizer... Então 4% da renda de cada um dá pra fazer saúde pública aqui isso ele deu logo os 4%. (risos) Então ele disse: "Não dou". E os outros concordaram. (?) "Amigo você é médico (risos) devia dar o exemplo pra todos. Você tem saúde pública no interior que preste? "Então nós vamos fazer". Ele disse: "Não dou, não tem recursos, não dou". "Bom, vamos chegar a um acordo, você me dá um terreno? Me dá um terreno?" "Que terreno?" "Lá perto do parque (?) tem exatamente o que eu quero pra botar aqui crianças tuberculosas. "E você faz, com que recursos?". "Isso é problema meu, só vou ter recursos se você me der os terrenos. E ele me deu o terreno, muito mais que os 4%, tá lá o tal centro de saúde".

DR - Certamente.

JS - O centro de saúde ficou lá, ficou direitinho, então o (?) abrir concurso em especialistas em saúde pública, no tempo do Barros Barreto que andava aqui em Vitória, no centro de saúde de Vitória, ele vinha com a equipe toda, pra cá.

DR - E os recursos pra construção o senhor conseguiu onde?

JS - Bem, 4% de cada.

DR - (risos), de cada prefeitura...

JS - Prefeitura (risos) cheguei aqui, fui fazendo então, vários postos no interior, naquela ocasião eu fiz sete, que eram distritos sanitários. Depois, então, construí quase todos... Mas agora tem outros municípios que já fizeram. Mas foi um trabalho de, de judeu (risos), português (risos)

AB - E o senhor complementou aí falando que inclusive o professor Barros Barreto trazia as turmas dele...

JS - Ah, trazia toda turma de saúde pública e terminava o curso aqui em Vitória, nunca mais...

DR - Como estágio? Fazia o estágio final...

JS - ... fazia estágio final aqui no centro de saúde de Vitória, e eles faziam também lá no interior. Porque depois eu fiz o centro de saúde em Cachoeiro do Itapemirim, botei lá o Dr. (?) bom sujeito, filho do prefeito, que trabalhou depois então foi trabalhar até (?) tudo isso, bom elemento, e (?) deu um duro muito grande. Eu saí e ele me substituía. Hoje em dia está muito ruim, não é? Também não tenho mais firmeza, rigor, aquele pulso judaico..., mas, mas é muito melhor do que era antigamente.

DR - Agora, durante a sua gestão, o senhor se preocupou fundamentalmente com a saúde pública, a criação de postos, dos centros de saúde...

JS - Perfeitamente.

DR - Não, não se voltou pra hospital?

JS - Não, não me voltei pra hospital porque aqui só tinha hospital de, de isolamento, era o único hospital que tinha em Vitória. Pegava (?) ia lá pra morrer lá, não ia antes, não ia com medo de passar a doença etc.

DR - O hospital era numa das ilhas próximas de Vitória?

JS - Próximas de Vitória. Acho que ainda tem, acho que ainda tem, uma ilha lá no Sul, depois de Santo Antonio. Mas nessa ocasião, quando eu ainda estava na saúde pública, veio, veio professor Aduino Botelho. Grande sujeito -- acho que já morreu -- grande sujeito, sujeito puro, muito calmo, tranqüilo. E ele veio aqui, ele queria ver o que havia sobre loucos (risos)... eu disse, bem (risos) há menos do que nada, há menos do que nada porque tem alguma coisa, e esta coisa é horrível. Ele disse: "Eu quero ir lá, eu quero ir lá. Onde é?" Lá em Barra do Itapemirim, lá no município do extremo sul.

DR - E esse hospital seria do estado?

JS - Não.

DR - Não. Particular?

JS - Particular e espírita. Então fomos pra lá, pegamos o carro e batemos pra lá, (?) porque naquele tempo os carros (?) as estradas eram horrorosas (risos) e foi comigo lá. Chegou lá, encontramos o dono, o dono do hospital que era particular, então ele chegou e disse: "Oh, são muitos perigosos e tudo". E foi mostrando lá, mostrando.... era... não eram enfermarias, eram quartos com piso de cimento...

DR - Igual cela?

JS - ... sem sanitários, tudo borrado, faziam... também eram loucos, né? Mas faziam tudo por ali, porque não tinha. Então, eu me lembro que foi uma coisa interessante, ele disse: "Aquele ali é louco, o mais perigoso que tem aqui, então ele está lá todo fechado... cadeado, igual a Idade Média. Eu disse: "O senhor tem a chave, abre aí". Veio, e entrou lá, pisando assim com cuidado (risos) chegou lá abraçou o sujeito (?) e disse assim: "Não tem perigo nenhum, porque o sujeito estava preso com um cadeado". "Não, mas é que as vezes ele fica (?). Quando saiu (?) então, e a gente ia de carro, (?) ele disse: "Que pavor, mas escuta, se você arranjar um terreno, ajudar também com o governo a conseguir o dinheiro eu dou ajuda pra isso e você fecha essa desgraça, vende essa ilha". (risos) Não posso vender, porque é do estado etc..., mas eu dou um jeito de arranjar dinheiro.

DR - Ele arranjaría dinheiro?

JS - Não, eu. Ele assume o cargo, mas... assume o cargo. O homem, um sujeito calmo, mas formidável, não existe esse tipo de gente mais. Então eu vim pra cá, procurei um terreno (?) e comecei, chamei o Olímpio Brasiliense, que eu já falei né? Arquiteto pra fazer o projeto do hospital. Ele fez o projeto, mas o projeto era grande demais, ele não tá ótimo, mas eu vou fazendo aos pedacinhos, então fui fazendo aos pedacinhos o hospital e botei o nome, daí... um grande hospital que nós temos, não sei como está internamente, botei o nome Hospital Adauto Botelho, tá com o nome até hoje, mas como está eu não sei, nunca mais fui lá, nem quis ir vê-lo mais, porque é capaz de voltar a ser o que era...

DR - O que era antes.

JS - ... de loucos, a sujeira tudo isso.

AB - E continua específico pra psiquiatria?

JS - E aí então, botei pra... mandei pra lá no Rio um especialista (?) Carvalho de Araújo, ele então se especializou e ficou que se chefiando o hospital, mas com gente que entendesse e dedicada. Esse hospital, acho que é um dos maiores que nós temos no estado.

DR - O Adauto, o Adauto Botelho ele ...

JS - Adauto Botelho era o nome dele?

DR - ...era o que, ele era do governo federal?

JS - Governo federal, e era neurologista e psiquiatra.

DR - Ele veio como uma função de supervisão?

JS - Sujeito calmo... como uma função de supervisão... porque nunca se tinha feito antes, só depois de muito tempo pra ver como é que era, e eles tomaram um susto desesperado.

DR - E eles devem ter se assustado pelo Brasil inteiro.

JS - ... inteiro...

DR - ...não foi só aqui.

JS - Queria... Porque era... Acho que na Santa Casa aquele negócio ficava lá... E, no entanto, o hospital está funcionando até hoje, dizem que em Vitória piorou muito, eu não sei, nunca mais fui lá e nem quero ir (risos), não quero ir, porque a (?) morreu para o país, o hospital (?) continua com o homem, mas não quero ir ver como está.

DR - Agora, quem ficou, quer dizer, no caso... o interventor, como era o nome?

JS - Bleic, João Funaro Bleic.

DR - Bleic, quer dizer, ele permaneceu como interventor muito tempo.

JS - Muito tempo, felizmente, felizmente...

DR - ... daí então o senhor permaneceu muito tempo no Departamento de Saúde, né? Enquanto ele permaneceu o senhor esteve no Departamento de Saúde?

JS - Antes não, ele chegou não me conhecia nem nada, depois então que ele me botou eu fiquei até o fim do governo dele.

DR - Até o fim do governo dele.

JS - Ele quis passar a ser Secretaria de Educação, "Passa não, passa não". "Mas porque não passa não, é bom você ser secretário". "Por isso mesmo, não quero ser secretário, porque secretário é político e eu quero ser (?)"

DR - Porque podia exigir mais tecnicamente

JS - Não e tinha influência política (?) e quanto eu tive, não houve influência política, graças e sobretudo ao interventor compreensivo, né?

DR - Agora, durante a sua gestão no Departamento, foi criada a Campanha Nacional conta a Tuberculose em 1946 né? Como é que foi essa integração entre a Campanha e...

JS - A Campanha Nacional, era justamente o Samuel Libânio, né?

AB - Não, quem criou a Campanha já foi o Raphael de Paula Souza.

JS - De Paula Souza, bem, o Paula Souza teve aqui também, o Paula Souza era de São Paulo.

DR - Isso.

JS - E... como era o nome dela? Adelaide Paula Souza, uma mulher formidável, mais formidável que ele, começou a ir ajudar.

DR - Ela também trabalhou, né?

JS - Trabalhou e muito, e ajudou muito ao Paula Souza. Paula Souza era um homem reto, correto, muito trabalhador, tudo isso, mas de pouca inteligência. Já ela era belíssima, de uma inteligência belíssima. Conduzia até o marido. Como muitas de vocês fazem. (risos). E então, veio aqui, como eu disse. E então os cursos de qualquer especialidade quase todos vinham pra Vitória, coisa que não acontece mais, (?) neurologia também vem. O hospital de isolamento não (?) mas depois... até quando criei o sanatório (?). Como eu disse não era um homem inteligente, mas era muito correto.

DR - Quer dizer, então que os cursos da Campanha também vinham?

JS - De saúde pública, eram feitos aqui no centro de saúde de Vitória... E vinha aquela equipe toda... E depois quando vinha pra Cachoeiro... como eu disse, eles faziam Vitória e Cachoeiro do Itapemirim. Então voltava aquela equipe pro Brasil todo. De maneira que esses centros pequenininhos, ajudou o Brasil em alguma coisa nesse particular.

DR - E em 1955, o senhor ao deixar o cargo de diretor do Departamento, também saiu do estado, não? Continua no estado, né? O senhor diz que tem uma, uma...

JS - Não, não, eu terminei o estágio, e fiquei no Rio, eu acho que foi exatamente nessa ocasião que eu fui para o Rio, e fiquei...

AB - Rio...?

JS - ... Rio de Janeiro. Porque não era em Brasília não.

DR - Mas o senhor nunca...

AB. Sim, mas Rio pro Departamento Nacional de Tuberculose.

JS - Eu fiquei no Rio.

AB - Foi década de 70, né?

JS - Departamento Nacional de Tuberculose, três anos e meio. Agora, se me disserem exatamente qual foi o ano...

AB - Foi em 70. Aí o senhor saiu...

DR - O senhor nunca deixou de ser funcionário do estado?

JS - Funcionário do estado, deixei logo que fui ser funcionário federal. Eu fui pago pelo governo federal. Eu sou aposentado como médico federal.

DR - Federal, no estado não?

JS - E graças a Deus. Em boa hora fiz a jogada, passei pra lá, fiquei lá (risos), recebo os vencimentos e será pelo menos o dobro.

DR - Do que o estado lhe pagaria.

JS - Do que o estado me pagaria. Sou aposentado federal. Também tenho outra aposentadoria, mas é contribuição pelo INPS, tenho duas aposentadorias.

DR - Agora, o período que o senhor foi secretário de saúde, secretário de educação e saúde aqui em Vitória, no Espírito Santo.

JS - Educação foi pouco tempo, né?

DR - Foi. Anteontem, o senhor falou que foi durante dez meses, em 1952, mais ou menos.

JS - É, deve ter sido isso.

DR - Isso foi o quê, substituição do secretário?

JS - Bem... Educação e saúde... bem era o Fernando Rabelo, mais ou menos o secretário de educação e saúde, se não me engano...

DR - Isso quando o senhor entrou pro departamento?

JS - Mas ele já era, já era secretário. Era um homem rigoroso, bom, mas não gostava de mim. E, o Bleic gostava muito ele não gostava não. Agora, fiquei lá... eu não sei se eu consegui logo de saída. Não, não fui substituir o Fernando certa ocasião, e eu passei mais algum tempo secretário de educação e saúde (?)

DR. e AB - Foi isso.

JS - Graças a Deus foi muito pouco tempo que eu... (risos) de jeito nenhum.

DR - O senhor não queria?

JS - De jeito nenhum, de saúde não. Eu não entendia nada de educação, secretário de educação, professores, etc...

DR - Foi até que o interventor arranjasse outro secretário...

JS - Justamente.

DR - ... de educação e saúde?

JS - Educação e saúde. Eu não me lembro até qual foi o outro que ele escolheu, era o Fernando (?)

DR - Quer dizer, então na verdade, o senhor na secretaria de educação e saúde continuou atuando como um diretor do departamento de saúde?

JS - Pelo menos eu entendo, deixando só alguém da minha confiança, ia lá, vem cá (?) e como foi só uma emergência... Era até desagradável porque... professor etc... aquelas coisinhas pequenininhas: transferir pra cá, transferir pra lá, que eu não entendia nada daquilo. Então, logo que eu pude eu me soltei (risos).

DR - Agora vamos falar mais um pouco do Sanatório Getúlio Vargas, o senhor já nos falou alguma coisa, mas a gente queria saber.

JS - Sim eu falei sobre a escolha, contei a história do Bleic, né?

DR - Sim, o senhor disse que estava lendo o jornal, né?

JS - Justamente.

DR - Que o Bleic então estava propondo...

JS - ...topou ir comigo lá, isso tudo

DR - ...construir um hospital...

JS - ...que deu aquele negócio todo lá.

DR - Isso.

AB - O terreno.

JS - E aí conseguiu dinheiro federal, porque do estado, construiu esse hospital, Getúlio Vargas naquele tempo era moda, não é? E foi um grande governo, se falam muito mal dele, mas era um homem correto.

DR - Agora outras pessoas participaram desta... da fundação do hospital, da construção?

JS - Bem, o hospital... veio o arquiteto e disse -- Olímpio Brasiliense -- foi o arquiteto que fez comigo.

DR - Olímpio Brasiliense?

JS - Olímpio Brasiliense. Bom arquiteto, ele era um gozador enorme. Nós fizemos a planta toda, eu ainda passo pela casa e digo: "Puxa vida, eu tive que ficar à noite fazendo o projeto todo da construção, fazendo o projeto sem saber onde arranjar dinheiro" Dinheiro do estado, um bocadinho do município etc...

DR - Um bocadinho do federal também, né?

JS - Depois eles ampliaram, e foi lá, né?

JS - Tem uma parte externa, nem sei se está funcionando ou não, não fui lá, não foi do meu tempo. Mais, então foi... conseguimos que o doutor Ivan Vanderlei fizesse cirurgia torácica, porque não se fazia aqui em Vitória, ele já era cirurgião, aí então, eu botei... ele era um homem correto, de ascendência holandesa e tudo (?) e ele ficou trabalhando no hospital e foi um grande diretor. E ele ficou como diretor geral, e o diretor clínico doutor Ovídio Pauleana.

AB - Doutor?

JS - Ovídio Pauleana, muito bom doutor.

DR - Ovídio Pauleana, ele já falou... o senhor também trabalhou com sanatórios?

JS - Sanatórios. Quando eu trabalhei o sanatório recebia verba da Divisão também. Porque aí já não era do Departamento de Saúde.

DR - Não, o sanatório foi, foi fundado em 42, foi quando o senhor ainda era diretor geral.

JS - Inaugurado, foi inaugurado em 42.

DR - Em 42.

JS - Agora será que eu era diretor do departamento de saúde?

DR - O senhor foi diretor do departamento de saúde de 40 a 55.

JS - Ah, não então, eu era diretor.

DR - Era diretor do departamento. E aí atuava também no sanatório, é isso?

JS - ... atuava, atuava no sanatório, porque eu era o único especialista, que existia aqui, entendeu? Então eu atuava nos dois, se ganhava e quanto ganhava eu não sei. (risos)

DR - Assim, o senhor devia estudar câmbio. (risos) Assim não é possível.

AB - Ainda bem que o senhor não estudou (risos)

DR - Aí o sanatório atendia que tipo de demanda?

JS - Todo o estado e vinha um bom bocado do sul de Minas e parte leste de Minas Gerais, vinha tudo pra cá (?)

DR - ... seria a demanda que anteriormente ia pra Santa Casa?

JS - É sim, exatamente. Não, não...

DR - O pessoal que ia pra Belo Horizonte, continuava indo pra Belo Horizonte?

JS - ... mais ainda, mais ainda, porque... Tem o sanatório lá

DR - Ah, sim porque o sanatório era maior...

JS - Sim, claro.

DR - ... atendia uma demanda maior. Mas eu digo em termos de...

JS - Mas a gente procurava restringir o mais possível ...Vê o que tem... Não você volta pra lá, toma o remédio... Tem o dispensário, não tem... Mas se obter a quantidade de gente... Até do sul da Bahia, de Teixeira de Freitas vinha gente.

DR - Nova Viçosa, Teixeira de Freitas.

JS - Conteí o negócio de Teixeira de Freitas?

DR - Não, da... do oferecimento da abreugrafia?

JS - É, justamente.

DR - Contou, só não disse o nome da cidade, o senhor nos disse que tinha três letras, mas eu concluí que era Teixeira de Freitas (risos). Eu conheci o sul da Bahia. Mas, doutor Jayme, o pessoal que ia pro sanatório de Belo Horizonte, continua indo pra Belo Horizonte? Essa demanda da Santa Casa é que passou a ir pro Sanatório Getúlio Vargas?

JS - É o nome, é o nome. O pessoal, se tinha aqui no estado vinha pro estado.

AB - Os de maior poder aquisitivo também ficavam indo pro sanatório?

JS - Não, não.

AB - Esses não.

JS - Naquele tempo era aqui.

DR - Ainda era aqui em 42.

JS - É pra você ver, a estreptomicina se não me engano foi em 50, né?

DR - Foi.

JS - Foi estrepto...

DR - Mas antes da estreptomicina foi o pneumotórax que...

JS - Sim, pneumotórax.

DR - ... que o pneumotórax...

JS - Mas sobretudo a imitação...

DR - ... que derrubou o clima.

JS - Que se falava e tudo isso, porque aí dependia muito do especialista, pra fazer...

DR - Quer dizer, mas no sanatório já se fazia pneumotórax?

JS - Foi, foi. Eu já vim fazendo aqui...

DR - Desde o início.

JS - ... até que meu pai brigou comigo, me cobrou o aparelho; eu até contei a vocês, o aparelho ele cobrou...

DR - Teve que pagar.

JS - ... "Eu dou tudo que você quiser, mas isso você paga que eu não quero ser cúmplice" (risos).

AB - E foi pago, ou foi só cobrado?

JS - Não, não eu paguei.

AB - Foi pago, tá certo. (risos)

JS - Paguei tudo, meu pai era muito bom, mas ele era muito rigoroso (risos).

DR - Agora, nessa construção do sanatório, participaram sociedades filantrópicas do Espírito Santo?

JS - Não existe isso (risos).

DR - Não, né?

JS - Nada, nada.

AB - Empresários locais, alguma coisa assim?

DR - Esse tipo de serviço não existia nessa época?

JS - Nada, nada, nada. Também em Vitória era pouco tempo puxa vida (?) ainda é uma capital pobre, imagina naquela época.

DR - Aí o senhor foi pro Ministério da Saúde?

JS - É, passei três anos e depois saí...

DR - O senhor foi ser médico com o nível 21 no Ministério da Saúde. O senhor fez concurso pro Ministério, não?

JS - Não, não, não. No Ministério eu trabalhei lá, trabalhei lá, trabalhei lá três anos e meio, mas fiquei como médico de lá e daqui.

AB - É, pra lá o senhor foi na década de 70, mas o senhor entrou no Ministério bem antes disso?

JS - Não, não acho que eu entrei depois disso. Setenta? É... eu acho que é só dessa época, tem uns juro, mas eu acho que é só dessa época.

Fita 3 – Lado A

DR - Continuação da entrevista com o Dr. Jayme Santos Neves, Vitória 14/11/90, fita nº 3 [interrupção da fita]. O senhor entrou no ministério já pela Divisão Nacional de Tuberculose, como é que foi essa, essa... o senhor foi convidado?

JS - Eu não tenho bem certeza, mas acho que através do Barros Barreto, mesmo é que eu passei a ser funcionário público. Quer dizer, foi a época dele mais ou menos, eu entrei, foi aí eu entrei e fiquei lá. E... que... como eu disse, o estágio do pessoal, vinha pra cá, então prestava benefício do serviço federal. Os psicopatas também vinham, os psiquiatras aqui vinham visitar, e aqui ficou como sendo um satélite.

DR - Um Centro de Referência?

JS - Um centro de referência pra cá, então fiquei como funcionário federal, recebendo por lá, passei pra lá em embora hora, e me aposentei melhor que eu a aposentadoria que recebia daqui.

AB - O Barros Barreto?

JS - Eu levei meu tempo daqui pra lá e somou tudo.

AB - E o Barros Barreto ficou até a década de 50, então o senhor acredita que entrou na década de 50 pro ministério?

JS - Possivelmente.

AB - Possivelmente.

JS - ... e justamente (?)

DR - Quando o senhor saiu da...

JS - Mas isso deve ter aí em qualquer lugar...

DR - Departamento.

JS - ...na minha biografia não tem não?

DR - Não.

AB - Não tem a data de entrada no ministério.

DR - ... não tem não, a data não, só a data quando o senhor foi diretor da Divisão Nacional de Tuberculose.

JS - Que foi...?

AB. e DR- Foi em 72. Que foi em 72 a 75.

DR - É. Aí a gente queria saber isso, quer dizer, o senhor teria entrado pelo Ministério da Saúde, o que, que trajetória o senhor fez no ministério, porque a gente tem como informação do curriculum é... que o senhor foi médico nível 21, foi representante da Divisão Nacional de Tuberculose setor Espírito Santo.

JS - Setor do Espírito Santo.

DR - ... e foi diretor da Divisão Nacional de Tuberculose de 72 a 75.

JS - Justamente.

DR - Quer dizer, o senhor lembra como é que foi essa trajetória? Esse representante da divisão setor Espírito Santo, foi depois do senhor ser diretor da Divisão Nacional de Tuberculose?

JS - Foi antes, foi antes é... foi tudo com Barros Barreto, que se apaixonou por mim (risos) como eu disse. Então ele fez questão de... trazia o pessoal pra cá, então ele disse o seguinte: "Você é, você é da Campanha de tuberculose, aqui é que se fazia os estágios todos, tudo mundo aqui é que tem o melhor centro de saúde, então, você "então, ora viva, em boa hora (risos), se me aposentasse pelo Estado eu ganhava muito pouco. Mas na verdade o grosso do... da coisa foi como o trabalho no estado, o grosso do meu tempo foi trabalhar no estado, trabalho federal foi depois do Barros Barreto, né? Mas trabalhava lá e trabalhava aqui.

DR - Sei. Quando o senhor foi representante da DNT, era, era o mesmo que superintendente regional do, do...

JS - Era mais ou menos a mesma coisa.

DR - ... da Divisão.

JS - ... era mais ou menos, porque todos os programas que tinham aqui, era... e eu fazia parte também dos cursos de...

AB - ...dos cursos da campanha...

JS - Dos cursos da campanha.

DR - E como diretor da Divisão Nacional de Tuberculose, é... o senhor era, era também diretor... superintendente nacional da campanha contra tuberculose?

JS - Não, eu era diretor, diretor... é diretor superintendente... qual era a diferença?

AB - A informação é que o diretor de departamento nacional de tuberculose, seria o superintendente da campanha nacional.

JS - É, pois é, então eu era tudo isso.

AB. e DR - Automaticamente... diretor da Campanha.

JS - Foi nessa ocasião que eu viajei muito, pelo país aí comecei... foi uma forma de conhecer um mucado do Brasil (?).

DR - O senhor lembra quem era o ministro, quando o senhor foi ser diretor da Divisão Nacional de Tuberculose?

JS - Não foi o Samuel Libâneo.

AB. e DR. - Não.

DR - Seria o Rocha Lagoa ou Mário Lemos?

JS - Mário Lemos não foi.

DR - Paulo Machado?

JS - Paulo Machado. Acho que foi Paulo Machado. O Paula Souza foi quando?

AB - O Paula Souza foi do Serviço até 51.

DR - 46.

AB - 51.

DR - Ele foi da Campanha, a Campanha começou em 46.

AB - A campanha foi de 46 até 51.

JS - 46.

AB - Agora o ministro da época dele era... não me lembro. Agora na época do senhor, tem essa possibilidade; ou era o... Machado Lemos ou era o Paulo...

DR - Clemente Mariani?

AB - Clemente Mariani.

DR - ... de 46 a 50.

JS - Eu acho...

AB - O Paulo Machado, o senhor tá... tá lhe parecendo ter sido o Paulo Machado.

JS - Mas não tenho certeza, compreendeu?

AB - Sei.

JS - Bem, com 81 anos eu até que estou lembrando muita coisa (risos).

AB e DR - ... ah, não (risos)

DR - Agora, o senhor lembra da sua gestão como diretor da Divisão Nacional de Tuberculose, essas realizações, as coisas que o senhor fez...

JS - Bem, em termos de trabalho pelo menos eu viajei muito, no meu serviço que era aqui e lá, não viajei todo o Brasil não, mas de vez enquanto eu era obrigado a viajar, e viajava conhecia muita gente, e se trabalhava muito naquele tempo, eu tinha auxiliares muito bons, auxiliares muito bons.

AB - O senhor cita alguns deles pra gente?

JS - Tem um que eu sempre esqueço o nome dele, muito bom, ele era muito novinho, que trabalha lá, tinha, tinha o Mourão...

AB - O Mourão.

JS - O Mourão era meio fresco (risos), mas era um sujeito trabalhador e tudo isso, aliás esse pessoal, é muito bom que se diga, um bom elemento. Tinha o... Nunes, não lembro o nome todo, e eu não sabia. Nunes também muito trabalhador, muito bom e companheiro e, tinha um que tá vivo ainda, muito simpático, muito bom, que eu esqueci o nome dele, mas pode ser que eu lembre no decorrer da entrevista.

AB - É...

JS - Esses eram que trabalhavam mais, mas comigo. E tinha também a dona Aurora, Aurora brigou comigo, não tenho memória nenhuma, nem sei se está viva. Dona Aurora era secretária. Mas eu ia pra lá pra dirigir o serviço, era meu braço direito de secretária. Então eu levei a Ilza comigo é claro...

DR - Levou?

AB - A Ilza.

JS - A Ilza Fundão, que também era funcionária federal como eu era, levei daqui pra (?); quase que uma briga tremenda porque eu digo: "Bom, você trabalha aqui e tudo isso, mas eu trabalho com a Ilza há uma porção de tempo, sabe o meu ritmo de trabalho, você deve entender tudo isso você sobe fica trabalhando com o professor Fontes Magarão". Fantástico, fantástico; um santo homem; além de ser um sábio era um santo homem. Morreu também.

DR - Durante a sua gestão na, na divisão, várias coisas aconteceram, foi criada a rede nacional do laboratório de bacteriologia, é houve o programa nacional de vacinação BCG, e... teve uma portaria em que definia normas pra serem seguidas pela Previdência Social no combate à tuberculose, foi elaborado um manual...

JS - Teve a central de medicação, CEME.

DR - Foi criado durante a sua gestão?

JS - É. Não eu não criei a CEME. Mas me entendi muito bem quem era o responsável pela CEME que era um monstro, não sei o nome dele. Nunca vi, nunca vi um homem tão trabalhador e tão objetivo, nunca vi; já morreu. Mas procuro o nome dele, mas vocês podem saber... E se souberem mande me enviar, porque eu fico chateado quando esqueço o nome de um homem como era ele. Que mais?

DR - A CEME participou desse programa nacional de vacinação.

JS - Sim, imediatamente...

DR - ... como foi essa participação?

JS - ... imediatamente que se criou a CEME, eu fui procurar o chefe reunimos com ele para distribuir a medicação para todo o país, para todo país. aí começou a receber as drogas, naquele tempo pouca coisa né, naquele tempo não era muita coisa; mas já tinha as primeiras drogas aparecidas, então para todos, todos os postos de saúde, sobretudo os centros de saúde que tinha... não tendo especialista pra tratar, foi então, que talvez ali a Campanha tenha se estendido para toda área do país, penso eu. Me disseram muito pouco sobre isso. Também a evolução federal foi grande, foi grande; então tinha visitantes etc... que vai visitar o estado, o país todo lá só pra ver o serviço da tuberculose, não o país todo, mas onde tinha centro de saúde... E teria aquelas visitas periódicas, dos médicos inclusive...

DR - Eram supervisores, né?

JS - Eram supervisores. É. (?)

DR - E, e o governo federal, quer dizer, a nível da, da divisão nacional da tuberculose, ele... ele ajudava a montar os centros de saúde...

JS - Sobretudo era.

DR - ... equipamentos?

JS - Tudo era por conta do governo federal (tosse), muitas vezes a gente quando conseguia uma parte do estado, uma parte federal fazia exatamente... porque nunca o governo federal teve... e sobretudo o pessoal nunca teve os recursos que deveria ter (?), saúde e educação.

DR - E tinha o treinamento do pessoal?

JS - Tinha.

DR - O treinamento era feito, o senhor ficava no Rio...

JS - No Rio todo o tempo.

DR - Enquanto diretor da divisão. O treinamento do pessoal era feito no Rio, ou o pessoal da divisão ia aos estados, aos municípios pra treinar?

JS - Era feito parte no Rio, e depois então, ia pra um outro lugar onde tinha um serviço melhor, eles viajavam. Mas, eu não viajava muito. Eu viajava, mas pouco mas fui ao norte, conheci grande parte do Brasil nessa ocasião, não conheci todo o Brasil.

DR - Agora, no final da... da já próximo do final da sua gestão, na divisão, houve uma reformulação do Ministério da Saúde, foi quando se criou em 76 a Secretaria Nacional de Programas Especiais e a Secretaria Nacional de Ações Básicas de Saúde, o senhor participou dessa discussão?

JS - Não, não.

DR - Por que a criação, quer dizer o processo de discussão deve ter iniciado antes, né?

JS - É. Eu estive lá de quanto de seten...

DR - É, de 72 a 75.

JS - É.

DR - Essa reformulação foi em 76, mas deve ter havido uma discussão.

JS - Não, não, não houve; pelo menos...

DR - ... que o senhor tenha participado, não né?

AB - E esses programas que eram planejados, nacionalmente pra normatizar; eles tinham uma diferença muito grande na sua aplicação regional, quer dizer, o senhor sentia diversidade na aplicação regional dos programas?

JS - Bem, não tinha pelo menos da minha parte...

AB - É da sua parte, na questão da vacinação BCG...

JS - É... vacinação BCG.

AB - ... das discussões a nível periférico...

JS - Medicação específica, né?

AB - Medicação específica.

JS - ... era só aquilo mesmo pra todo mundo, a mesma coisa, não tinha particularidade de um lado ou de outro, não tinha (tosse), porque a tuberculose é uma só, é...

DR - Foi, foi nessa época que começou o atendimento de tuberculose a passar exclusivamente pro centro de saúde não?

JS - Não, tanto centro de saúde, como postos de saúde. Centro de saúde é centro de saúde...

DR - Sim, sim.

JS - ... posto de saúde é um medicozinho só e tudo isso...E eu acredito que sim, mas não garanto não. Devia ter algum estado que tivesse melhor que o outro né, porque não eram todos os estados, apenas a orientação que eles tinham do governo federal, cada um depois com seus recursos.

AB - E os recursos davam para a execução do serviço?

JS - É, os recursos davam.

DR - Essas normas a serem seguidas pela Previdência Social, seria no sentido da instrução enquanto a terapêutica?

JS - Sim, tudo, tudo sempre teve (tosse) a mesma terapêutica, porque tuberculose era uma só... então era muito pouco. Mas na CEME teve um homem que eu não sei o nome dele.

DR - Ele foi o primeiro diretor da SEMI?

JS - Mas esse era um monstro. Acho que era João não sei de que, não sei se vocês (?).

DR - Isso a gente pode saber depois.

JS - ... aí manda dizer pra mim, porque era de uma atividade brutal, nunca vi um sujeito tão ativo quanto ele, estava em toda parte, era uma coisa(?). (?) ficou muito amigo meu, mas foi um grande homem, extraordinário ele. Ele trabalhava... com ele trabalhava um capixaba, não sei se está vivo até hoje, está vivo até hoje. Eu não lembro o nome dele, mas ele é que eu fui procurar pra justamente me introduzir na central de medicamento, as medicações específicas pra tuberculose, pra distribuir pra todos. Isso foi uma grande coisa, mas se deve muito mais a ele... do que a mim.

DR - E ele aceitou e pronto?

JS - E pronto...

DR - Foi fácil essa...

JS - Veio até o esquema e tudo isso. Cheguei a tentar um esquema mais barato, pela dificuldade toda, não tinha cetazona também junta, mas cetazona deu umas incidências, umas repercussões na pele etc... foi o primeiro esquema espalharam, passou a adotar o esquema total, que é esse até hoje.

DR - E a BCG quem introduziu?

JS - O professor Arlindo de Assis.

DR - Fundação Ataulfo de Paiva, né?

JS - Fundação Ataulfo de Paiva. Este era um santo.

DR - Agora vamos falar da Liga do Espírito-santense contra a tuberculose, a gente queria que o senhor falasse um pouco sobre o momento da fundação da Liga.

JS - Bem... a Liga era um troço interessante.

DR - Quando foi, as pessoas que participavam.

JS - ... é um troço interessante, tuberculose era um pavor, era um desespero, não tinha medicação, não tinha coisa nenhuma, era pneumotórax que se fazia, precisava um especialista, era muito pouco os especialistas no país. Então... quando eu... cheguei aqui, tinha muita tuberculose, não só na pobreza, como também nas classes altas, felizmente, eu então, criei, cheguei, entrei em dezembro de 32, em fevereiro de 33 fundei a Liga contra tuberculose que existe até hoje, parece que é a única do mundo, as outras fecharam.

DR - Parece que a de Recife ainda...

JS - ... ainda existe a Liga de Recife?

DR - Ainda existe.

JS - (?) [vozes ao fundo] (risos), então fundou-se a Liga. Agora, como? Como funciona? Cadê o dinheiro?

DR - Agora por que o senhor pensou em fundar uma Liga nesse momento? Por que as ligas em geral foram criadas no início do século, não é?

JS - Pois é... e quando eu cheguei, tinha liga, várias ligas, não é que não tinha, e tinha muita tuberculose, sobretudo, sobretudo não, mas bastante na sociedade, a tuberculose era generalizada, felizmente, porque aí todo mundo tinha pavor. Eu então, vi, comecei a... a... Como é que chama a operação do tórax? Comecei a tratar os casos de tuberculose que apareciam, a medicar pneumotórax, aquelas coisas todas, e tinha uma senhora chamada dona Edite Gomes Prado, essa senhora era modista aqui, era uma grande modista de Vitória, fazia vestido pra todo mundo etc... (?) perto do Carlos Gomes e, felizmente adoeceu o filho dela (risos)

DR - Felizmente para o povo em geral.

JS - ...e então aquilo era um pavor, eu comecei a tratar o filho dela, pneumotórax e tudo e curei o menino. E cura, lá todo mundo ficava entusiasmado. E a Liga então, ela passou a ajudar a Liga

com festas. Como é que eu ia adquirir dinheiro? Então festas da sociedade. Era o moço mais bonito, inteligente, esperto etc... Então pegava, faziam festinha no sábado e tudo isso, e a gente fazia festas no Carlos Gomes. (?) mas nós fazíamos as festas e enchia, assim de gente pra assistir, e ali a gente tinha recursos, então pra realizar campanhas, segundo o tuberculoso era a Liga que ajudava todo mundo... não tinha o que comer, dava um pouquinho, fazia uns embrulhos de comida igual...

DR - Quer dizer, a arrecadação da festa vinha pra Liga, não é?

JS - Vinha tudo pra Liga, e ajudava porque no fim da festa nós fizemos, fizemos o prédio da Liga, logo de saída o prédio da Liga. O prédio da Liga, a associação comercial, era fácil, você fez um centro não, não era fácil, naquele tempo era um pavor, a Liga tuberculose era um pavor; porque todo mundo tum-tum está morto. Então todo mundo era generalizado, vendo a sociedade alta, você vê a Edite Prado, era rica e tudo. E então a associação nos deu um terreno.

AB - A associação dos comerciários.

JS - Associação... associação... dos funcionários públicos. Então nos deu um terreno. Quem ajudou muito nesse particular foi o Darci Brasileiro da Silva.

AB - Darci?

JS - Brasileiro da Silva, que participa até hoje da direção, homem puro sabe, difícil de encontrar um homem assim. Bem, então as festinhas... um recurso pra construir o... o projeto, eu não tenho bem certeza se foi esse... Jaime, sobre o Jaime, ou se foi o Olímpio Brasiliense, um dos dois fez o projeto pra mim; terreno doado, projeto as festinhas (risos), então se construiu o prédio que está aqui.

DR - Sempre foi aqui?

JS - Sempre foi aqui, já existia a liga especial contra a tuberculose, acho que foi fundada em 32... então, a Liga, as festinhas da Liga reunia muita gente...

DR - Ah, sim existia sem a sede, sem o prédio?

JS - Sem a sede, sem a sede era a Liga (risos).

DR - Sei.

JS - ... e então, festinhas construímos o prédio...

DR - O prédio foi inaugurado quando? O senhor lembra? foi muito depois, ou foi... vocês conseguiram construir rápido?

JS - Não, construímos rápido, conseguimos o terreno e construímos rápido. Mas eu, eu não sei quando foi o início da Liga, mas foi na década de 30.

DR - De 30 ainda. É. Agora em 34, se eu não me engano, o senhor casou né?

JS - 34 eu me casei.

DR - É... e assim como a esposa do doutor Raphael, sua esposa também ajudou, nessa... nessa construção da Liga?

JS - Não, não, não, ela ajudava nas festinhas.

DR - Sim.

JS - Só nas festas. Ela é uma excelente mulher, mas ela é... não é uma que chega a ter um trabalho etc...

DR - Sim.

JS - Mas daquela vida comum...

DR - ... de casa...

JS - Tem a ver com a época, não é?

DR - Agora, tinha a Liga Espírito-santense, tinha relação com a... com a Liga Brasileira?

JS - Bem, a Liga Espírito-santense era filiada à Liga brasileira.

DR - Era filiada à Liga brasileira. E que órgãos a Liga criou aqui no Espírito Santo?

JS - Bem, a Liga centralizou a luta contra tuberculose...

DR - Nesse dispensário?

JS - Nesse dispensarizinho, pequeno e ajudava, mas também custava, não era nada próprio.

DR - Sim.

JSN-... tinha um certo tempo, batíamos um raioxizinho, tinha os exames pra fazer, porque, porque a Liga era de festas, depois então... a tuberculose passou a ser curada 100%, acabaram as festas etc... ninguém se interessava mais em fazer festinhas pra Liga, nem coisa nenhuma, então era um serviço do estado.

DR - E se fazia... se fazia pneumotórax aqui no dispensário do Rio, desde o início?

JS - Fica, todo... desde o início era.

DR - E fazia-se BCG?

JS - O BCG, o BCG logo que apareceu o BCG, então começamos a generalizar o BCG tudo, departamento pela Liga, sempre foram associados, sempre um era particular, o outro era público, mas, mas perfeitamente equilibrados.

DR - O BCG vinha... vinha pelo estado?

JS - Vinha pelo estado sim, sim a Liga não tinha (?).

DR - O BCG fornecia pra Liga, e a Liga aplicava o BCG.

JS - Aplicava, aplicava o BCG; era como se fosse, como se fosse, embora fosse um posto também, dos postos.

DR - Que o estado tinha.

JS - (?) não era só a Liga. Aí, começou a generalizar pra hospital a vacinação BCG.

DR - E a abreugrafia, abreugrafia começou na Liga quando?

JS - A abreugrafia também começou porque a abreugrafia, falei sobre o Abreu? Falei, né? O Abreu...

DR - Não, o senhor falou...

JS - O Abreu...

DR - No retrato deles?

JS - No retrato, eles eram gêmeos, né?

DR - O senhor conheceu ele pessoalmente?

JS - Muito, fomos muito amigos, e tenho um retrato dele aí, e do Arlindo. Eu mostrei a vocês?

AB. e DR - Mostrou.

JS - Pois é. Então as duas, do BCG e da abreugrafia, uma sem saber nada da outra, mandaram praticamente com a mesma dedicatória, isso pra mim era uma satisfação formidável. Mas o Abreu, como disse o Arlindo, era sábio; o Abreu era gênio e... todos os dois ficaram muito amigos meus, até velho né...

DR. O senhor implantou a abreugrafia, aqui no Espírito Santo, logo que o Abreu descobriu?

JS - Logo, logo; foi logo, foi a primeira... que quando eu estive com o Abreu, conversei com ele, e eu disse a ele; acho que contei a vocês; "Professor é fantástico; eu quero comprar o aparelho". "Oh, só tem o meu... (risos) no mundo inteiro, no mundo inteiro só tem o meu". Eu digo: "Eu sei, mas..."

DR - Foi ele quem inventou.

JS - ... é, é... mas isso vai se generalizar, isso é uma coisa fantástica, pra distribuir isso pra coletividade, não ficar só naquelas chapas, que eram individuais praticamente só". Ele disse: "Não, não, na verdade a cada ano(?)". "É porque eu quero comprar uma". "Bem eu não sei o preço, não sei coisa nenhuma". (?) Eu digo: "Bem, então eu vou pra lá". Fui lá conversar com ele, com a diretoria (?) "nós não temos de fato (?), mas vamos fabricar, vamos fabricar". "E eu quero comprar". "Mas não sabemos nem o preço, nem quanto ela...". "Não importa, eu quero ser o primeiro do mundo a ter um aparelho de abreugrafia (risos), e quero dois". (risos) "Mas eu não sei o preço". "Não discuto o preço eu quero dois".

DR - O dinheiro eu arranjo (risos).

JS - O dinheiro eu arranjo, se eu não arranjar o senhor não dá (?), o senhor não me entrega.

DR - Ele não sabia da sua habilidade pra arrumar dinheiro, nem sabia ...

JS - Nem do sangue judaico, embora olhasse o nariz assim e dissesse: "Esse sujeito é judeu".

AB - (risos)

JS - Mas então, de fato eu comprei direitinho o aparelho de abreugrafia, isso eu falei antes, mas já era o secretário de saúde aqui, então comprei para Vitória botar no Centro de Saúde de Vitória e um para Cachoeiro de Itapemirim, pra Cachoeiro, com doutor Murilo de Abreu, um bom sujeito, filho do prefeito, que foi outro, outra vantagem. O prefeito me ajudava um mucadinho (?) pra arranjar dinheiro. O pai dele era grande sujeito; violento, mas... todo mundo respeitava, muito honesto e, então esses dois aparelhos foram os primeiros do mundo.

DR - Não veio pra Liga, logo então?

JS - Não, a Liga não tinha muito recursos. O primeiro que colocaram foi justamente no Centro de Saúde de Vitória, e depois, logo depois, Centro de Saúde de Cachoeiro do Itapemirim. Depois se generalizou, cada um tem; naquele tempo fui um dos primeiros, um dos primeiros adquiridos no mundo inteiro (risos), isso é fantástico né (?).

DR - Agora durante a história da Liga, que mudanças houveram?

JS - Bem...

DR - O senhor disse... já nos falou um pouquinho, a Liga começou enquanto um órgão, sem sede...

JS - Sem sede, sem nada.

DR - ... sem sede física, né?

JS - Bem, depois eu assumi o terreno...

DR - Aí construiu a sede?

JS - E por doações do terreno, engenheiro coisas, projetos tudo isso consegui gratuitamente com amizades de um ou de outro né, com despesas mínimas, até então construir a sede que está lá, que está aqui, até bonitinho, né? Doação do terreno, tudo isso, por que? Pavor da tuberculose, eu me aproveitei muito do pavor da tuberculose da época, né. Se fosse hoje em dia a tuberculose se trata em posto de saúde e tudo... então ficou ali, então uma sede. Essa sede aí, eu digo: eu preciso então criar a direção da Liga, porque a Liga era eu, não há diretoria da Liga, então convidei pessoas da sociedade que podiam, confiavam em (?) então entrava com um dinheirinho de sócios etc. pra ajudar a construir a Liga e tudo; moram ali do lado, moravam, acho que já morreu (?) não tem importância não. Depois... depois ficou um outro, e agora, mas que a viúva está viva e mora exatamente em frente a Liga (risos) passa o meu nome...

DR - Eram todos vizinhos da Liga?

JS - Eram todos vizinhos da Liga e... Mas depois as Ligas foram desaparecendo, desapareceu porque começaram a aparecer as drogas curativas, as grandes drogas curativas os postos de saúde e centros de saúde começaram a distribuir então a Liga, não tinha nada e nem precisava ajudar nem nada, foi então que veio o Abreu...A Liga hoje em dia tem recursos, tem depósito em banco e tem uma diretoria, e tinha diretoria, a diretoria atual é a melhor diretoria, e... foi o seguinte o presidente, que é presidente até hoje, eu procurei e disse a ele: "olha estou procurando uma pessoa que confie em mim". E ele disse: "mas por que"? "Pra botar como presidente da Liga, não ganha nada, não tem coisa nenhuma, mas a Liga precisa ter, não sou eu, a Liga precisa ter uma diretoria tranquila, precisa organizar a parte financeira embora eu seja meio judeu... mas preocupado com operação da Liga, não ganha nada, ninguém". "Não, não eu"... não tenho impressão, não tenho muita certeza, mas eu acho que ele tinha um caso de tuberculose na família. "Não, não eu confio em você". "Você é presidente". E é presidente até hoje da segunda fase. E até hoje tem uma diretoria que fica, não ganha nada, não ganha nada, se reúne sempre, até hoje; freqüento lá a Liga, estudo lá e tudo, ele me ajuda e tudo a arranjar dinheiro...

DR - É, e o que mantém a Liga, hoje?

JS - Abreugrafia.

DR - As abreugrafias são pagas?

JS - São, são e agora também é...

DR - São pagas por cada pessoa que vem ou...

JS - Cada pessoa que vem...

DR - ... ou tem convênio com empresas?

JS - Tem convênio com empresas.

DR - Tem convênio com empresas.

JS - Com várias empresas, de maneira que tem dinheiro no banco, tem recursos...

DR - Paga os funcionários, os funcionários são pagos?

JS - Os funcionários são pagos, aí então, eu passei a receber que eu trabalhei.

Fita 3 – Lado B

JS - Então, uma coisa que eu fiz logo em seguida é o seguinte: se eu vou pra lá, eu vou levar elementos meus, que possam ir e que estejam acostumados ao meu ritmo de trabalho. Então levei dona Ilza Fundão.

DR - Ilza Fundão?

JS - Ilza Fundão. Que está... se quiser pode até entrevistar, então ela está bem lúcida. E isso já deu logo um banho de saída, porque a secretária (risos) dona (?) ficou ...

DR - Enciumada.

JS - Enciumada, embora ela fosse trabalhar com o professor Magarão que era excelente, muito melhor, muito melhor do que eu, ele é um sábio. Era um sábio, acho que Magarão faleceu...

DR - Ele faleceu.

JS - ..., mas era um homem muito simples, quieto, caladinho, tudo... BCG mesmo, que cuidou, desenvolveu bastante aqui, mas faz falta até hoje. Bem, e lá eu tinha auxiliares imediatos trabalhavam comigo; porque evidentemente sempre foi meu sistema trabalhar com conjunto, então imagina indo pra outro estado, e não podendo levar o pessoal que já trabalhava comigo. Então, levei...que substituí o Nunes, ele quis sair, (?) então, levei a dona Ilza daqui, secretária e lá... tive contato com o professor Magarão, o Daniel (?), aliás esses todos; o professor Magarão acho que já faleceu, mas o Bethlen está vivo até hoje...

DR - Tá.

JS - ... comigo, o Newton, Dr. (?), mas está lá ainda (?) no Paraná, (?) o Daniel Marques está lá no Rio, (?) quisessem entrevistar ele, eu achava interessante não (?) então eu posso dar o endereço dele se vocês quiserem... O Miranda, é Nunes Miranda.

AB - José Antônio Nunes de Miranda.

JS - É, José Antônio Nunes de Miranda, também trabalho comigo muito tempo (?) a secretária minha, que implicou um pouco comigo, dona Orlandina, mas ainda está lá. Porque eu levei a minha secretária Ilza, (risos) e ela então foi trabalhar com o Magarão e ficou toda zangada comigo, mas né, bom não é só gente que gosta de mim, tem quem não gosta de mim pode falar também. Dona Orlandina... bem trabalhou comigo também, um pouco, um pouco mais afastada, não era muito ligado lá a coisa, Gilmário Teixeira.

DR - É, ele está na Campanha.

JS - Está na Campanha

DR - É, ele e o Dr. Miranda.

JS - Doutor Miranda, e a Ieda que era enfermeira.

AB - Ieda.

JS - É, Ieda, Ieda...

AB - Castro, né?

JS - Ieda...

AB - Barros, Bahia...

JS - Mesquita Castro...

AB - Acho que alguma coisa...

JS - Acho que nem é mais Ieda... Fantástica enfermeira, fantástica enfermeira, era chefe de enfermagem e tudo, e tinha o serviço social, que trabalhava a doutora Cevis. Conheceram?

AB - Doutora?

DR - Cevis.

JS - Antonia Cevis. Cevis. É que eu guardo muito, que era excelente pessoa, excelente pessoa nem sei se está viva nem nada, bem... estava vivo, trabalhou muito, que eu conheci muito Cepta, é Alfredo João Cepta, este está vivo, forte muito; auxiliar de primeiríssima, me ajudou muito lá foi justamente essa equipe toda. Porque eu ia pra um meio que eu não conhecia praticamente

ninguém, auxiliar que eu fui conhecer, um ou outro que eu conhecia, ou da própria medicina, de congresso etc... eu fui juntando, e vários outros já estavam lá, eu não conhecia. O Cepta... o David, (?) eu não sei bem o nome dele não. O David e eu nos damos muito bem, porque o David era do meio judaico (risos) também, e isso ajudou.

DR - E vocês se entendiam.

JS - E tinha o Ernesto Leitovic, não sei que fim levou. Esses formavam a equipe que trabalhou comigo, porque evidentemente um trabalho pesado, como foi naquele tempo, eu tenho que ter auxiliares... infelizmente já havia na Liga, a grande maioria desses funcionários, já estavam acostumados lá e tudo e, complementava as informações que eu precisa de um ou de outro, antigamente o que funcionou e o que não funcionou e eles me ajudaram muito, quer dizer, (?) nessa decisão bastante, bastante evidentemente foi muita coisa que se fez no país nessa ocasião, nesse tempo que eu passei lá, foi justamente a equipe que eu já encontrei, essa equipe era muito boa, então isso é mérito dos que me antecederam, eu botei muitos poucos, eu encontrei gente muito boa.

DR - A maioria já estava lá trabalhando. Agora a... a secretária aqui dá Liga, ela estava dizendo...

JS - A secretária, a Luci...

DR - Essa senhora que estava conversando...

AB - Essa senhora que providenciou a sala.

JS - Luci.

AB - Dona Luci, estava nos dizendo é... que o senhor veio pra esse prédio da Liga em 55...

JS - Em 55.

DR - ... com a Campanha.

JS - Sim, como representante aqui

DR - Então o senhor foi representante regional da Campanha já desde essa época, 1955?

JS - Desde essa época... justamente.

DR - Aí se instalou aqui nesse prédio com a Campanha aí foi que deu impulso a Liga...

JS - ... a Liga que já existia, um prédio etc... já existia e tudo, mas é que tomou impulso todo... porque ficou servindo pra lá e pra cá como elemento ligado ao governo federal, né?... e já funcionário, eu fui muito tempo funcionário do estado.

AB - E até hoje ela se encontra ligada até hoje a Liga tá ligada à campanha, recebeu algum tipo de subvenção material?

JS - Não, nós não recebemos nada, ajuda nem nada, pode ser que tenha... antigamente recebia, atualmente não recebe, atualmente ela vive exclusivamente da abreugrafia, e aí que tá o grande susto, que é se suspende a abreugrafia ela cai.

DR - Vai viver de que.

JS - De que vai viver a Liga. Mas antigamente tinha sócios e tudo isso, mas era muito pouco... mas era o terror da tuberculose, era fácil.

DR - Agora, dona Luci estava nos dizendo também do preventório que a Liga tinha.

JS - É, a Liga tinha, naquele tempo se usava o preventório, nós tínhamos então um preventório lá na praia da Costa, e também naquela ocasião, era banho de mar... então aquela garotada ficava lá que nós recolhíamos, tomava banho de mar, passava uma temporada, não tomava remédio nada, só se alimentava, que também geralmente não tinha, e saía aquela turma, entrava outra turma na praia da Costa. Existe ainda esse prédio, não sei, era na praia da Costa, perto... mais adiante, mais adiante outros prédios e possível o prédio da residência do governador... Passou a funcionar lá, praia muito boa é, e não sei, talvez a Luci saiba o que é agora o antigo preventório.

AB - O que funciona no antigo preventório?

JS - O que funciona atualmente lá, porque é um prédio relativamente grande.

AB - E a parte de assistência social da Liga fornecimento de leite e até de vacinação sanitária...

JS - Bem nós tinha, nós tínhamos uma equipe de serviço social, serviço social quem era (risos).

AB - Não nem precisa dizer, além do fornecimento, tinha fornecimento ali... tinha fornecimento de alimento...

JS - ... de visitas.

AB - Visitas.

JS - Visitas aos domicílios dos tuberculosos, ajuda tanto quando pudesse a Liga manter (?) isso tudo funcionava, sobretudo nos bairros pobres e nós como eu disse já antes né, conseguimos uma ambulância com raio-X mandamos, e mandamos até hoje para os bairros pobres.

DR - Pra fazer abreugrafia?

JS - Quando encontrava um foco com vários casos, a ambulância pra lá para fazer abreugrafia, pra ver se descobria casos, como isso mais antecipava o diagnóstico, mas naquela época o

tratamento não é 100% como é hoje, problema mais era na prevenção do que... a (?) por exemplo, era em 52, né?

DR - Foi.

JS - É, e a Liga também funcionou...

DR - Só pra gente é... é fechar a questão da Liga, quer dizer, ela foi criada em 33...

JS - Em 33.

DR - ... mas ela não tinha prédio, quer dizer, o senhor funcionava enquanto presidente da Liga, é... e trabalhando inclusive, buscando recursos...

JS - Recursos...

DR - ... para construir o prédio. Quando construiu o prédio, e o senhor ficou como presidente da Liga aqui?

JS - Não, não nunca fui presidente.

DR - Não, nunca foi presidente. O senhor ficou fazendo trabalho no estado e outra pessoa assumiu a presidência da Liga.

JS - Quando eu procurei essa... depois que saiu o Muniz, os outros que já eram anteriormente, eu, eu... procurei atual diretoria - eu não sei exatamente, depois eu posso saber com a Luci, qual que permanece até hoje-, e procurei o presidente, José Alves de Oliveira. José Alves de Oliveira, morava perto da minha casa - a Luci me informou -, e eu ... ele disse assim: "olha, eu preciso de um homem que confie em mim"... não é que eu confie nele, e que confie em mim, porque eu que vou fazer o trabalho todo". E ele, ele era (?) então se podia constituir a Liga, ele então ficou presidente e se formou os outros auxiliares (?) na época, José Higinio de Oliveira, que está até hoje, o Darci Brasileiro da Silva (?) e o Zé dava uma assistência muito grande, mas ele agora está morando no interior, mas ele vem, periodicamente, como ele é um homem muito sério, ele vem periodicamente pra, periodicamente ver como é que estão as coisas etc. e a gente se reúne periodicamente. Eu, pra secretário da Liga aproveitei um bancário que entende de coisas, o Otacílio Câmara que é até hoje, acho que continua até hoje.

DR - Quer dizer, o senhor sempre foi médico da Liga...

JS - Sim, médico da Liga.

DR - ... nunca foi... direção da Liga?

JS - ... da direção da Liga não.

DR - Mas na verdade era o senhor que dava impulso à Liga.

JS - Criei e movimentava a Liga e levei um mucado de tempo aqui na Liga trabalhando pela Liga, mantendo a Liga em pé, de qualquer jeito sem ganhar absolutamente nada. Depois de um certo tempo (?) então agora eu me aposentei, tinha muito tempo mais tempo, moro aqui perto então fiquei (?) e aí então passei a perceber os vencimentos.

DR - Tá... pra gente...

JS - ... e os vencimentos não eram nada..., mas hoje em dia é um bom vencimento, porque vencimento foi 10% da receita, então... certo 10%, não era nada, mas a gente, tinha um bom vencimento (risos).

DR - Crescia o trabalho da Liga né, aumentou o campo?

JS - Aumentou muito o campo da Liga.

AB - O campo era favorável.

JS - Todos esses prédios do lado e tudo, a Liga tem recursos no banco e depósito e tudo... (?) chefe da diretoria.

DR - Olha só... é ... foi quando os quimioterápicos, quer dizer, começaram a funcionar mesmo né, foram reconhecidos enquanto terapêutica eficaz contra a tuberculose, e passou para o controle do estado, é que a Liga começou a fazer sua abreugrafia.

JS - Não, a Liga... começou a abreugrafia como uma fonte de renda né, como fonte de renda, sobretudo como fonte de renda; vai viver de quê?

DR - Foi independente dos quimioterápicos?

JS - Independentes dos quimioterápicos, quer dizer, uma fonte de renda, os quimioterápicos estão lá nos postos de saúde (?) lá um pouquinho cuidando da quimioprofilaxia, é... aliás isso mostrou... Isso é meio chato... Mas fomos quase no mundo inteiro introduzindo a quimioprofilaxia, ela, ela foi imaginada por um professor italiano que esteve aqui depois, um deles esteve aqui, como a quimioprofilaxia deu a palestra toda, eu fui à palestra, e aí ele falou aquele negócio, eu aí então cumprimentei e tal "estou fazendo a quimioprofilaxia".

DR - Já estava fazendo.

JS - E ele então ficou todo entusiasmado, então me convidou pra ir à Itália (?) foi à Itália, de uma forma, imagine você, imagine... eu só olhava pra mim, falava um francês, um francês muito miserável, mas um francês fazendo a palestra sobre quimioprofilaxia, mas éramos os dois que faziam, na Itália e no Brasil... não me lembro o nome dele agora... e eu aqui no Brasil.

DR - Mas, é...

JS - Então esse é um motivo de satisfação grande porque eu imaginei um troço, e imaginou ao mesmo tempo lá, depois ele veio fazer a conferência para apresentar aqui, aqui eu já vinha fazendo, então isso... no mundo acho que fomos os dois primeiros a usar quimioprofilaxia e também porque os outros não tinham que fazer, tinha sobretudo (?) foi depois não?

DR - Foi dessa época, um foi 49 outro foi 51, por aí entre 49 e 52 é que...

JS - Justamente...

DR - ... é que foi trazido o PAS.

JS - PAS, PAS era fraquinho, mas sempre ajudava pra não dar uma droga só e daqui a pouco criar resistência.

DR - Agora...

JS - Mas é chato o sujeito fala de si mesmo, por isso (risos), por isso que eu disse...

DR - Mas é interessante isso...

JS - O Magarão morreu, mas o Bichar tá no Paraná, o Bethlen tá no Rio...

AB - Não, o Bethlen inclusive falou muito no senhor

DR - O Bethlen a gente já entrevistou.

JS - O Bethlen é muito amigo meu, um sujeito muito culto né. O Magarão já morreu.

DR - Doutor Jayme, só pra gente entender...

JS - O Bethlen é suspeito porque é amicíssimo meu até hoje me telefona, de vez enquanto (risos) vem aqui me visitar, sai de lá do canto dele do rio e vem me visitar.

DR - Pra gente entender o que...

JS - O Cepto também tá vivo que é novo, Alfredo João Cepto

AB - Cepto.

JS - ... não sei o endereço dele, muito bom, um sujeito limpo, esse aí, eu gostaria de ter notícias dele que eu não sei do Cepto há muito tempo, mas ligado comigo era o Cepto deles todos, o mais camarada; deixa eu ver se tem outro aqui... Ah, o Davi também trabalhou comigo e o Ernesto (?) esses trabalharam comigo, mas não sei por onde andam.

DR - Agora vamos passar pra outra, outra área de atividade do senhor, que é o ensino. O senhor foi professor de pneumologia e fisiologia...

JS - É, justamente.

DR - ... na faculdade de medicina da Universidade Federal do Espírito Santo...

JS - Exatamente. Foi, acredito 10 anos.

DR - Durante 10 anos.

JS - E... bem fui paraninfo pelo umas cinco vezes pelo menos, mesmo porque não me limitava, não era qualidade pessoal minha, não me limitava a dar aula, isso vocês vêem lá no curso, o negócio é ter o doente aqui junto; o doente aqui examina, vê isso, vê aquilo, escuta lá de cima, então perdi um tempo desesperado, por isso que eu desisti; porque eu não me limitava. Eu dizia assim "bem, isso teórico que eu falo aqui, vocês lêem o livro e, cada vez vêem muito melhor do que se trata, porque a ciência, graças à Deus, evolui muito. O importante é junto com o doente; é ali que vocês lêem como se trata o doente, como se cuida do doente, como se examina um doente e como se faz um diagnóstico". Então o grosso ficava comigo nessa enfermaria, é aqui que vocês aprendem medicina, não é lá". E com isso me tomava um tempo desgraçado, por isso que eu deixei porque as aulas minhas eram (?), mas o tempo que eu perdia lá era enorme, por isso que eu montei (?) não tinha recursos, podia ter muito mais.

DR - E o que levou o senhor a dar aula na faculdade? O interesse assim pelo ensino?

JS - Bem, quando... criaram a cadeira de pneumologia, eu era pneumologista eu era, acho que eu era o único pneumologista, era o único...

AB - A cadeira de fisiologia?

JS - É.

AB - Em 50?

JS - É.

AB - Em 50 e pouco?

JS - É. Aí então quando eu passei justamente.

AB - Quando o senhor ingressou?

JS - Eu ingressei então como professor, mas fiquei dez anos, porque como eu disse me tomava um tempo enorme, porque eu dizia que não ali, não é lendo e dando aula, tomando nota, lendo livro né, com doente levava, levava tempo, lembro meu caso que é gozado não tem importância nenhuma pra vocês: "diagnóstico menino, se faz como? Examinando olha pra ele, não vêem nada, nada, nada diferente (?) olha pra ele, ele tá de chapéu, (risos) tem algum chapéu aqui? Não. Então, porque que ele tá de chapéu. Tira o chapéu dele, era careca completamente tinha perdido

o cabelo todo. Por aí foi o diagnóstico dele lá, tá dizendo que... diagnóstico é observação e raciocínio, observação atenta e raciocínio em função disso. Muitas aulas (?) dessas atividades todas, o contato professor com o aluno piadas no meio, e me tomava um tempo enorme, porque se ficasse(?) não ia me aposentar como professor (?) então ficava um tempo enorme e o vencimento naquela época então era pequeníssimo, então eu saí de lá e fui pra minha clínica que... e minha clínica então que estava os tuberculosos.

DR - A... a cadeira era de fisiologia ou já pneumologia?

JS - Pneumologia.

DR - Já foi criada como pneumologia na universidade?

JS - É. Pneumologia e fisiologia.

AB - Pneumologia e fisiologia, isso desde que foi criada não teve nenhum processo depois que aumentou ela pra pneumologia.

JS - Não, não.

AB - Já foi criada como pneumologia e fisiologia.

JS - Pneumologia e fisiologia.

AB - E seu ingresso na universidade, foi por, por prova, por indicação...

JS - Não, não foi convite.

AB - Foi convite.

JS - Foi convite. Aliás era o único (risos)

DR - E o senhor também foi diretor do hospital de clínica da faculdade?

JS - Foi, infelizmente fui uns três anos talvez.

DR - Por que infelizmente?

JS - Não, porque é um trabalho fora da minha especialidade de dirigir (?) mas em todo caso tinha o sangue judeu... E fiquei lá, e de fato eu que tinha... construído o hospital (risos). E trabalhava no hospital, então convidaram pra dirigir o hospital. Não gostava de dirigir porque toma o tempo, atendeu ali e tudo, mas isso era de uma responsabilidade muito grande. Então fiquei... fui pra lá. Mas no que fui pra lá, cheguei lá, olhei; poucos doentes, porque um hospital desse tamanho... que eu fiz pra uma cidade grande 250 pessoas. Então um leitozinho, um ou outro aqui. Fui ao diretor e disse assim "escuta, eu posso continuar, eu assumo o abacaxi, mas eu tenho que fazer à minha moda, minha moda.... eu posso ajudar". "Mas como?" "Tem que pagar a hipoteca, só

pra indigente"? E os ricos? Os ricos, os que tem recursos, porque ficam aqui? E os institutos etc.. porque eles não pagam? "Ah, mas isso eu não faço". "Está bem, você não faz, vou conversar com o secretário geral da escola, que mandava mais do que ele... porque ele era só diretor. Fui lá e disse a ele: "olha, eu queria dizer o seguinte: me escolheram como diretor, é um abacaxi mas eu estou lá, já vi a situação toda, não tem jeito, tem poucos doentes, não põe mais porque não... pra dar aula quanto mais doente melhor, de maneira que eu... eu acho que nós temos que completar com os institutos, e botar os doentes aqui, mesmo porque eles não tem pra onde ir [barulho ao fundo]

DR - Os institutos, e que institutos?

JS - Os institutos mesmo.

DR - Da previdência?

JS - Da Previdência Social, então eles pagam e aí nós temos dinheiro pra pagar o pessoal médico etc., então..." "bom. você tá certo, eu não tenho dinheiro pra dar pra você pra isso, eu tenho pra parte administrativa, etc e tal, mas grave". Eu digo: "mas a saída é essa, então isso fica"... Então fez contato com os institutos todos, entrou dinheiro, e aí o hospital cresceu bastante. Cresceu bastante o hospital, em todos os sentidos cresceu bastante.

DR - E aí os alunos aprenderam mais.

JS - Aprenderam mais porque tinha muito mais gente, né, porque tinha indigentes, e tinha pagantes também. De maneira que cresceu o hospital, ficamos como aquela área como está. Depois que eu saí fizeram uma creche. Vocês visitaram lá?

DR - Não.

JS - É bom visitar. Naquele tempo... interessante que tem até um projeto virado pra leste, tinha varandas de repouso, banho de sol (?) (risos) não tinha nada, ainda tem aquelas varandas grandes tudo para tuberculose, hoje é um hospital de clínicos em geral, mas foi a...

DR - É o sanatório Getúlio Vargas?

JS - Era o sanatório.

DR - Era então, que se transformou no hospital de clínicas da faculdade?

JS - Justamente da faculdade, justamente. É bom visitar porque é uma área muito bonita, inclusive cheia de eucaliptos etc...

DR - Mas a faculdade é federal, o sanatório era do estado, não era isso?

JS - A faculdade sim, mas não era faculdade, era hospital lá que funcionava por conta do estado... por conta do estado e aproveitava de acordo... e eu ensinava lá... eu fiz o hospital e tudo isso né,

todos os médicos conhecidos meu etc... era, eu era o único pneumologista que tinha aqui no estado, então todos eles se davam muito bem comigo e funcionou muito bem e ainda funciona, ainda funciona. São outros os médicos que lecionam, mas ainda é o hospital que é excelente e é um bonito hospital. Você foi lá?

DR - Não ainda não.

JS - É bom ir.

DR - O senhor foi também membro do conselho superior de ensino e pesquisa da UFF.

JS - Sim, fazia parte, reuniões periódicas etc... quase que não me tomava tempo nenhum. E na verdade... não fui um bom... eu não ia muito lá, várias reuniões eu não ia.

DR - Matava as reuniões (risos)

JS - Matava as reuniões, eu não ganhava nada com isso também (risos).

AB - Professor, enquanto professor de pneumologia, tinha espaço pra desenvolvimento de pesquisa dentro da universidade, o senhor coordenava pesquisa?

JS - Não. Pesquisa, pesquisa propriamente não, nós escrevíamos muitos trabalhos... tem a lista?

AB - Tenho.

DR - Sim.

JS - Dá uns 100, talvez por aí. E então eu estudava os casos, os casos que tinham clínica a coisa está no meu estudo. Outros eu não sei... eu escrevia muito, escrevia muito, contos etc., como disse a vocês [voz de criança ao fundo]. Prometi a outra história a vocês, não prometi?

DR - Prometeu, não.

JS - Vá falar com dona Luci.

DR - Dona Luci?

JS - Que ela tem aí guardado ainda algumas fotografias.

DR - Tá bom. Agora sobre o ITP, o Instituto de Tisiologia e Pneumologia lá do Rio, quando foi criado na universidade lá do federal, é... teve alguma repercussão aqui no Espírito Santo? Foi em 1957?

JS - Eu não sei porque estava completamente longe do Rio...

DR - Longe do Rio de Janeiro, não é?

JS - Eu tenho a impressão que, que fiz algumas palestras lá no instituto, mas não tenho muita certeza.

AB - Era o professor Ibiapina e o professor Bethlen.

DR - Bethlen também era de lá.

JS - (?)

DR - E sobre o IBT na Bahia?

JS - Bem, o IBIT era... e deve ser uma paixão de todo mundo no Brasil, porque aquilo, o trabalho do Silveira, fantástico. Ele criou, e ele criou e me convidava pra fazer palestras lá no instituto. Eu então fiz várias palestras lá sobre tuberculose e pneumologia, etc. E é um homem de uma (?) fantástico, até hoje graças a Deus está vivo...

DR - É, ele fala com todo carinho sobre o senhor.

JS - E até hoje nós somos muito amigos, eu sou suspeito de falar dele, e ele é suspeito de falar de mim. Mas é um homem... Ele que fez... uma coisa interessante, porque tuberculose, tuberculose, tuberculose, já está ficando chato. Então ele disse pra mim, me chamou lá no Rio, em uma das vezes que eu fui dar aula no curso dele, e disse: "o Santos Neves" -ele me chama de Santos Neves-, "Santos Neves, tuberculose passou, o governo toma conta, dá conta, agora o problema é tabagismo, esse que é o grande problema que vem aí e tá crescendo, e nós temos que então, deixar a tuberculose, o governo toma conta, trata, cura, etc. e vamos trabalhar com tabagismo que ninguém faz nada sobre o tabagismo". "Então você vai escrever um trabalho sobre tabagismo?" (?) "Não, não você escreve, você querendo você escreve". Eu digo, "não, você mandando eu escrevo. Agora eu disse: "mas tem uma coisa, o título é a Carta de Salvador". Eu redigi a carta

DR - Nessa conversa o Rosemberg estava também, não?

JS - Estava não.

DR - Eram só vocês dois?

JS - Só nós dois. Então a Carta de Salvador. Eu redigi a carta de Salvador (?) bastante tempo e ficou de fato o primeiro ato contra o tabagismo... E depois cresceu... E nessas palestras lá eu conheci o Rosemberg. Rosemberg, um grande sujeito, fantástico; Rosemberg hoje em dia é meu irmão, ele nasceu no mesmo dia que eu (risos)

DR - Rosemberg?

JS - É (risos). E ele se não me engano é mais moço parece que um ano, mas é 24 de agosto de 1926 e ficamos por isso mesmo... ele também tem sangue judaico, Rosemberg, você vê! Então

nós nos damos muito, somos amicíssimos, nos correspondemos até hoje. Ele vem aqui, quando posso eu vou buscá-lo (?). Agora ele tá mais velho que eu não é; já não tá mais viajando. Mas ele tem uma clínica, um curso de tuberculose que é uma coisa fantástica.

DR - Agora, como é que deslanchou essa...

JS - O nome dele é José Rosemberg.

DR - Como é que deslanchou essa campanha contra o fumo?

JS - Através da Carta de Salvador. Através dessa idéia.

DR - A partir daí vocês lançaram a carta nacionalmente?

JS - Justamente, então foi um excelente trabalho e eu passei a estudar e pesquisar e eu passei a...

DR - E convidou o doutor José Rosemberg?

JS - Não, não ... Ele também, ele também resolveu... a tuberculose já estava ficando chata, ..., mas aqui a Carta de Salvador iniciou. Nessa ocasião, da Carta de Salvador, o Rosemberg estava lá...

DR - Sim.

JS - Estava lá também o professor Rigatto, que é...

DR - Professor?

JS - Rigatto.

DR - Rigatto.

JS - (?) Rigatto, do Rio Grande do Sul era fantástico [interrupção da fita]

Fita 4 - Lado A

DR - Continuação da entrevista com o doutor Jayme Santos Neves, Vitória, 14 de novembro de 1990, fita 4.

AB - Falando da carta.

DN - ... da carta de Salvador.

JS - Estava lá o Rosemberg, estava lá o Rigatto, vários outros; mas o mais importante era o Silveira, Rigatto e Rosemberg. E aí então, caminhamos para a Carta de Salvador. E aí então, vieram outros trabalhos, trabalhos, trabalhos... Aí então, eu passei a fazer uma coisa interessante, aquele negócio de judeu aprimorar um troço. Todo mundo que vinha bater chapa aqui, perguntava: "Fuma?" (risos) "Fumo." Onze mulheres. Não sei quantos mil, milhares. Então, fiz um estudo dizendo: a incidência...a prevalência, prevalência de tabagismo aqui durante 11 mulheres como eu fiz desde o começo, eu peguei 20 anos depois então, mostrei que havia... acho que pela primeira vez, não sei se no mundo, primeira vez que se fazia uma... tempo inclusive.

AB - Vinte anos de acompanhamento.

JS - ... e ninguém tinha visto estas condições e um sujeito só pra ver. Então mostrei que havia um declínio, felizmente entre os que fumam... homens; nas mulheres não (risos), nas mulheres continua praticamente a mesma coisa até hoje, subiu um pouco, depois baixou um pouquinho e ficou nisso. Então são dados que ninguém tem, ninguém tinha; porque eu uma série de coincidências eu ter visto aquilo, dizer... pergunta só se fuma... quinze anos pra cima, pergunta: "Fuma? Não fuma?" "Então eu peguei uma massa (?) que se dizia conservadora no meu tempo.

DN - E o senhor nunca fumou?

JS - Não, eu fumei, mas eu fumei inteligentemente.

DN - Que é fumar inteligentemente?

JS - Vou mostrar como é. A medicina naquele tempo era dura, professor universitário... faculdade de medicina importante mesmo, tinha Rio, São Paulo...

DN - Bahia.

JS - Bahia e Porto Alegre. Importante mesmo, e tinha só é... quer dizer, nós estávamos falando sobre o que?

DN - Se o senhor já fumou. O senhor disse que fumou inteligentemente.

JS - Inteligentemente. Então era o seguinte: o curso de medicina no Rio era difícil, tanto o vestibular pra entrar, como... vestibular pra entrar tinha prova escrita, oral e prática; e... e... eram três professores, passava por um, por outro, por outro e tinha nota de um, de outro, sei lá, acho que não é mais assim.

DN - Não.

JS - Bem... então, é... a reprovação era em massa, porque também vinha quase todo... gente de todo o Brasil pra lá; e só aquilo; então tinham que ser rigoroso. Mas eu fiz o meu vestibular, graças a Deus, passei muito bem um pouco, um pouco por conhecimento, um pouco por inteligência, porque quando eu não sabia eu sacava e dava certo, era assim. Então passei bem, e foi uma turma de 500, e eu fui o 41º, dava 10% só, e tive uma classificação... E lá no Rio fiquei...

e naquele tempo, o ensino era sobretudo teórico, práticas uma ou outra, mas sobretudo teórico. Assisti às aulas, assisti às aulas, li livros... "Eu quero um doente." (risos) Mas, eram aquelas aulas teóricas. O sujeito, professor magistral, uma aula bonita (?). "Cadê o doente, mas cadê o doente." [campanha de telefone]. Então eu disse: "vou pra Santa Casa, Santa Casa de Misericórdia, lá no Rio... Fui pra lá, e tinha um professor... chego lá e o professor "pa-pa-pa... pa-pa-pa. Quero um doente, quero um doente", que aí é que a gente aprende medicina, então saí por ali procurando, encontrei ... Contei o negócio do Irineu Malagueta, a história do Irineu Malagueta?

DN - Contou.

JS - História do Malagueta, esse é que me fez médico; era ele e meu pai, que me fez médico completo. Mas esse... fomos amigos, amicíssimos, amicíssimo, também já morreu. Mas era um homem pesadão. Eu olhava pra ele e dizia assim "essa aí é bom... "Mas era um monstro, mas era um monstro. Eu trabalhei com ele... Ele me deu um livro. Eu contei a história do livro? Era um livro de medicina etc... e ele que me fez médico, não propriamente a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Um homem... bom professor em medicina, criou critério clínico, professor Malagueta, eu tive uma sorte enorme em ter encontrado o professor Malagueta.

DN - E foi aí que o senhor começou a fumar?

JS - Não, não eu fumava... antes pelo seguinte, porque não era brincadeira fazer exame de vestibular pra passar...

DN - O senhor fumou porque ficava nervoso com o exame?

JS - Não, não eu chegava preparava as minhas aulas, ouvia as fitas, fazia os meus resumos, ponto por ponto e tudo e... guardava "pá, pá pá pá". E chegava perto do exame, eu... eu pegava aquele negócio todo e ficava estudando aqueles pontos todos, "pei... pei... pei... pei... pei... pei..." pra fazer o exame. E assim, e assim eu passava, quer dizer, tinha tudo marcado, as aulas prontas e passava. Mas aquilo era teórico pra passar, mas para... primeiro... fazer o primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto e me formei e vim pra cá, entrei em 27 saí em 32. Mas pelo fato... sobretudo o ano de 32 todo, passar o tempo todo com Malagueta, e tinha clínica médica, mas trabalhava no São Sebastião também, que eram doentes, eu ia com ele o dia todo, ele até me encaminhou pra tuberculose também, que era a doença que matava naquela ocasião.

AB - Era a doença que mais matava naquela época.

JS - E vim pra cá, e vim pra cá. Contei o negócio do pneumotórax, né? Do meu pai, que cobrou (risos) adiantou o dinheiro, mas depois cobrou, não queria que eu fizesse com medo da tuberculose. Só pra dar idéia do medo que se tinha da tuberculose, sobretudo um médico, bom médico era o meu pai, um clínico geral (risos).

DN - Agora voltando ao IBIT, doutor Jayme é... o IBIT teve alguma influência aqui no Espírito Santo?

JS - Não. O... o IBIT não teve influência aqui nenhuma. Era o Instituto Brasileiro de Investigação da Tuberculose teve a influência, vamos dizer, através de mim, e com meus conhecimentos também, que eu melhorei os meus conhecimentos lá, e pelo fato também de eu entrar, querer dar aula de medicina, que eu ia dar aula lá. Mas, quer dizer, influiu muito em mim.

DN - Sim.

JS - Nas pessoas não. Mas ele veio aqui, nós fizemos uma reunião aqui. Aqui tem um livro sobre isso. Vocês têm não?

DN - Não sei.

JS - Foi, foi, mas aí não interessa porque a reunião daqui foi o tabagismo, ele me chamou pra fazer tabagismo, e fizemos o Iº Congresso Nacional contra o Tabagismo, isso foi feito aqui em Vitória...

DN - Isso foi em Vitória...

JS - ... tem toda história, toda de lá, mas não interessa porque nosso negócio é tuberculose. Então tem tudo, as palestras tudo, tudo que foi feito lá o negócio todo. Então, veio o Rosemberg, veio o Rigatto, veio... veio; juntei aqui em Vitória todo mundo, e a Liga teve uma despesa, mas o estado deu verba ajudou, e tudo. Mas nós fizemos o Iº Congresso.

DN - Mas... é quer dizer, disseram... de qualquer forma também interessa isso, quer dizer, é por onde o senhor caminhou também... quer dizer, a gente depois... a gente volta à tuberculose já... Mas já que a gente entrou no tabagismo, vamos, vamos entrar no tabagismo, não é. Eu teria uma pergunta ainda sobre o tabagismo a fazer, quer dizer, se foi um movimento de vocês, quer dizer, o senhor, o doutor José Silveira, o Rosemberg?

JS - Silveira, Silveira, o Rosemberg etc...

DN -... O do Rio Grande do Sul?

JS - O Rigatto.

DN - É, se foi um movimento de vocês, que levou o Ministério da Saúde a assumir uma campanha contra o fumo?

JS - Bem, acredito que sim, porque naquela, naquela ocasião não tinha nada.

DN - Até ali não tinha nada, o Ministério da Saúde não...

JS - Acredito que tenha feito porque tanto eu publicava trabalhos contra o fumo, como o Rosemberg, como o Silveira, como o Rigatto. Mas...

DN - Quer dizer, vocês combinaram de trabalhar com isso, né?

JS - Com isso.

DN - De trabalhar contra o tabagismo?

JS - Não, não.

DN - ..., mas independentes?

JS - Independentes, então o Congresso, essa reunião do Iº Congresso etc., o Iº Congresso como eu disse, do tabagismo foi aqui.

DN - E aí esse Congresso influenciou alguma coisa pra a elaboração de um programa nacional contra o fumo?

JS - Bem, não sei, não sei porque isso... eu nunca fui ministro da saúde não sei como eles fizeram os programas etc. É possível que sim, porque se não consultasse a mim, evidentemente, aqui no Espírito Santo, sobretudo, mas o Silveira e o Rosemberg eram sempre ouvidos, e sobretudo o Rigatto, né? Então se formou um grande movimento no Brasil favorável com elementos preparados, estudiosos do assunto, isso influenciou muito na campanha contra o tabagismo, contra a Souza Cruz. (risos)

DN - Contra a Souza Cruz. A Souza Cruz reclamou, né?

JS - Deve ter sentido.... porque... não na hora, mas agora, atualmente tá declinando.

DN - É, dá essa impressão, não é?

JS - Dá.

DN - Sem nenhum estudo estatístico, sem nenhuma informação estatística dá essa impressão.

JS - É como eu disse a vocês, eu tenho informação estatística daqui do estado, um estado pequeno, mas em todo caso... porque se perguntar; eu como disse, tá declinando entre os homens, mas nas mulheres está estacionando.

DN - É, mas também...

JS - ... acho que é só nós é que temos esse dado, isso que é interessante pra gente dizer.

DN - É, e o Ministério da Saúde passou a jogar pesado mesmo na campanha contra o fumo, né?

JS - A jogar pesado, e a cada vez mais. [barulho de carro]

DN - É. E isso acho que influência, essa propaganda influência...

JS - Influenza. O atual ministro, né, também. Tá, tá... pegando na campanha antitabagismo.

DN - É, ele tá... tá dando continuidade, né. Agora doutor Jayme, o senhor participou em inúmeros cursos também, é... acho... A gente queria que o senhor falasse assim, que o senhor lembre, dos mais importantes. A gente tem a indicação de um curso de radiologia, professor Manoel de Abreu, o senhor se lembra desse curso? Qual foi, onde foi?

JS - Ah, eu dei nome ao curso...

DN - É curso de radiologia professor Manoel de Abreu.

JS - Que ano? Data, tem a data?

DN - Não, não tem a data.

AB - Ele estava junto assim, colocado junto com o curso de Higiene.

DN - Professor Barros Barreto.

AB - Com o nome do professor Barros Barreto.

DN - Curso de tuberculose professor Rafael de Paula Souza.

AB - Rafael de Paula Souza.

JS - Paula Souza, sim.

AB - Esses três, eles foram numa mesma instituição, o senhor se recorda de alguma coisa, de algum deles?

JS - Bem, bem... eu recordo das aulas no Rio, eu não sei aonde foi, mas eu recordo das aulas do Abreu, Abreu era um gênio, fantástico.

DN - Agora, o senhor deu muitos cursos?

JS - Você viu o meu retrato dos dois, né? Do Abreu...

DN - Vimos, vimos.

JS - ... uma dedicatória (?) viúvas (?) uma coisa incrível, né? (risos). Então aquilo eu gosto. Puxa! Aquilo é a minha preciosidade.

DN - O senhor lembra de algum curso assim que o senhor tenha dado, tenha sido professor num curso que tenha lhe marcado mais, que tenha...

JS - Bem, sobretudo os cursos em Salvador que foram os primeiros...

DN - Os cursos do IBIT, né?

JS - Os cursos do IBIT, e têm vários cursos...

DN - O senhor ia todo ano lá, dar cursos?

JS - Eu não sei se era exatamente todo ano, mas eu ia a todos os cursos. O Silveira ligava pra cá: "Você vem e fala sobre isso". "Tá bom eu vou, vou falar sobre o que?" Mas era uma entrevista interessante, entende? Interessava tuberculose e tabagismo. Silveira...

AB - Era já.

JS - Já marcaram, né?

DN - Já fizemos.

JS - Já fizeram?

DN - Já fizemos.

JS - Ah, então vai ouvir uma porção de coisas, né?

AB - Já.

DN - Eu fiz a entrevista com o doutor José Silveira, tem uns dois meses, exatamente dois meses.

JS - O Silveira está com quantos anos?

DN - 83, ou cinco.

JS - Não é cinco...

DN - 85, né?

JS - Ele é mais velho do que eu.

DN - É eu acho que sim.

JS - Mas era uma capacidade toda. E agora coitado ele está com a Ivone lá...

DN - É a dona Ivone é que está muito doente.

JS - Muito doente.

DN - É.

JS - A Ivone era fantástica.

DN - A gente nem conheceu ela, ela ficou recolhida no quarto...

JS - Puxa, boníssima... belíssima...

DN - Linda demais.

JS - Belíssima, impressionou ele de saída.

DN - A gente viu a foto dela, é linda. Deusa grega.

JS - Não é pra botar, não é pra botar ela na entrevista, mas o Silveira me contou, nós somos praticamente amigos. Ela era casada com um... um sujeito que trabalhava em submarino, e veio com ela, ela não é brasileira.

DN - É grega, né?

JS - Grega, então, veio com ela, e chegou... ela aqui adoeceu, adoeceu e procurou o Dr. Silveira.

DN - Ele foi médico dela?

JS - Ah, mas ele se apaixonou na mesma hora, ela era muito bonita, e ficou, passou o tempo -- isso ele me contou. Aí veio o grego, o marido...

DN - O grego, o marido buscar ela?

JS - Que era do submarino, ele me contou que viu aquele negócio e disse: "e agora". (risos) Chegou e disse: "Eu vim pedir um obséquio". "Pois não, em que posso servi-lo etc.?" "Eu queria que o senhor ficasse com minha mulher, ela é apaixonada pelo senhor, eu não tenho condições, não gosta de mim tudo isso... eu não tenho condições de dar pra ela, o que o senhor dá..."

DN - Olha que fantástico.

JS - ... eu sei que o senhor está apaixonado, e eu queria... que ela é uma mulher formidável... que o senhor ficasse com ela..."

AB - Formidável eram os dois então, que esse homem também era...

DN - É...

JS - Que coisa! São coisas que você não vê nem em livros, e vendo em livros...

DN - Nem em livros (risos), fantástico.

JS - Mas agora, coitada, ela... aquelas atividades... tocou o IBIT todo, ela tomava conta.

DN - Ela ajudou muito ele.

JS - Ela agora está parada, sentada.

AB - Mas também acho que viveram...

JS - Ah, muito...

DN - Muito, aproveitaram muito. Não tiveram filhos.

JS - A história do Silveira é uma bela história. Essa é muito mais interessante que a minha.

DN - É interessante (risos), doutor Jayme, o senhor teve consultório particular também?

JS - Ainda tenho até hoje.

DN - Ainda tem até hoje.

JS - Ainda que pareça incrível, pareça incrível, não é eu ter consultório, é eu ter clientes (risos), depois de 80 anos (risos).

DN - E olha só, o senhor teve desde o começo, desde que veio formado para o Espírito Santo, que o senhor teve consultório?

JS - Desde o começo. Eu dava consulta no consultório do meu pai; ele dava de manhã, eu dava de tarde dava consulta. E aí foi crescendo, crescendo, crescendo tuberculose que tinha muito. Tanto que era só tisiologia, tisiologia, tisiologia; tratamento de tuberculose era pneumotórax etc. (?) radioscopia toda hora. Mas, como eu disse, curava 45% até aparecer o ouro, a estreptomicina, veio hidrazida, veio rifampicina, eu falei: "Puxa, formidável!" E assim, como eu disse, como eu disse a você a satisfação do sujeito de enfrentar uma empreitada difícilíssima e perigosa, e praticamente terminar a vida com a doença completamente dominada, gratuitamente. Então, isso é uma satisfação que poucos têm, né?

DN - Ah, é.

JS - Que poucos têm, isso pra mim é um alívio.

DN - É, mas também eu acho que nem todo mundo tem a capacidade de perceber essa satisfação, não é?

JS - É. Pode ser, para alguns sujeitos que façam, por exemplo, a tuberculose porque vai dar dinheiro, está preocupada mais com o vencimento do que com qualquer outra coisa. Mas quem vive a profissão, e sobretudo vive a especialidade, vive o drama, bem... só se for muito insensível que não...

DN - Que não fica satisfeito, né? O... SIS, é uma clínica de vacinação? [vozes]

JS - Não, o SIS, Sistemas Integrado de Saúde, bem, o SIS não é meu. Eu não gosto de falar do SIS.

DN - Não é porque o senhor mandou...

JS - Ah, também...

DN - ... correspondência pra gente, em envelope do SIS (risos).

JS - Ah, o SIS, o que é que aconteceu. Eu... eu estava aqui em Vitória, e vi os meus colegas dizerem o seguinte: "você... você..." Conteí isso pra vocês não?

AB - Não.

JS - "Você precisa dirigir, você escreve o trabalho, faz isso, aquilo outro no serviço trabalho de tuberculose você escreve e tudo isso, agora vê". "É bom, quando é que eu ganho nisso?"... "Bom, 4500". "Não dá, né? Mas eu vou; levar a família etc. não dá". 4500, cruzeiros, naquele cruzeiro antigo.

DN - Sim.

JS - Não dá, mas eu aceito. Eu aceito, porque eu escrevo uma porção de coisas, e é preciso fazer isso, fazer aquilo... vocês me perguntam agora "vem fazer", e eu não vou. Vou, me desgasto todo, mas eu vou. Aí, cadê que saiu (?) eu estou esperando, eu estou esperando, quando ele aparece são sete meses. E aí saiu... já era 7500 (risos). Você vê como Deus é muito bom, né. Então fui pra lá, de lá (?) Aí... eu digo bem...

DN - Aí o senhor mudou para o Rio, com a família toda?

JS - Mudei, para o Rio com a família toda. Mas aí, então depois de sete meses mudei para o Rio com a família toda. Mas quando vieram me convidar pra dirigir o Serviço Nacional de Tuberculose, conteí isso a vocês?

DN - Não.

JS - Então, e eu disse: "só vou se essa moça for comigo" (risos). Fizeram um emprego pra ela lá, porque o dinheiro não dava pra sustentar ela lá nem coisa nenhuma.

DN - Sim.

JS - E essa moça... A SIS, né, essa moça trabalha lá em qualquer lugar; você vê, arranjam emprego pra ela (risos), pra eu ir pra dirigir essa coisa toda (risos). Então ela foi lá para o Rio, e ela ficou lá...

DN - E ela foi trabalhar em que lá?

JS - Ela tra...trabalhava no SESP.

DN - Na Fundação SESP?

JS - É, um serviço lá pequeno, não ganhava muito, mas dava pra... pra...

DN - Pra se sustentar lá.

JS - Pra se sustentar. Mas, não daria pra eu sustentar ela lá, se sustentar lá, mas daria para pelo menos... como eu disse, só vou pra lá..., mas como eu disse, levou sete meses, a sorte, né? E depois lá no Rio, conversando "porque demorou sete meses?" Foi Deus que botou o negócio pra ser vencimento... E então, quando eu me despedi. Eu contei a você quando eu saí?

DN - Não. Por que o senhor acha que demorou tanto a nomeação?

JS - Não... bem, eu vou lhe dizer porque... Então... quando eu fechei o troço todo, era lá no (?). Prontos pra sair, as minhas coisas todas, está tudo certo, está tudo certo, está tudo certo. (?) alguma coisa pra trazer pra mim, disse: "Tem um senhor que quer falar contigo". "Eu não sou mais diretor não, estou saindo". "Não, mas eu quero falar é com o senhor". Então eu olhei pra ele: "Militar, militar". Ele todo perfilado ...

DN - Fardado?

JS - Não, não.

DN - Pela postura o senhor achou que era... militar

JS - Pela postura que era militar. Aí ele chegou e disse: "doutor eu sou o coronel fulano de tal". "Sim senhor, e daí?" "E eu vim por um dever de consciência". "Sim, por que?" "Porque o senhor esteve sobre vigilância direta do SNI, todo o tempo que esteve aqui". Isso não acontece com ninguém, né? "Porque o senhor foi denunciado para o SNI como elemento perigoso, mas insistiram na sua nomeação, e o senhor ficou sob vigilância direta do SNI".

DN - Quer dizer, um grupo denunciou o senhor como elemento perigoso, um outro grupo insistiu...

AB - ... defendia que o senhor fosse nomeado...

DN - ... pra que o senhor fosse nomeado.

JS - Não, não, eu fui nomeado, isso foi na hora de sair, compreendeu? Na hora de eu sair (?).

DN - Sim, mas o senhor ficou em vigilância porque ao ser nomeado houve essa...

JS - ...por causa da nomeação, houve essa coisa, então ele... disse ele: "por se um dever de consciência eu venho dizer ao senhor, que o senhor foi observado esses anos todos..."

DN - E o senhor não saiu da linha (risos).

JS - "É..." e então eu vim cumprimentá-lo, porque eu não encontrei absolutamente nada contra o senhor, muito pelo contrário, muito pelo contrário". "E quem me denunciou? "Não posso dizer". Foram três pessoas não foram? Isso o senhor pode me dizer se foram, porque eu já sei quem é." (risos).

DN - E quem foram essas três pessoas?

JS - Os três, daqueles que saíram de Vitória, foram lá de avião, eram funcionários do estado, naturalmente foi pago pelo estado pra dar com a língua nos dentes. Mas... sem o governador ou o interventor sei lá quem era, na hora eles foram lá. E os três, então os três... Ainda encontro com um ou outro...

DN - Mas porque...

JS - Ah, como vai o senhor....

DN - Eles, eles não queriam que o senhor fosse?

JS - Não queriam, e o por que eu não sei. Porque, não sei, não sei. Porque eu não sou mau (risos), não sou sujeito de perseguir ninguém, infernizar, essa coisa toda. Mas esses dois, esses três que não sabem disso (risos), que eu sei da história toda, porque sobram três, três. Então, eu sei qual eram os três...

DN - Sim.

JS - E estão por aí, conversam comigo e tal...

DN - Como se nada tivesse acontecido.

JS - O que adianta eu dizer: "ah, você fez isso?" O que adianta eu dizer. (risos) Tem coisas que acontecem na vida da gente...

AB - Agora está rindo.

JS - Mas porque eu vi um sujeito... militar, militar não, era polícia, né?

DN - Sim, deve ser da polícia federal.

JS - SNI. Meu Deus do céu. SNI, denunciar. Você vê. Essa humanidade é fogo.

DN - É, mas nessa época se usava muito isso né, foi em 1972, que o senhor foi para lá.

JS - É denúncias mesmo.

DN - Era denúncias mesmo, era...

JS - Mas, poxa eu fico pensando sinceramente por que? Perdendo dinheiro, estou indo pra lá etc...

DN - O SNI estava em plena atividade nessa época.

JS - Em plena atividade. Poxa. E o sujeito... bastava olhar pra ele pra dizer, SNI e o sujeito se perturbava todo (?) (risos) mas médico é bom, porque o médico é obrigado a observar tudo, mas...

DN - Acaba percebendo as posturas.

JS - Postura... observação e raciocínio.

DN - É.

JS - E então, puxa, foi uma beleza, e eu não ia ser... seria... trabalhar com...

AB - Com câmbio. (risos)

JS - Com câmbio.

DN - Agora o senhor participou também de algumas consultorias, comissões de perito, alguma coisa assim que o senhor tenha registrado, que foi importante...

JS - Não, não que eu tinha lá a comissão que eu ia lá só pra tuberculose, que foi o meu destino. Mas eu ia na comissão falava, lá, e discutia os assuntos etc.

DN - Ah, sim sobre os Sistemas Integrados de Saúde Limitado, o senhor disse que não é dono da clínica...

JS - Não, não.

DN - ... mas o senhor trabalhou ou trabalha na clínica?

JS - Trabalhei muito tempo na clínica e fundei a clínica. A SIS, né?

DN - SIS, é.

JS - A SIS é essa moça, minha paixão, né. Então quando eu fui pra lá, ela então disse pra mim assim: "agora você vai trabalhar em vacinações". Então ela ficou no Flamengo eu ficava ali

perto, com o Nelson Morais, acho que era Nelson de Moraes, que tem lá até hoje, é Nelson Moraes.

DN - Nelson Moraes era professor da UERJ.

JS - Pois é, e ele tem um laboratório muito grande lá.

DN - Ah, sim.

JS - Então, ela ficou no Flamengo e... treinou lá. "Então você treina aqui as vacinas e você vai viver de vacinações." O treino aqui que era o melhor do país, ainda é; se bem que o Nelson (?) mas treinou lá e tudo, quando voltamos instalou aqui...

DN - ... aí abriu a clínica de vacinações.

JS - Abriu a clínica de vacinações dela, A SIS, ela ficou tomando conta, e toma conta. E lá não ganhava, na SIS. E ela então é excepcional, vocês vão conhecer; além de muito bonita, preparada, foi freira durante muitos anos, e acho que ela deixou por minha causa, sem saber, porque saiu de lá assim, quando olhei chegou aqui me apaixonei e ela também por mim. Isso tem mais de 30 anos. E ela abriu a clínica e vive da clínica e a clínica deve dar um bom movimento, porque ela também é de um bom gosto extraordinário, quer tudo limpo, quer tudo certo, sobretudo porque foi freira cheia de desculpas e tudo isso. E ainda se dá muito bem com as freiras todas elas se correspondem e tudo isso. Mas esse que foi o grande acontecimento da minha vida.

AB - (risos) Então a clínica funciona como centro de vacinação, não é uma clínica pediátrica...

JS - Não, não, é exclusivamente de vacinação.

AB - ... é de vacinação.

JS - E é extremamente respeitada, porque é de muito rigor.

AB - Sei.

JS - Se quiserem passar por lá, eu apresento...

DN - E faz todas as vacinas?

JS - Todas as vacinas.

DN - Todas as vacinas pra criança.

JS - Menos essas... meningite por exemplo, sobre campanhas, etc... Porque isso é do Estado.

DN - Sim. Agora sobre os congressos doutor Jayme, o senhor participou de inúmeros congressos também.

JS - Inúmeros (?) durante muito tempo eu ia a congressos e falava e falava.

DN - Ia a todos e apresentava trabalho em todos né?

JS - Apresentava trabalho, justamente, acho que são 100 trabalhos, isso eu devo ter aqui.

DN - São muitos.

JS - Eu tenho os trabalhos todos, e tenho até a lista com relação dos trabalhos, vocês também. Me perguntou, mas era... E ela foi um achado grande da minha vida toda, porque eu sou bagunceiro, eu faço, eu faço três coisas ao mesmo tempo, e ela é a organização em pessoa. Então, ela fez todo esse troço, tem esses dados, mas é... E todo mundo sabe, minha senhora sabe, e todo mundo sabe, e sabe que não adianta nada (risos) ser como eu (risos) também é outra coisa incrível.

DN - É.

JS - Não que se dêem, as duas juntas, muito não.

DN - É incrível essa convivência, né?

JS - Porque a dona... a minha senhora, não pode nem ouvir falar nela. Mas é Eliza que está: "precisando de alguma coisa lá? Como é que eu posso ajudar", e tudo. Também excepcionalíssima, não é pela paixão não; excepcionalíssima mesmo. Foi o meu maior diagnóstico clínico que eu já fiz em minha vida, foi quando... olhar pra ela.

DN - E se apaixonar. Diagnóstico da paixão (risos)

AB - E dos congressos, teve algum que o senhor, de alguns dos internacionais que o senhor tenha gostado muito? Pessoas que o senhor encontrou?

JS - Bem, um internacional... Puxa, foi muito... dei muito curso na Argentina com o professor Gumercino Sayagu, puxa! Que era um monstro, um monstro.

AB - Gumercino?

JS - Sayagu. É com "u" Sayagu. O... o Gumercino, veio... nós nos encontramos no Congresso. Eu fiz um trabalho, apresentei etc., a gente discutiu, e ele ficou de olho vivo. Então tem... me pediu para eu dar aula no curso dele. Então eu fui para o curso dele. Não sei exatamente o curso. Mas, várias vezes eu fui lá e dei aula no curso dele. Depois dei um curso também no Chile, também sobre coisas que (?), no México e Chile porque o curso na Argentina, eu conhecia melhor essas coisas, então tecnicamente nesses dois países, eu fiz uma palestra, e (?) se fosse uma palestra, um curso. Isso que eu fiz de importante, né?

DN - E também sobre essa sua produção científica, ela estava sempre vinculada com a prática de serviço.

JS - Sempre vinculada com a prática...

DN - ... de serviço...

JS - Sempre vinculada.

DN - Quer dizer, o que o senhor...

JS - Não apenas um negócio teórico, entendeu.

DN - Quer dizer, o que o senhor observava na prática o senhor escrevia e publicava.

JS - Escrevia e publicava. Então eu devo ter uns 100, uns 100 trabalhos, a Eliza é que sabe. Se você entrevistasse a Eliza, ela sabe mais do que eu. [interrupção da fita]

Fita 4 – Lado B

DN - Sobre os trabalhos publicados, assim, teria algum que o senhor destacaria, algum que teve um significado maior para o senhor?

JS - Não... os trabalhos que eu fiz sobre quimioprofilaxia da tuberculose. Entre esses, foram dois. Não o primeiro, mas os dois primeiros, como eu disse, fiz até uma palestra na Itália sobre isso.

DN - Agora, como é que foi isso, doutor Jayme o senhor ser o primeiro, quer dizer, foi a sua experiência na clínica que levou o senhor a usar a hidrazida como quimioprofilaxia...

JS - Como preventivo, justamente, a minha experiência clínica. E tinha a vacina BCG e tudo, mas as vezes... as vezes a gente tinha urgência no caso né, então com hidrazida... Só com hidrazida. Hidrazina, puxa, é altamente suportável e tudo isso; "que custa tentar?" Então, o ambiente...

DN - Em que casos o senhor dava hidrazida?

JS - Não, aos familiares dos tuberculosos, as crianças, as crianças, a gente dava hidrazida. E o que é que a gente fazia pra saber se havia um contágio? Naquele tempo não tinha tanta BCG como tem agora, eu fazia o teste de tuberculina positivo, pulmão normal, mesmo assim, que desvantagens têm fazer três meses a hidrazida? Então fiz isso, eu segui o mesmo raciocínio, né? Lá na Itália fez a mesma coisa, ele apresentou e que eu apresentei também, ele disse: "Poxa". Depois disso ele me convidou pra fazer a palestra lá. É uma coisa de lógica né, negócio ... (?), são coisas assim.

DN - É o raciocínio da... da clínica mesmo, né?

JS - É.

DN - Experiência clínica, né? Agora o senhor também participou de várias entidades científicas, qual que o senhor destacaria assim, como mais importante; Sociedade de Tisiologia, Federação Brasileira das Associações de Tuberculose... foram várias delas também né, mas uma assim que teve mais importância; - não a gente não tá com a lista aqui não. - Tá ali com a Bela.* ¹() [pausa] A gente vai passando pra outro ponto assim...

AB - Olha, membro do Conselho Regional de Medicina...

JS - Sim.

AB - Associação Brasileira de Medicina... e da União Internacional contra a Tuberculose, participando da comissão, como é que foi, um trabalho de 77 a 82, quer dizer, como é que foi...

DN - Foram cinco anos sendo membro dessa comissão da IUCT?

JS - É. Mais como membro, não desenvolvendo trabalho etc. naturalmente escolheram um de cada país, ou qualquer um, ou dois, ou três.

AB - Então o senhor enviava relatório, qual o seu papel como membro?

JS - Eu não sei se eu...E nem sei porque eu fui convidado, alguém que colocou o meu nome... Mas lá, só fiz palestras foi na Itália. França não falei nada, e mesmo em Portugal que era da mesma língua. Mas só fui lá mesmo em Roma, né?

DN - E sobre as homenagens, doutor Jayme...

JS - Que homenagem?

DN - ... a sua sensação diante de todas as medalhas...

AB - Medalhas, professor emérito, ser paraninfo e tudo, como é que é...

DN - Paraninfo de turma é uma homenagem.

JS - É uma alegria e ao mesmo tempo uma preocupação né? Alegria de... "Puxa eu estou sendo útil em alguma coisa", os alunos gostavam muito de mim etc... então eu estou indo bem, né. Tem gente que gosta de mim assim desinteressadamente. Então, e... ia fazendo.

DN - E é uma preocupação por que?

¹ Neste momento o entrevistado se comunicou com uma das entrevistadoras.

JS - Paraninfo, não para paraninfo... para corresponder... pra corresponder. Porque era uma homenagem, mais ou menos... e é uma satisfação sobretudo muito grande... "estou sendo compreendido, estou sendo útil em alguma coisa, né?" Mas... não é levar a vida e simplesmente dizer; "Puxa..." E... "fiz alguma coisa". E literatura também, fiz um mucadinho de literatura também, e por isso entrei na Academia de Letras.

DN - Academia de Letras.

JS - Academia de Letras.

DN - E, como é que o senhor percebeu essa, essa inclinação pra literatura, doutor Jayme?

JS - Não, foi pelo concurso, tem a parte didática mesmo, o concurso de contos, contos médicos.

DN - Aí o senhor resolveu inscrever os contos?

AB - Concurso de contos médicos?

JS - É. Contos médicos. Concurso entre os médicos, então, "Puxa! Eu vou me testar, ninguém sabe que estou mandando pra lá" (risos), meio escondidinho etc... e saí... Então eu escrevi o primeiro conto, é "A centopéia". Vocês têm o livro, né?

DN - Não, não temos.

JS - Eu vou dar depois.

AB - Ah, então pega.

JS - Eu escrevi "A centopéia", que era a história de um... um indivíduo que colecionava nuvens...

DN - Colecionava?...

JS - Nuvens.

DN - Nuvens...

JS - Sim, não sei se faz sentido, mas... imaginar um troço desse. Bem, eu colecionava nuvens; porque a... o câncer no pulmão, várias formas de câncer no pulmão são como se fossem nuvens mesmo dentro do pulmão, entendeu? Então o que eu fazia? "Pei". Até de noite, eu fotografava, "pei... pei... pei... pei..." aquela nuvem que tá passando no carcinoma brônquico. "Pei". E então ficou uma série de *slides*, e eu então nas minhas aulas sempre eu mostrava: "o carcinoma brônquico."(?) várias nuvens. E então... E no conto, mas que é a verdade, porque eu dava a aula, mostrava lá e era um sucesso enorme. E o mais interessante é que no conto, acho que é exatamente isso. (?) o sujeito chegou assim disse: "como é que este homem quer usar *slides* (?). E então como é que vamos impedir que ele ganhe para o concurso, era concurso. Então...

DN - As nuvens vão e os slides (?)

JS - Então, o sujeito perdeu... a coisa... Mas ele era tão apaixonado pelas nuvens que depois então o sujeito, depois de ganhar a concorrência escreveu pra ele - tá no conto isso-, escreveu pra ele, devolvendo as nuvens. E, como eu disse ele não era nada contra ele olha pra suas nuvens e termina assim: "*she is wonderful, is she*". Ela é linda, não é? Esqueceu de tudo. Pois bem eu botei *she* de propósito; *she* é ela né. (?) como era neutro devia ser *it*, não, mas ele estava apaixonado pelas nuvens, é ela *she*, isso é que era o interessante, que era o mais bonito o finalzinho, era só isso: *she is wonderful*.

DN - A nuvem deixou de ser coisa, né?

JS - Ela deixou de ser coisa, era a paixão dele...

DN - Sim.

JS - E ali que estava a graça, mesmo do conto, era justamente isso. Então este conto foi premiado, mas não o primeiro lugar. Depois apareceu *status*, contos eróticos.

DN - Aí o senhor se aventurou de novo?

JS - É, porque era um teste que ninguém sabia quem mandava ou não, se o troço fosse premiado bem, muito bem, mas se não fosse, não sabia e tal. E então, eu escrevi "A árvore". Aí eu já estava apaixonado por essa moça, e então eu escrevi a história de uma freira, que ela já foi freira também, a irmã Júlia, então se apaixonou por uma árvore (risos). Ela apaixonou-se por uma árvore, e a árvore era um flamboyant. Então estava ruim, então ela era apaixonada pela árvore, ia lá de noite, abraçava a árvore, as vezes até subia no galho, ficava (?) O galho quebrou ela caiu, bateu pum... bateu com a cabeça no tronco embaixo, morreu; então veio um policial... "assassinato, mataram a... Então, mataram a mulher. É crime." Aí virou um sujeito grisalho, olhou, olhou, virou-se pra ele disse: "foi uma experiência assim, assim, assim, no êxtase dela ela caiu..." E esse conto eu mandei, mandei para revista *status*. E fiquei naquela agonia toda, né?

AB - Agonia da resposta.

JS - É. Daqui há pouco veio um negócio... "O melhor conto, o melhor conto" aí dizia mais embaixo: "O melhor conto é mais policial do que erótico, por isso não demos o primeiro lugar". Oh... Puxa vida então foi o meu, e deve ter havido (?) porque o policial só descobriu... todo mundo estava pensando que era um crime, né? ele diz que, não foi um suicídio, mas que foi um acidente.

DN - Foi um ato erótico.

JS - Ato sexual, ato sexual. E então, foram os dois, daí então eu sai pra escrever outros contos. Um conto e outro...

DN - Aí o senhor se entusiasmou de vez?

JS - É, dou pra coisa. Então eu escrevi... algumas são histórias mais ou menos verdadeiras, que aconteceram, mas que deviam ser contadas, sempre com *slides*, sempre com *slides*, sempre com *slides*. Vou ver se arrumo um pra vocês. Têm alguns fortes, mas hoje em dia, puxa, nada é forte, né? Alguns são muito fortes... pela expressão... Alguns fatos verdadeiros. Tem um que é bem forte, mas que... mas era baseado mais ou menos num fato verdadeiro...

DN - Num fato. Hum, hum. Excelente.

AB - Teve uma outra história da Companhia de Jesus que o senhor...

JS - A história da Companhia de Jesus, que eu também, como eu disse pra vocês, eu vendi 145 livros, eu mandei e os jesuítas ficaram aborrecidos.

AB - É, essa reação... (?)

JS - Fui chamado lá pra isso etc... depois ficaram amigos meus, muito amigos meus; vieram, me visitavam e tudo, e eles pediram outro.

DN - E o senhor conta uma história diferente da história oficial.

JS - ... E eu escrevi um outro, um outro, não sei se disse isso pra vocês, tenho um outro livro, mais em parceria, mas esse é... é...

AB - Ah, é o "Cantarilhos"?

JS - "Cantáritas"

AB - "Cantáritas", mas os outros poemas...

JS - "Cantáritas", "Cantáritas" é uma substância que estimula o apetite sexual.

AB - E esse foi em parceria, mas o senhor não diz com quem?

JS - E esse nome, este nome "Cantáritas" foi dado por Paulo Veloso, que era gênio (?) escrito. Paulo Veloso, eu e (?). Os três fizemos, cada um arrasando com o outro, mas é absolutamente impróprio pra menores, é de pé embaixo. Pois bem, este está esgotado, é claro (risos).

DN - Todo mundo comprou (risos).

JS - E a outra história da Companhia de Jesus, de 145 livros, tá aí...

AB - E esse foi... Essa história da Companhia de Jesus foi publicação sua, publicação própria ou o senhor foi a alguma editora?

JS - Não, eu fui a uma editora, depois eu vou dar pra vocês.

AB - Sei.

JS - ... que essas histórias... deixar em casa... aqui (risos)

AB - A gente pode levar pra casa, depois...

DN - Pode deixar ao alcance das crianças... (risos)

JS - Deixar ao alcance das crianças. As crianças podem...

DN - Doutor Jayme, agora...

JS - Os três vivos, né...

DN - Hum, hum. Voltando à tuberculose, a gente teria assim algumas questões mais gerais pra lhe perguntar, é... Quando mudou a questão do clima ou, a... o conceito do clima como cura da tuberculose, o senhor estava na faculdade mais ou menos, né?

JS - Estava.

DN - O senhor lembra como é que foi...

JS - Não, não mais ou menos o... eu já estava formado.

DN - Já estava formado?

JS - Já tinha um tratamento recente que era o pneumotórax. Mas...

DN - Então, quando surgiu o pneumotórax, quer dizer, o clima foi...

JS - O Forlanini. É.

DN - É. O clima foi afastado, né?

JS - Foi afastado.

DN - É, então, aí... como é... O senhor lembra, como é que foram as discussões na época?

JS - Não... porque apareceram... primeiro pneumotórax, mas... E que é o seguinte, tuberculose dava em todas as classes, mas evidentemente mais nas classes pobres; pobres, má alimentação, muito contágio, casa pequena, ambiente pequeno, muitas crianças, tudo isso. Então era doentes pra lá. Tinha recursos nenhum pra comprar remédio, e nada. E tinha então o pneumotórax que se fazia. Então, iam para os dispensários, faziam sobretudo, em massa, pneumotórax, pneumotórax... E tem a sua lógica, porque um movimento constante, constante, constante é

difícil cicatrizar, e quando fica fechado fica mais fácil. Então com isso se levou muito tempo. Foi Forlanini, um italiano que descobriu. Bem, até ... só tinha isso, e tinha cirurgias... tremendas toracoplastias, tirava as costelas todas, o sujeito ficava todo deformado. Mas...

DN - Mas aí com isso, com isso... com isso a cura da tuberculose, quer dizer, os 40% de cura que se conseguia, independia do clima?

JS - Independia do clima, às vezes, às vezes... Porque...

DN - Mas as pessoas continuavam acreditando que o clima era importante?

JS - Acreditavam... todos acreditavam; tuberculose mata. Clima aqui, Campinho e Santa Isabel, iam pra lá. Então tinha lá Campinho, Santa Isabel... E ia passando para o pessoal do interior, coitado, sem defesa nenhuma, e aí se discutiram, se generalizavam e se homogeneizaram, vamos dizer assim, né? Tanto na cidade como no campo. Na cidade (?) muito maior gravidade mais (?). Mas, difundiu-se em toda parte. E um drama, terrível pra todo mundo, até começar a... acho que a hidrazida foi 52.

DN - Foi.

JS - É... é apareceu a hidrazida. Puxa vida, que beleza!

DN - Agora, o pneumotórax era um tratamento muito prolongado, né?

JS - Muito prolongado...

DN - As pessoas não desistiam no meio do tratamento?

JS - Não, não, porque toda família ficava assim... dizia...

DN - Controlado...

JS - ...olha, tratamento prolongado precisa fazer isso, controlava e via o resultado e tudo isso. Mas isso dava em alta sociedade.

DN - Mesmo os pobres que começavam o tratamento com pneumotórax...

JS - Muitos abandonavam.

DN - O senhor acha o que?

JS - Se achavam melhor, estavam melhor - "eu estou bom. Esse médico quer me chatear ainda mais, enfiar uma agulha, ficar um pouquinho de falta de ar". Eles diziam. Muitos abandonavam, vamos dizer assim, talvez uns 20% a 30%, os outros faziam, curando ou não. Os outros processos avançados não tinham imunidade nenhuma, não é? Aquela gente mais pobre nos dispensários. Então...

AB - E pra evitar esse abandono, o trabalho de educação sanitária nos dispensários era importante, né?

JS - O mais possível, o mais possível.

AB - ...a conversa com o médico, contato...

JS - ...Correto. O mais possível, nós tínhamos um bom serviço de visitação sanitária no Centro de Saúde, com... com enfermeiras de Ana Nery mesmo.

DN - A vacina BCG, o senhor lembra como foi o início dela no Espírito Santo?

JS - BCG...

DN - Foi com centro de saúde, né, que começou a vacinação?

JS - Eu não sei se já tinha começado antes de eu chegar aqui, acho que não, acho que não.

AB - Antes do senhor voltar do Rio?

DN - É.

AB - Provavelmente não, porque em 32 o Arlindo de Assis estava desenvolvendo na Fundação as primeiras experiências com alunos e tal.

DN - É. E a passagem do BCG oral para o intradérmico, houve discussões aqui no Espírito Santo sobre isso?

JS - Não, não porque tudo foi baseado em estudos, e muito mais simples né... pra conservação, pra tudo, pra tudo. Veio simplificar enormemente tudo. Então, foi um salto enorme, aderimos imediatamente.

DN - Foi imediatamente aceito.

JS - Porque tinha que saber se o indivíduo tinha almoçado, se não tinha almoçado; se vomitou, se não vomitou, era uma complicação. Então a coisa foi um achado enorme.

DN - E a consideração sobre o BCG hoje, o senhor acha que ela continua sendo importante?

JS - Importantíssima. O BCG, importantíssimo. Porque ele, ele estimula a imunidade pra tuberculose, mas também estimula a imunidade de maneira geral. Mas tem um efeito mais do que exclusivamente específico, é um estímulo ao organismo a pronto reagir, contra o estímulo de maneira que eu acho, que tem uma ação até além um pouco da tuberculose.

DN - E sobre a indicação do uso do BCG?

JS - Não... o BCG...

DN - Quer dizer... tem alguns, algumas indicações até de uso indiscriminado né...

JS - Ainda é.

DN - ... e outros só pra grupos específicos de risco.

JS - Não, não. O BCG-ID, quer dizer, o sujeito existe e pode morrer com o BCG, mas o indivíduo morreria de uma gripe, porque ele não tem imunidade absolutamente nenhuma. Se ele tomou aquilo, que estimulou a imunidade, que ele não tem nenhuma; sujeito a tudo quanto é enfermidade, morre de tuberculose como pode morrer de morte natural. Existem esses indivíduos quase que nascem pra morrer, infelizmente existem, porque falta de imunidade absoluta, e hoje em dia então ainda tem isso outra vez, porque agora tem AIDS.

DN - É.

JS - De maneira que o BCG num adético é perigoso. Porque já (?). Então pode acontecer isso. Precisa um cuidado...

DN - Mas o senhor acha que o BCG deve ser dado para todas as crianças?

JS - Ainda sim, ainda sim, porque como eu disse, a mortalidade era de 500 por 100 mil; passou a atualmente de 10 por 100 mil aqui no estado, em Vitória; então mais de 10% ainda é muita coisa... ainda é grave. Depois de um certo tempo caiu em (?) por causa do BCG. Pra que isso? Pra que vender BCG na Alemanha, na Inglaterra, não tem tuberculoso. O alemão, por acaso lá, pode ter um focozinho pequeno (?)

DN - Agora sobre os quimioterápicos, doutor Jayme, o senhor já nos falou, no meio da entrevista, algumas vezes nos quimioterápicos, e tal. Como é que foi lá no Espírito Santo a introdução dos quimioterápicos?

JS - É... foi...

DN - Também foi imediato, o senhor está sempre recordando 52, 1952?

JS - É, justamente quando apareceu foi um... Então, vê se é bom mesmo. E aí experimentar aqui, não tá dando resultado, então, veio estreptomomicina, e o resultado nem sempre dava certo, depois de certo tempo...

DN - A gente, a gente sabe que...

JS - Ela era uma só.

DN - Os primeiros ...

JS - Então pra formas sensíveis, mas tinha outros que eram resistentes.

DN - ...resistentes.

JS - É, e aí, e aí ficou até ruim como caso, porque começou a... a... selecionar, quer dizer, os sensíveis desapareceram. Então o contágio se fazia com os germes já resistentes; então precisa mais outra droga, apareceu hidrazida, estreptomina liofilizada. Foi muita coisa! Agora então quando apareceu a rifampicina, então foi uma beleza, mas atrapalha numa coisa, a rifampicina. No que?

JS - Porque a rifampicina, não é específico pra tuberculose.

DN - Não.

JS - Ele serve pra outras enfermidades, mas, quer dizer, o sujeito está gastando numa droga...

DN - ... que serviria pra outra.

JS - Que serviria... e até para diagnóstico não se sabe se foi por causa da rifampicina ou não, se fosse estreptomina e hidrazida estava certo, mas tem a rifampicina no meio, a rifampicina atua numa porção de outros germes, não é só o bacilo de Koch (?). Tem sempre uma vantagem e tem uma desvantagem. Mas não importa, o importante era curar o indivíduo de uma vez, a rifampicina foi um grande, grande... Mas tem história, né?

AB - Professor, os seus trabalhos em cima de... das experiências intermitentes, de quimioterapia intermitentes, era na quimioprofilaxia.

JS - Não, mesmo no tratamento.

AB - E mesmo no tratamento?

JS - Justamente.

AB - E como é que era esse...

JS - Não era... porque dar continuamente, continuidade aquelas drogas todas, pensou-se o seguinte: porque não dar em doses fortes uma vez por semana? Facilitava a saúde pública de maneira geral, mas então dá a hidrazida só, criava resistência; associar com drogas injetáveis e dar completo e dá seis meses, e as vezes melhora. E eis a grande doutrinação, doutrinação... que o sujeito melhora tão rapidamente essas três drogas e abandonar. E o abandono cresceu. - "Ah, estou bom, pra que tomar remédio". E esse infelizmente é classe média, porque a classe baixa é mais sofrida, menos alimentada etc... Mas que, ainda tem essa mentalidade, né? - "Ah, eu estou bom, o senhor tá me chateando pra que, né?" Mas quando se conseguiu fazer um esquema que cura 100% dos casos, não é? (?) Ainda tem casos que não se cura, porque o sujeito não tem imunidade nenhuma. Mas esse ia morrer do mesmo jeito.

DN - Não cura por que?

JS - Não tem imunidade nenhuma. Então morria de qualquer jeito, morria até com uma gripe. Não tinha imunidade.

DN - Esse...

JS - Esses quase que nascem pra morrer, né?

DN - Esse tratamento intermitente seria uma... uma primeira fase internado, outra tratamento ambulatorial?

JS - Não, mas ajudou bastante, ajudou bastante, porque o número de abandonos diminuiu bastante... O sujeito fazia a medicação toda no posto, levava pra casa, controlava e seguiam mais... E tem muito disso, a mentalidade do povo mais pobre acredita muito em injeção, mais do que em...

DN - Em comprimidos.

JS - E etc...

DN - É... é.

JS - Então essa associação ficou muito boa, né?

AB - Então esse sistema intermitente, era via intra... era por injeção?

JS - Por injeção.

AB - É.

JS - Era estreptomicina, hidrazida e PAS. Eram os três. Agora, puxa! Está uma beleza... não vou dizer que perdeu a graça porque, puxa! (risos) Tá curando tudo. (risos)

DN - Ainda tem casos de tuberculose, né?

JS - Tem, ainda tem.

DN - Doutor Jayme, algum membro da família seguiu a carreira de medico fisiologista?

JS - Não, não, nem de médico. Meu pai era médico, como eu disse. O filho mais velho...

DN - Alguns de seus filhos?

JS - Também não, nada, nada.

DN - Não?

JS - Agora, agora tenho duas netas fazendo...

DN - ...medicina.

JS - ...medicina, mas não tuberculose. Uma foi pra cirurgia e a outra...

DN - Ainda não sabe.

JS - Ainda não sabe. Não tá ligando muito. Não dá pra coisa não. É muito bonita e tudo isso, e tá com namorado etc... mas acho que acaba não fazendo exame nenhum. E tenho uma bisneta, né? Isso eu não sei o que ela vai ser (risos)

DN - Dos filhos nenhum seguiu medicina?

JS - Nenhum. Eu tive... eu tive só dois filhos. Porque a minha senhora não... eu queria ter quatro filhos, mas ela não quis, não quis, tudo bem. A menina é que era brilhantíssima, estudou filosofia, morreu com tumor cerebral, era, era fora de série. O menino saiu mais trabalhador, no batente, engenheiro, pá de estrada, etc... e tá muito bem de vida, muito melhor do que eu... mas são dois filhos, um era, né? São filhos muito bons, um morreu. Eu queira ter quatro, e devia ter quatro, mas dona Firmina não quis...

AB - E da família; sobrinhos e tal, alguém que segue essa área da pneumologia, tisiologia?

JS - Bom... bem, minha irmã mais velha teve filhos, mas nenhum seguiu para medicina. Uma outra também ficou viúva; também não teve filhos... E... bem, o Jones...

DN - Jones é seu irmão?

JS - É. Foi interventor e governador do estado, e senador; trabalhou muito. Este os filhos não quiseram fazer medicina, nenhum deles. De maneira que acho que ... a família termina por aqui. E eu sempre querendo... Eu tenho um neto, como eu disse, que fazia medicina, a outra que... Mas ele quer fazer cirurgia...

DN - O senhor tem netos e bisnetos, trinotos (risos) que voltam pra área...

JS - ..., mas queria que fosse já pra eu poder orientá-los.

DN - E como é que o senhor vê um doente de tuberculose hoje doutor Jayme?

JS - Não... o doente de tuberculose hoje, eu quase eu não vejo, quase não vejo, porque vem aqui bater a radiografia; tá doente eu encaminhando para o...

DN - ...para o centro de saúde.

JS - Porque as drogas... não tem drogas a venda. E os Postos de Saúde podem fazer de graça, de maneira que eles vão pra lá e curam todos, né, uns abandonam ainda, tudo isso, tem recaída e aí é fica um problema, mas o grosso mesmo... E é o esquema que é o ideal mesmo, bem, bem melhor ainda do que o esquema no meu tempo, agora tem rifampicina, não tinha naquela época, mas que cura todo mundo, aquela coisa. De uma certa maneira, é duro dizer isso, mas perdeu a graça.

DN - O senhor acha que a prevalência ainda é alta? Que poderia ser menor?

JS - Devia ser menor, devia ser menor sim. Mas o brasileiro abandona muito o tratamento, não segue [barulho]. Se está melhor (?) e são seis meses. E muitos abandonam porque... Eu ainda encontro, mas infelizmente eu não devia encontrar, mas encontro ainda uma porção, e encontro uma porção que vem aqui pra emprego, exclusivamente pra emprego e dizem que não precisam fazer abreugrafia, eu digo: "Como não faz?" - Eu tenho, e tive o cuidado desde o primeiro, a dizer assim: "Bate outra chapa e guarda aí", né? E eu tenho "bolos", "bolos" assim em casa, que veio pra exame e a chapa lá... cavernas (?) e podiam morrer de repente com hemoptise e outra coisa, e agora parece que vão (?) ainda precisa.

DN - Como é que o senhor acha que deveria se dar hoje, o controle da tuberculose, para que pudesse diminuir essa prevalência da tuberculose?

JS - Continuar com a abreugrafia [tosse] porque aí impedia muita gente de morrer, e curava muita gente com tratamento... Mas o Collor, que eu admiro muito; ele também me admira muito, acho que está havendo muita coisa, as pessoas estão reclamando muito. Mas (?) levei uma porção de idéias aqui em Vitória, quando ele assumiu era 4% ao dia, a inflação. Então é o seguinte "Ah, tá ganhando pouco". "Espera"... e a inflação que come todo dinheiro. Uma das formas do dinheiro ficar valendo é tirar a inflação, então o dinheiro vai continuar, ninguém tá olhando isso. Eu o admiro muito, é um homem de atitude e tudo isso, é necessário para o país, e jovem sobretudo, 40 anos, puxa e com ascendência do pai, do avô, gente muito boa, antecedentes familiares etc...

DN - É.

JS - ... antecedentes, etc...

DN - Antecedentes familiares. Agora, doutor Jayme, a gente queria que o senhor falasse sobre algumas pessoas ligadas a área de tuberculose também, que o senhor é... tivesse conhecido.

JS - Mas aqui ou lá no Rio, ou onde?

DN - Tanto faz, que o senhor tenha conhecido, alguém que o senhor lembre, tenha conhecido.

JS - Bem, professor Paula Souza foi em São Paulo...

DN - Sim.

JS - ... um grande especialista, Edmundo Blundi, grande especialista, este morreu, aqui me substituiu na secretaria. Doutor Alberto Renzo que foi... O Newton Bethlem, também era do tempo... (?) o Rigatto, o Dr. José Silveira... tem uma porção, né?

AB - O Alberto Renzo era do...

JS - Do Rio.

AB - Do Rio, estado, serviço de...

JS - ...do Rio, eu não sei se ele está vivo, o Renzo. Muito sério, meio zangado, mas um bom especialista. Mas..., mas o maior especialista que temos aqui, nós temos o Mário Rigatto, não em tuberculose, ele não faz tuberculose só, né? [interrupção da fita]

Fita 5 - Lado A

DN - Continuação da entrevista com o doutor Jayme Santos Neves, Vitória 14 de novembro de 1990, fita nº 5 [interrupção da fita]. Pronto Dr. Jayme. Dr. Jayme, aí sobre algumas pessoas o senhor nos falou, acho que o senhor poderia nos falar um pouquinho mais até de cada uma delas, o senhor já nos falou sobre o doutor Manoel de Abreu... falou e... a gente não estava na frente do gravador, e a gente queria que o senhor falasse um pouco mais agora para ficar gravado.

JS - Bem, eu tenho na parte preventiva da tuberculose... da BCG, etc... [vozes], o professor Arlindo de Assis, um homem formidável, acho que já morreu. Na parte de clínica, da tuberculose, vamos dizer assim, tem o Newton Bethlem, que tá no Rio e, é muito bom. O professor Rigatto, o professor José Silveira na Bahia (?). Como diretor do serviço de tuberculose, o professor Raphael de Paula Souza, e dona Adelaide, a senhora dele, que trabalhava muito -- mulher bem mais inteligente que ele. Não sei se falei isso (risos). E... também tem o... o Newton Bethlem, já falei; em Minas tem o ... Raphael ... e o Laurênio.

DN - Não. O Laurênio é em Recife.

JS - O Laurênio é em Recife.

DN - O de Minas, eu acho que a gente não sabe.

JS - Mas... poxa vida!

DN - O Aloysio de Paula o senhor conheceu?

JS - Muito. ²⁽¹⁾ Mas um homem extremamente inteligente. Mas, na verdade...

² ¹⁾Este trecho não foi transcrito por solicitação do entrevistado.

DN - Culto, né? Ele era muito culto.

JS - Culto, e ele era inteligente também; não era só culto e inteligente não, levava as coisas a sério. Você não tem culpa nenhuma de nascer assim, né? E as palestras dele como professor convidado, que eram excelentíssimas.

DN - É, ele foi professor o tempo todo, né? Até no final, até na Fluminense, dando aula. O doutor Antonio Ibiapina, o senhor conheceu?

JS - O Ibiapina eu conheci muito, o Ibiapina é... foi professor, mas não era uma inteligência... era meio fechadão, contrário do Aluísio, né? Mas era um bom professor, Antônio Ibiapina.

DN - Antonio Ibiapina, é. O José Silveira o senhor já falou, né. Doutor Aldo Vilas Boas, o senhor conheceu?

JS - O Aldo foi grande amigo meu, grande amigo meu; Villas Boas, ele era do Norte, acho que de Pernambuco, né?

DN - É, é. Agora ele está no Rio, a gente vai entrevistar ele.

JS - ... Tá no Rio. Vai falar muito que fomos muito amigos...

DN - É. A gente vai entrevistar ele.

JS - ... e tudo, um grande trabalhador, um trabalhador sério e honesto. Ele dedicou muito tempo a tuberculose. Nos congressos ele estava lá sempre.

AB - Tem o trabalho dele na Fundação SESP.

JS - É... bem, aí eu não (?) porque ele saiu (?) mas ele foi (?) mais, é... (?)

DN - É.

JS - Mas, eu nunca mais vi o Aldo, mas amigo e da corrente, mesma... a corrente, formava aquela, aquela equipezinha, que se dava muito, né, ele era um deles; muito mais do que a Laurênio, era Laurênio, meio fechado, mas o Aldo não.

DN - O Laurênio é de Recife? O Lourival Ribeiro, o senhor conheceu?

JS - Muito, o Lourival era escritor e tudo, o Lourival escrevia muito bem, ele era, ele não era um trabalhador, compreendeu?

DN - É. Mais um escritor.

JS - Mais um escritor.

DN - Escreve...

JS - E um bom sujeito, a conversa dele e tudo; o Lourival é muito bom. E quando eu estive lá no Rio, aqueles três anos e meio que eu passei lá, né; a esposa trabalhando comigo, né, nos reuníamos, quase que semanalmente pra discutir problemas etc... ao assunto de tuberculose Era uma equipe muito boa.

AB - Professor, e o Dr. Flávio Poppe de Figueiredo, o senhor teve...

JS - Flávio Poppe também, né era ator, né, era aquela equipe do momento. O Paula Souza era mais reservado, mas preparado, um sujeito honestíssimo, correto de boa família e tudo, mas era um pouco orgulhoso, pelo menos de temperamento, não se aproximava de ninguém (?) e sempre muito arrumado. (risos)

DN - Agora, o professor, o doutor José Rosemberg, ele não estava na área de tuberculose desde o começo, né?

JS - Eu acho que sim, eu acho que sim. Que desde o primeiro congresso que nós...

DN - O senhor conhece ele?

JS - Conheço o Rosemberg muito. Muito inteligente, muito inteligente mesmo.

DN - É, eles ainda brincaram lá em Salvador, que quando ele mandasse o curriculum pra gente, ia ter que mandar de caminhão, porque é muita coisa, né (risos)

JS - É, ele é um sujeito organizadíssimo, até é judaico naturalmente, Rosemberg.

DN - É.

JS - Então a organização dele era fantástica, tudo dele é... Mas muito, muito amigo meu, muito, dos mais diletos. Desses congressos todos era o que estava sempre comigo. Como eu disse, nascemos no mesmo dia, né. (risos)

DN - Foram poucos anos de diferença, né?

JS - Acho que um ano.

DN - Acho que é isso.

JS - Acho que um ano de diferença só.

DN - Um ano, né? Doutor Jaime, o que a gente teria pra lhe perguntar seria isso...

JS - Qualquer coisa.

DN - ... O senhor tem alguma coisa a acrescentar, alguma coisa que o senhor queira dizer, alguma coisa que a gente não tenha perguntado?

JS - Não.

AB - Como é que foi essa sensação da entrevista pro senhor, como...

JS - É uma satisfação enorme dar uma entrevista.

DN - O senhor se sentiu bem, fazendo a entrevista.

JS - É. Mas as vezes eu fico pensando assim: "puxa, pra que essa entrevista, será que tá na hora de morrer". (risos). Mas se eu morro com 81 anos.

AB - (risos) Não, pelo amor de Deus.

JS - Mas... Bem, minha mãe faleceu tarde, acho que bem velha. Eu faço ginástica, escrevo e tudo, a mente trabalhando sem parar, tenho um consultório ainda, tudo isso, acho que isso ajuda muito. né?

DN - Mas foi a primeira entrevista que o senhor respondeu na vida?

JS - Não... eu devo ter tido várias entrevistas.

DN - Então... O senhor, o senhor não fez essa pergunta nas outras entrevistas.

JS - Não, eu era mais moço, né?

DN - Risos. Mas é só coincidência, a gente tá fazendo o projeto agora.

JS - Eu contei tudo. Bem contei tudo. Até a saída lá do SNI.

DN - Contou. Do SNI, contou.

JS - Que foi a última no Rio, né. (risos) Mas é gozado como uma experiência médica... o sujeito entrar, olhar e dizer: "policial".

AB - Uma experiência médica e uma experiência de vida, que o senhor o tempo todo tinha, né?

DN - É.

JS - Mas sobretudo sendo um observador, e tem que ser um bom observador.

AB - Observador da vida, das nuvens

JS - É, tem que ser um observador em tudo, em tudo. Eu vou ver...

DN - Os livros, tá bom [interrupção da fita]^{3*}

³ a fita não foi totalmente gravada